

16º INTERECLESIAL DAS CEBs

Cachoeiro de Itapemirim-ES | 20 a 24 Julho de 2027

CEBs: caminhando com as juventudes, na alegria do Evangelho, a serviço do Reino.



TEXTO-BASE



CEBs: caminhando com as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino.

**Texto-base em preparação ao 16º Intereclesial das
Comunidades Eclesiais de Base-CEBs
(Cachoeiro do Itapemirim-ES, julho de 2027)**

Tema: CEBs - caminhando com as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino.

Iluminação Bíblica: “Levanta-te, brilhe, pois chegou a tua luz!” (Isaías 60,1).

Organização

Leon Patrick Afonso de Souza
Maria Joaquina Fernandes Pinto (Quininha)
Neuza Mafra
Pr. Claudio Ribeiro
Pe. Vileci Basílio Vidal
Verônica Michelle Gonçalves

Apresentação

Dom Gabriel Marchesi

Revisão

Ir. Joilson Toledo
Rocheli Koralewski
Verônica Michelle Gonçalves

Capa

Bento Ailton Zilli

Diagramação e Impressão

Gráfica Diocesana

Site

<https://cebsdobrasil.com.br>

Colaborações

Chave Pix: 16intercelesial@gmail.com
Nome: DIOCESE DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM
Instituição: SICOOB CREDIROCHAS



QR Code

ÍNDICE

Apresentação	8
Mensagem Equipe do Texto-base	10
VER “Aproximar-se das juventudes, escutar as juventudes”	14
1. Para caminhar com as juventudes na alegria do Evangelho é preciso superar três grandes desafios: adultocentrismo; utilitarismo e clericalismo	15
<i>Neuza Mafra</i>	
2. Juventude como categoria estruturante da comunidade.	27
<i>Rocheli Koralewski</i>	
3. As Galiléias Juvenis: as juventudes como lugar teológico.	34
<i>Verônica Michelle Gonçalves e Robson da Silva Oliveira</i>	
4. Para além das migalhas: as lutas e desafios na vida das mulheres jovens. ..	42
<i>Débora Giehl</i>	
5. Juventudes negras e indígenas: resistir para existir.	50
<i>Pastora Priscilla dos Reis Ribeiro</i>	
6. Proximidade, paixão e ternura: acompanhar as juventudes em sua afetividade e sexualidade.	55
<i>João Melo e Silva Junior e Maria Joaquina Fernandes Pinto (Quininha)</i>	
7. Da Via Crucis à Via Lucis: saúde mental e novos desafios pastorais.	67
<i>Padre Rino Bonvini</i>	
8. Trabalho e juventudes: entre a segurança e o adoecimento.	74
<i>João Marcos Picarti</i>	
9. Juventudes, emergência climática e a Casa Comum.	79
<i>Suzana Moreira</i>	
10. Juventudes e Religiosidade: vivência e profetismo.	85
<i>Rosemary Fernandes da Costa e Lívia Lages</i>	

11. Juventudes e comunicação: comunicar como gesto de encarnação	91
<i>Ricieri Benedetti</i>	
JULGAR/ILUMINAR “Fascinar-se pelas juventudes, discernir com as juventudes”	99
12. Juventudes em saída, iluminadas pela esperança	100
<i>Dom Luiz Fernando Lisboa</i>	
13. A face jovem dos profetas e profetisas na história do povo de Deus	105
<i>Celso Loraschi</i>	
14. Saber escutar, aprender e dialogar com as juventudes: o exemplo de Jesus nos Evangelhos.	112
<i>Pastor Claudio Ribeiro e Pastora Luciana Petersen</i>	
15. Amar e defender a vida: o compromisso da Igreja com as juventudes. .118	
<i>Luis Duarte Vieira</i>	
16. “Esse caminho vem de longe”: o que as CEBs já falaram sobre juventudes?	131
<i>Cícera Laércia Nascimento de Sousa e Padre Vileci Basílio Vidal</i>	
17. Espiritualidade das CEBs na caminhada com as juventudes.	137
<i>Padre Joaquim Jocélio de Sousa Costa</i>	
AGIR “Converter-se com as juventudes, co(mover)-se com as juventudes”	144
18. Juventudes como potencial transformador: Esperanças que emergem da vida e das experiências juvenis.	145
<i>Vanessa Araújo Correia</i>	
19. Os movimentos pedagógicos e a missão com as juventudes.	150
<i>Padre Maicon A. Malacarne</i>	
20. “Partam para a Galileia, lá vocês me verão” (Mt 28,10).	156
<i>Victor Paiva, ofs</i>	
Leitura Mística do Ícone do 16º Intereclesial de CEBs.	163

Apresentação

Dom Gabriel Marchesi

O 16º Intereclesial (CEBs – Caminhando com as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino) vai nos levar para o Espírito Santo: este Texto-base, junto com o compromisso de todos e todas que com isso vão se preparar, quer nos guiar para um caminho feito, não só dos quilômetros que nos levarão até Cachoeiro de Itapemirim, mas do firme compromisso de seguir aquele que quer “converter o coração dos pais aos filhos” (Lc 1,17) e a todos os pequenos, no seguimento de Jesus que veio nos libertar de todo mal e opressão e nos guiar para a alegria do Reino.

“Sai da tua terra, da tua parentela, da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12,1): inicia assim a aventura de Abraão, o seu novo caminho rumo a uma nova terra, a uma nova vida, a ser benção em favor de “todas as nações da terra”. E o trem das CEBs, na sua viagem que não para, está agora acompanhando Abraão com a mesma coragem e confiança no chamado de Deus. Sim, estas mesmas palavras nos são agora dirigidas através do tema e do lema do próximo Intereclesial.

Sai da tua terra, escuta este Deus que te visita com rosto de jovem, seja capaz de te desinstalar de todas as tuas seguranças; descobre como te manter fiel ao teu caminho, abrindo-te à novidade de Deus. Porque Deus é sempre novidade, é caminho novo e “vinho novo” para alegrar a tua festa, como em Caná, e esta novidade tem o rosto da juventude. Porque, se afirmamos que Deus “se fez carne”, temos que reconhecê-lo presente também nos jovens e dizer que “Deus se fez jovem”. Encontrar e escutar as juventudes significa ter a fé humilde e corajosa de escutar a Deus, de se fazer dócil ao seu Espírito, de não ter medo de “deixar” e de experimentar a alegria do “encontrar”.

O 16º Intereclesial deve tornar-se um grande abraço, que nós vamos iniciar já através das reflexões deste Texto-base: o abraço das juventudes às CEBs, para que os jovens possam transmitir a todos e todas que, há tempo, estão a caminho, as intuições e as revelações que Deus deposita em seus corações; a visão e a experiência da realidade que eles têm; o mandato que essa geração está recebendo de Deus para o mundo atual. Mas também o abraço das CEBs às juventudes, para transmitir para elas toda a riqueza do caminho feito; a paixão pelo Reino que

juntos somos chamados a construir; a alegria de descobrir, no Evangelho, a luz que nos guia, a experiéncia que orienta e que fez corajosos e perseverantes tantos irmãos e irmãs, capazes, desde muitos anos, de abrir um caminho de fidelidade e de esperança para quem sabe escutar o convite do Senhor.

Neste abraço seremos profecia de uma Igreja que, junto com o seu Senhor, olha pra frente, para alcançar aquela fecundidade que o Pai prometeu a Abraão e para ser, finalmente, “benção” para todos os povos, luz que faça brilhar a nossa história. “Levantemo-nos”, pois, porque “Chegou a tua luz... teu sol nunca mais vai se por, e a tua lua jamais minguará, pois o Senhor será a tua luz para sempre” (Is 60,1.20).

Em primeiro lugar: reconhecer o trabalho feito e agradecer

*“Em cada vagão que se une
é sinal que as CEBs
vão sempre crescer”*

Com muita alegria no coração, entregamos às Comunidades Eclesiais de Base de todo o Brasil este material, que esperamos ser uma valiosa contribuição para a caminhada pastoral em todos os cantos do país.

Em 2027, o “trem das CEBs” chegará a Cachoeiro de Itapemirim, no querido Estado do Espírito Santo. E o nome do chão que já nos acolhe não poderia ser outro. É justamente no sopro do Espírito Santo que teremos o 16º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base, cujo tema: “CEBs, caminhando com as juventudes na alegria do evangelho, a serviço do Reino” muito nos anima e desafia. Para iluminar os nossos caminhos, temos o lema bíblico deste encontro: *“Levanta-te, brilhe, pois chegou a tua luz”* – Isaías 60,1.

Falar sobre CEBs e juventudes não é uma tarefa fácil! Por isso, optamos por fazer um longo e cuidadoso caminho. Primeiramente, como não poderia deixar de ser, ouvir jovens das várias regiões de nosso Brasil. Este material, que ora introduzimos, é fruto de vários movimentos de escuta e diálogo. Entre eles, o Seminário Nacional, organizado pela Comissão Ampliada que prepara o Intereclesial, que foi realizado no mês de julho de 2025, para ouvir jovens de diferentes comunidades e regiões do país. Quanta riqueza e quantas indicações de caminhos surgiram nesse tão rico processo! Somamos à esse conjunto de contribuições, tivemos também os resultados de outros seminários e encontros realizados sobre o mesmo tema por organizações e grupos parceiros das CEBs.

Depois disso, a partir da sistematização desses processos, enumeramos, em trabalho conjunto e participativo, vários aspectos que brotam do chão que pisamos, para “ver”, com muita atenção e análise, as realidades das CEBs e das juventudes e, com isso, escutá-las e nos aproximarmos delas. Também procuramos descobrir os elementos bíblicos e eclesiais que pudessem mais efetivamente iluminar e, assim, nos ajudar a “julgar” e a discernir todos esses contextos, juntamente com as juventudes, que tanto nos fascinam. Como não poderíamos parar por aí, saímos em busca do “agir”, na Igreja e no mundo. Trata-se de uma aventura e um posicionamento de se converter com as juventudes, mover-se e

comover-se com elas, como nos ensina a Igreja de nossa América Latina.

Dados esses passos, faltava-nos encontrar as muitas mãos para escrever toda essa riqueza e traduzir em palavras o que estava em nossas mentes e corações. Três dezenas de pessoas colocaram “a mão na massa”! Uma linda diversidade: lideranças juvenis, cristãos/ãs leigos/as, educadores/as, assessores/as, bispos, padres, pastor/as evangélicos/as, gente de todo o canto do país, com experiências e conhecimentos profundos e variados. Somos imensamente gratos/as a todos/as irmãos e irmãs que cooperaram com este belíssimo mutirão!

Agora, diante de nós, temos a tarefa e a oportunidade de ler com atenção cada linha, de divulgar bastante nas comunidades e outros espaços interessados e, debater estes temas com disposição e sensibilidade, trazendo novas provocações, perguntas e gerando novos processos a partir deste Texto-base (pois, é por essa razão que ele se chama assim!). Desta forma, o 16º Intereclesial das CEBs já vai acontecendo na prática...

Ao final de cada capítulo, estão indicadas algumas questões para serem refletidas nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços). Como sabemos, “o caminho se faz ao andar”. Nossa expectativa é que este Texto-base possa circular de mão em mão, com todo mundo conversando sobre ele, abrindo o coração e as mentes para, com as juventudes, na alegria do Evangelho, estarmos a serviço do Reino.

Equipe do Texto-base

Maria Joaquina Fernandes Pinto (Quininha), Neuza Mafra, Verônica Michelle Gonçalves

Pr. Claudio Ribeiro, Leon Patrick Afonso de Souza e Pe. Vileci Basílio Vidal.



VER

“Aproximar-se das juventudes,
escutar as juventudes”



1. Para caminhar com as Juventudes na alegria do Evangelho, é preciso superar três grandes desafios: o adultocentrismo, o utilitarismo e o clericalismo

Neuza Mafra

*“O rosto de Deus é jovem também,
E o sonho mais lindo é ele quem tem,
Deus não envelhece, tampouco morreu.
Continua vivo no povo que é seu,
Se a juventude viesse a faltar,
O rosto de Deus iria mudar”.*

Jorge Trevisol

Em 2027, teremos o 16º Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, em Cachoeiro de Itapemirim-ES. Ele terá como tema: CEBs, caminhando com as juventudes na alegria do evangelho, a serviço do Reino, cujo lema: *“Levanta-te, brilhe, pois chegou a tua luz”* – Is. 60, evoca uma caminhada sinodal, sendo antes, um espaço para um olhar sincero para o interior da nossa Igreja, e ali encontrar jovens que ainda, teimosamente insistem em ser Igreja. Neste olhar para dentro, é importante que perguntas como: quem são os/as jovens que aqui estão? O que temos feito por eles/as e com eles/as? O que deles/as esperamos? O que eles/as esperam de nós? dentre outras, para que a Igreja corajosamente se coloque como Mãe e Mestra e não os veja apenas como meros cumpridores de tarefas, quando são capazes de apontar caminhos, ao mesmo tempo em que expressam seu amor desinteressado, incondicional, autêntico, ousado e libertador por Jesus de Nazaré.

A invisibilização das juventudes na Igreja

Em tempos de retomada da sinodalidade, cujo “caminhar juntos” é constitutivo da Igreja, é da sua natureza e de seu verdadeiro *“modus vivendi et operandi”*, dizer que esta Igreja Povo de Deus, tem se descuidado do seu rosto mais jovem. Mesmo estando na Igreja, nas comunidades, nos grupos de jovens, ou nos diferentes formatos históricos de pastorais das juventudes (PJ, PJMP, PJR, PJE...), contribuindo nas liturgias ou em outras atividades eclesiais, os jovens são, muitas vezes, invisíveis para essa mesma Igreja.

Por que é importante pontuar esta questão? Porque não é mais possível continuar tratando as juventudes em graus de infantilização, de dependência, de negação de seu protagonismo e até mesmo de sua valiosa contribuição para uma Igreja mais profética, mais generosa e sinodal.

Por que ainda é comum alguns setores da Igreja tratarem de assuntos que dizem respeito às juventudes, sem contar com sua presença (por exemplo: o setor juventude, conselhos pastorais etc), ficando sempre na defensiva, negando-se a ouvi-las e não se deixar questionar?

O próprio Sínodo convocado pelo Papa Francisco em 2021, que visava resgatar uma prática antiga na tradição da Igreja, que servia para indicar o caminho feito pelo Povo de Deus, sendo anteriormente resgatada pelo Concílio Vaticano II, empenhou seu processo na dinâmica da comunhão, participação e missão. O que lhes garante (e a todos nós) participação nos espaços sinodais, como as assembleias, os conselhos pastorais, dentre outros, sendo estes, espaços de gestão, de decisão e de maturidade cristã. Mas qual é a qualidade desta participação, quando não é uma participação ativa?

Na Exortação Apostólica *Christus Vivit* (n. 41), o Papa Francisco faz um alerta: “Uma Igreja na defensiva, que perde a humildade, que deixa de escutar, que não permite ser questionada, perde a juventude e transforma-se num museu. Como poderá uma Igreja assim receber os sonhos dos jovens? Embora possua a verdade do Evangelho, isto não significa que a tenha compreendido plenamente; antes, deve crescer sempre na compreensão deste tesouro inesgotável”.

Notamos que Jesus não gostava que os adultos olhassem com desprezo para os mais jovens ou os mantivessem despoticamente ao seu serviço. Pelo contrário, pedia: “O que for maior entre vós, seja como o menor” (Lc 22, 26). Para Ele, a idade não estabelecia privilégios; e o fato de alguém ter menos anos vividos, não significava que valesse menos ou tivesse menor dignidade.

Um clamor que brota do coração das Juventudes

Não é raro ouvirmos os queixumes sobre as juventudes e sua participação na Igreja: “*essa juventude de hoje não quer saber de Igreja*”, “*agora, com essa onda digital, os jovens não vêm mais para as missas*”, “*os grupos de jovens morreram...*”, “*essa juventude de hoje não é como a de antigamente*”... As queixas não param por aí. Muitas lideranças adultas, mesmo que tenham muito carinho pela juventude, não conseguem vê-la como parte desta mesma Igreja em igual condição. Ao referirem-se aos jovens usam expressões que só aumentam

a exclusão e o afastamento dos mesmos: “*precisamos dar espaço para os/as jovens*”, “*a juventude precisa de uma assessoria adulta*”, “*vamos fazer um seminário para os/as jovens*”... Ouvia de uma jovem tempos atrás: “*Até hoje não entendi se as CEBs querem a juventude para fazer uma caminhada conjunta, ou se estão preocupadas, porque boa parte das lideranças envelheceram!*”.

É muito comum ouvirmos de alguns jovens um lamento que precisa mexer com as nossas entranhas e por vezes, como Igreja, até mesmo, nos envergonhar. Não é concebível que ainda queiramos “contar” com as juventudes, apenas para fazerem o trabalho braçal na Igreja (arrumar cadeiras, pendurar cartazes, fazer aquilo que adultos já não conseguem mais fazer). Isso dá a impressão de que quando as juventudes têm sede, nós somos um balde com água, prontos para matar sua sede o tempo todo.

As juventudes querem viver! Mas não querem qualquer vida. Elas sabem que têm muito a contribuir, que podem protagonizar a história e que não podem passar despercebidas na Igreja pela qual um dia fizeram sua profissão de fé. Quando o Papa Francisco esteve no Pontifício Colégio Internacional “*Maria Mater Ecclesiae*”, disse aos jovens: (...). “Parece-me que estamos rodeados por uma cultura que, por um lado, idolatra a juventude, tentando não deixá-la passar jamais, de outro, exclui tantos jovens de serem protagonistas”. E acrescentou: “Deus ama cada um e a cada um faz pessoalmente um chamado. Estejam certos: Deus tem confiança em vocês, ele os ama e os chama. (...) Ele faz a vocês a pergunta que um dia fez aos primeiros discípulos: **O que vocês estão procurando?** Ele convida vocês a partilharem a busca da vida com Ele, a caminhar juntos. E nós, como Igreja, desejamos fazer o mesmo, porque não podemos deixar de partilhar com entusiasmo a busca pela verdadeira alegria de cada um”.

É com as juventudes que temos a oportunidade de recuperar o verdadeiro rosto da Igreja e o entusiasmo pelo Reino, porque segundo Francisco, “o coração da Igreja é jovem”, precisamente porque o Evangelho é vital e se regenera continuamente.

Como as relações intergeracionais ajudam na superação do adultocentrismo, do utilitarismo e do clericalismo

Fazendo uma leitura popular e libertadora da Bíblia, veremos que as relações intergeracionais se davam na perspectiva da fé e da vida comunitária. E vinham acompanhadas de ações práticas, como: a valorização das pessoas idosas e da transmissão de saberes; a valorização e partilha de ensinamentos, feitos e

valores; a construção de relações harmoniosas e justas, superando conflitos e divisões etárias para uma convivência solidária. Assim como nos resgata o Salmo 145:4: “Uma geração contará à outra as tuas obras e anunciará os teus feitos”.

A participação ativa das juventudes no cenário eclesial sofre uma forte ruptura causada por um modelo de Igreja autocentrada e autorreferenciada, ou seja, fechada em si mesma. Neste cenário, as juventudes têm sido as mais prejudicadas, porque sofrem preconceitos que as colocam sempre à margem, mesmo que existam organizações de juventudes com uma caminhada histórica cinquentenária, como é o caso da Pastoral da Juventude. Neste sentido, é verdade o que disse Eduardo Galeano: “A utopia é tudo que nos faz caminhar”. Não fosse esta utopia, nossa juventude não teria chegado até aqui, sempre tão teimosamente. Para caminharmos com as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino, é urgente, antes de tudo, superarmos os desafios do adultocentrismo, do utilitarismo e do clericalismo.

Uma relação intergeracional sadia, precisa superar os principais desafios impostos às juventudes:

Do adultocentrismo

O próprio nome já sugere que a autoridade e a perspectiva dos adultos são superiores às dos jovens, tratando-os como imaturos ou incapazes de ter opiniões próprias. Os jovens são vistos como seres incompletos, por isso, dependentes e não levados em consideração nas tomadas de decisões importantes, até mesmo no que se refere a eles próprios. Sem levar em conta as características e necessidades próprias da juventude, cria-se inseguranças, expectativas irreais e o silenciamento dos próprios jovens. O adultocentrismo se manifesta de várias formas:

Olhares estereotipados e negativos: As juventudes são vistas através de lentes estereotipadas, associadas à rebeldia, conflitos, crises de identidade ou imaturidade, gerando insegurança e desconfiança, aumentando a distância entre as gerações, dificultando o diálogo e a criação de relações saudáveis baseadas no respeito mútuo.

Minimização das opiniões: As ideias e preocupações dos jovens, são desvalorizadas e ignoradas sob o pretexto de “falta de experiência”, levando-os a atitudes mais submissas na vida adulta, por medo de julgamento ou de expressar a própria identidade, inclusive na dificuldade de empoderamento.

Criação de expectativas irreais: O desenvolvimento cognitivo

e emocional dos jovens, costumam ser ignorados. Sem respeito ao processo gradual dos jovens, exige-se que tenham comportamentos de adultos. Isso pode afetar sua autoconfiança e autoestima, fazendo-os sentir que há algo de errado com eles.

Falta de espaços para participação: É parte do comportamento adultocêntrico, a não preocupação com a participação ativa das juventudes nos espaços onde possam refletir, questionar, sugerir e decidir, a partir de suas próprias perspectivas na formulação de políticas públicas, projetos sociais, formação, dentre outras.

Práticas repressivas: É muito comum no adultocentrismo, ficar parado no tempo, o que vale é o “seu tempo”, sem considerar mudanças em todos os sentidos. É daí que derivam as atitudes repressivas, levando as juventudes a ouvirem o “não” em todos os espaços. Contudo, quem mais tem sofrido com essa prática, são os jovens de origens populares.

A superação do adultocentrismo é urgente e passa necessariamente pelo reconhecimento das juventudes como sujeitos de direitos e atores políticos-sociais. Isso exige:

- Animar e fomentar o protagonismo juvenil, criando espaços de verdadeira sinodalidade e de oportunidades de participação nas decisões que afetam suas vidas;
- Proporcionar diálogos para que haja cada vez mais o entendimento mútuo e a troca de conhecimentos intergeracionais;
- Criar ambientes de respeito, para que a diversidade de opiniões e ritmos de desenvolvimento sejam valorizados.

Do utilitarismo

O que define o utilitarismo, sobretudo na intencionalidade deste texto, são as relações de “poder e uso”. Ou seja, quem detém o poder, frequentemente usa ou utiliza-se das pessoas, para fazer valer o seu poder, acreditando que a vida é feita de “quem manda e quem obedece”. Para esses, não valem os princípios da justiça, dignidade e respeito. Essa prática acontece em todas as esferas e ambientes.

Na “versão” real das juventudes, o utilitarismo tem seguido este viés e pode ser traduzido na forma como os “adultos” muitas vezes “usam”, ou utilizam-se dos jovens em diferentes realidades. Uma destas realidades está dentro da Igreja. Nelas, eles são chamados para ajudar, contribuir e favorecer, em ações às

quais os adultos não conseguem realizar. Diga-se, segundo os próprios jovens, para o trabalho braçal. Aqui não inclui-se os espaços de falas das juventudes, menos ainda os espaços onde possam decidir conjuntamente.

A estrutura da Igreja quer os jovens submissos, alienados, embora sempre tenha se alimentado das lideranças vindas das Pastorais da Juventude (PJs). Ela mesma forma e prepara as lideranças, mas depois tolhe sua participação ativa nos diferentes espaços eclesiais. Felizmente, temos muitas lideranças jovens atuando nos espaços da sociedade. É compromisso da Igreja prepará-las para esse campo. O lamentável é que, ao assumirem esses lugares na sociedade, em vez de apoiá-las, a igreja, muitas vezes, as ignora, talvez por seu perfil questionador e transgressor (no bom sentido). Não tem nada mais ameaçador do que pessoas que pensam, que têm o senso crítico aguçado, e as juventudes têm este perfil.

No artigo “O papel dos jovens no processo de sinodalidade eclesial”, publicado por Ronnalddh Oliveira, na *Revista Ekklesia Brasil*, ao referir-se sobre as juventudes contidas na Igreja, ele lembra que “dificilmente há a confiança de que podem ser profundos nas ações ou tampouco levados a sério. São mais úteis na venda de cartelas de shows de prêmios, acolhida e animação de eventos, bastidores tecnológicos de lives e encontros online. Isso acontece não por maldade, mas por uma espécie de segurança de preservação pelo que já se tem, as ‘tradições’ com ‘t’ minúsculos”.

A chave para a superação do utilitarismo, é em primeiro lugar, o reconhecimento do potencial das juventudes na caminhada eclesial. Isso exigirá não medir esforços, pois resultará num crescimento verdadeiramente sinodal. Para isso será preciso:

- Abraçar a sinodalidade como projeto pedagógico, entendendo que o papel das juventudes numa Igreja sinodal é o de ser jovem com poder de voz, de vez, de ação e articulação de forma concreta;
- Construir pontes em vez de muros;
- Rejuvenescer os espaços eclesiais, sem rejeitar a contribuição de pessoas adultas, como se tivessem seu prazo de validade vencido;
- Rever as estruturas e posturas, sobretudo das pessoas que estão à frente de diferentes serviços na Igreja.

Do clericalismo

O clericalismo é apontado como uma deformação da vivência eclesial, onde se atribui um poder excessivo e exclusivo aos ministros ordenados, que gera

distanciamento, desigualdade e hierarquização rígida, na qual o povo de Deus é visto mais como “destinatário passivo” do que sujeito ativo da missão.

O Papa Francisco denunciou o clericalismo como uma das principais raízes dos males na Igreja, dizendo que “o clericalismo anula a graça batismal” e enfraquece a corresponsabilidade. Em 2019, Francisco em diálogo com os Jesuítas de Moçambique e Madagáscar, afirmou:

O clericalismo é uma verdadeira perversão na Igreja. O pastor tem a capacidade de ir na frente do rebanho para mostrar o caminho, ficar no meio do rebanho para ver o que acontece dentro dele e também ficar atrás do rebanho para garantir que ninguém seja deixado para trás. O clericalismo, ao contrário, pretende que o pastor esteja sempre na frente, estabeleça uma rota e puna com a excomunhão aqueles que se afastam do rebanho. Em suma: é precisamente o contrário do que fez Jesus. O clericalismo condena, separa, chicoteia, despreza o povo de Deus.

Neste contexto, faz-se necessário recuperar algumas expressões, visto que seu mau uso origina, muitas vezes, ações clericalistas, partindo inclusive de cristãos/ãs leigos/as e do clero. Por exemplo, o Concílio Vaticano II, deixa muito claro que a Igreja é o Povo de Deus. O conceito de Povo de Deus tem sua origem no Antigo Testamento em virtude da “eleição” — povo eleito, escolhido e caminhante, povo santo e consagrado a Deus — e, no Novo Testamento, na convocação do Pai a Cristo e na efusão do Espírito Santo.

Na teologia do Concílio Vaticano II, em sua Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, este conceito ganha a compreensão de uma Igreja comunhão, cuja centralidade está no Batismo formando uma comunidade de batizados, onde todos — leigo/as, religiosos/as, diáconos, presbíteros e bispos — compartilham na unidade, a diversidade de dons e carismas com a mesma dignidade e missão, embora com diferentes serviços e ministérios. Não se trata de uma Igreja piramidal e hierárquica, mas uma Igreja que aprendeu a caminhar conjuntamente, um povo em marcha, guiado pelo Espírito.

O clericalismo é uma ideologia, e nela não cabe a compreensão de “Povo de Deus”. É comum ouvirmos as seguintes classificações: *‘lá estavam os padres e o povo’*. Essa ideia alimenta o distanciamento e a diferenciação entre ambos. Parece que a dignidade do padre é diferente da dignidade dos/as leigos e leigas. Ou ainda, que existe no seio do Povo de Deus, cristãos de primeira e segunda classe.

O lugar que cristãos e cristãs ocupam dentro do Povo de Deus através da participação nos serviços, mandatos, carismas, ou a especial participação do

bispo no único sacerdócio de Cristo, não faz alguém ser mais cristão ou menos cristão. O pastoreio exercido pelos bispos não os coloca na situação de donos da Igreja. O rebanho é de Deus. Ser papa, bispo ou padre, não os torna mais Igreja do que os leigos e leigas são.

Entender a Igreja como lugar sinodal, que significa “caminhar juntos”, é vital para reconhecer que entre este Povo de Deus, encontra-se também o rosto das juventudes. A sinodalidade está baseada na escuta mútua: todos/as têm voz no discernimento dos caminhos da missão e o discernimento é comunitário, com a participação de todos/as, respeitando a diversidade de ministérios e carismas, valorizando o *sensus fidei* do Povo de Deus. Ela se dá através da oração, do diálogo e da escuta do Espírito Santo, reconhecendo que Ele fala também através dos cristãos/as leigos/as, das juventudes e das diversas vocações e ministérios.

É o modo de ser da Igreja, na qual todo o Povo de Deus — cristãs/ãs leigos/as, religiosos/as, diáconos, presbíteros e bispos — assumem corresponsavelmente a missão evangelizadora, participam escutando, dialogando, discernindo e tomando decisões em comunhão, participação e missão. A Sinodalidade é uma dimensão constitutiva da Igreja: Não é algo opcional ou temporário, mas essencial à vida da Igreja. É um antídoto contra práticas autoritárias e excludentes, promovendo uma cultura de diálogo, acolhida e participação, além de ser um caminho para a superação do clericalismo, que, aliás, é condição para viver a sinodalidade. E o Papa Francisco, naquela mesma ocasião, afirmou: “A Igreja não é uma elite de sacerdotes, de consagrados e de bispos, todos formamos o Santo Povo fiel de Deus”.

Muitas vezes, alguns leigos e leigas são os responsáveis por tornar alguns padres clericalistas, atribuindo-lhes todas as responsabilidades, decisões, elogios, comparações e fortalecendo sua dependência naquilo que o padre “vai achar”. Um exemplo comum, é quando as lideranças leigas participam de alguma reunião e lá precisa-se tomar uma decisão sobre algo que diz respeito aos próprios leigos/as, e estes dizem que não poderão decidir porque terão que consultar o padre. Aqui ainda vale ressaltar outras práticas clericalista extremamente preocupantes: como as transferências de alguns ministros ordenados de uma paróquia para outra. Muitos são incapazes de se inculturar nas novas realidades, tão pouco respeitam seu contexto histórico-pastoral e suas lideranças. A primeira mudança é na reforma da casa paroquial, visando a maior “privacidade do padre”. Depois vem a reforma da Igreja, na sequência a mudança de lideranças, resultando em divisões na comunidade. Aqui aumenta ainda mais o abandono e a invisibilização das juventudes.

Como já sabemos, o clericalismo não é atribuído apenas ao clero ou ministros ordenados. É muito comum o clericalismo ser assumido pelos leigos/as, como nos alerta o Papa Francisco: “E o clericalismo, que não é só dos clérigos, é um comportamento que diz respeito a todos nós: o clericalismo é uma perversão da Igreja”.

A prática do clericalismo também pode ser assumida por lideranças leigas quando estas exercem determinado poder sobre os demais leigos/as, em qualquer serviço pastoral, e muitas vezes com atitudes iguais ou mais acentuadas às dos padres clericalistas.

Vem do Papa Francisco um apelo ao clero, que podemos considerar uma forma de superação deste mal que assola nossas comunidades: “Peço-lhes, não cedam ao mal do clericalismo, que afasta o povo e, especialmente, os jovens da Igreja. Viva entre vocês uma verdadeira fraternidade, que acolhe a diversidade e valoriza a riqueza de cada um e não tenham medo de fortalecer a comunhão com os leigos e leigas”.

As CEBs e as Juventudes, um caminho que faz esperar

Uma sadia relação entre adultos e Juventudes, precisa dar destaque ao diálogo intergeracional, sem precisamente deter-se na idade que têm os adultos ou os jovens. A história bíblica, por exemplo, trabalha com o tempo e não com a idade. Ela é marcada pela sucessão de gerações humanas, nas quais, cada geração tinha o compromisso de passar ensinamentos para as próximas. Cada um/a de nós está situado/a dentro de uma geração correspondente, mas não significa que esta geração refere-se à idade, e sim, a um grupo de pessoas vivendo num mesmo tempo histórico. Neste contexto, é importante lembrar que o tempo se renova sempre, refloresce, revigora-se, atualiza-se. Pensemos naquele velho trava-língua: “o tempo perguntou ao tempo: quanto tempo o tempo tem? E o tempo respondeu ao tempo: o tempo tem o tempo que o tempo tem”.

Quem sabe assim, seja possível superar as tensões etárias sempre presentes em nossas relações. Nem adultos pensando que as juventudes, por causa da pouca idade, não têm experiências, e por isso não estão aptas para contribuir nas grandes decisões, e nem os jovens verão os adultos como aqueles que já fizeram a sua parte e hoje estão com seu prazo de validade vencido. Os adultos ainda têm muito a aprender com a “audácia transgressora” das juventudes, assim como as juventudes têm muito a aprender com a sabedoria guardada no tempo pelos adultos.

Para finalizar, reproduzo uma pérola que encontrei, escrita em 2013 por Thiesco Crisóstomo, quando Secretário Nacional da Pastoral da Juventude, sob o título: “A Pastoral da Juventude e as Comunidades Eclesiais de Base – com pobres, construímos o Reino!” a quem peço licença para colocar aqui alguns trechos, encerrando este primeiro texto.

“Há algo que vem também desse período e que se fortalece em outro meio mais popular: a nossa ESPIRITUALIDADE! Também herdamos muito do “relacionar-se com Deus” da Ação Católica. Mas sem dúvida, é de um lugar muito específico que esta espiritualidade brota e reaviva nossos sonhos e esperanças na construção do Reino. Estou falando das Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs vão se fazendo espaço de acolhida, de cuidado, de reflexão e de luta, no mesmo período em que nós vamos forjando-nos através da Ação Católica Especializada (ACE). As juventudes da ACE (JAC, JEC, JIC, JOC e JUC) também fazem parte da mesma construção libertadora da Igreja Latino-Americana em que as CEBs estão inseridas.

Hoje nos deparamos com muitos discursos de que a PJ e as CEBs estão morrendo, que são propostas fracassadas de Igreja. Se somos fracassadas, também a Igreja no chão da América Latina, é fracassada! Fracassados/as somos também aqueles e aquelas que professamos nossa fé em Jesus e nos dizemos seus seguidores/as.

Nós, Pastoral da Juventude, não podemos sobreviver fora da comunidade! Não sobreviveremos se o nosso espírito não for o espírito das CEBs. Assim como as CEBs não podem sobreviver sem nossa vontade, ousadia e força! Somos a grande maioria dos/as jovens que se engajam nas comunidades. Somos, sem dúvida alguma, a juventude das CEBs. Claro que há muitas outras juventudes, mas nós somos essencialmente jovens das Comunidades Eclesiais de Base. As CEBs, como a PJ, são sinais fiéis de Deus na história de seu povo, por isso devem ser nossa esperança e o nosso jeito de construir os caminhos do Reino.

A chegada avassaladora de Francisco, suas palavras e atos têm fortalecido ainda mais nossa esperança nas CEBs e na Igreja da Libertação. Temos dado grandes passos no fortalecimento das CEBs. Muitas vezes fazemos uma caminhada com certa dificuldade em compreender os espaços e acabamos nos articulando de forma ainda

tímida, mas ao longo dos últimos anos, estamos nos aproximando de novo, mostrando nosso desejo de construir juntos e juntas esses caminhos. E este ano é o momento propício. Sabemos que ainda há muito a ser feito, mas estamos no caminho certo! Em janeiro de 2014 teremos o 13º Intereclesial das CEBs, e terá uma plenária especial para dialogar a respeito da “Comunidade como lugar da Juventude”. Momento propício de jovens e adultos, mulheres e homens, refletirem o jeito de ser Igreja hoje, para acolher melhor a juventude que busca se engajar na construção do Reino, no seguimento a Jesus, sendo profetas e profetizas no campo e na cidade”.

Agora, estamos diante do 16º Encontro Intereclesial das CEBs! O que as juventudes vão nos dizer? O que vamos aprofundar em nossos diálogos?

Sugestão de dinâmica para as Juventudes e as CEBs em seus encontros:

1. Organizar dois círculos de cadeiras: O círculo de dentro com os assentos virados para fora. O círculo de fora com os assentos voltados para dentro, de modo que os assentos fiquem frente a frente.
2. No centro, sentam-se as juventudes. Nos assentos de fora, os adultos/as com mais tempo na caminhada das CEBs. Os pares ficarão frente a frente.
3. O diálogo se dará assim: as juventudes partilharão: como se sentem sendo jovens hoje. E os adultos descreverão: como era ser jovem no seu tempo.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. No dia a dia do cenário eclesial, como se dão as relações intergeracionais?
2. Como percebemos a prática do clericalismo em nossa comunidade, e como temos a enfrentado?
3. Como é possível traduzir para a prática, o tema do 16º Intereclesial: CEBs, caminhando com as juventudes na alegria do evangelho, a serviço do Reino?

Referências

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* – Constituição Dogmática sobre a Igreja. 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em 28/11/25.

CRISÓSTOMO, Thiesco A Pastoral da Juventude e as Comunidades Eclesiais de Base – com pobres, construímos o Reino! 2013. Disponível em: <https://pj.org.br/a-pj-e-as-cebs-na-construco-do-reino/> Acesso em 28/11/25.

OLIVEIRA, Ronnaldh. O papel dos jovens no processo de sinodalidade eclesial. *Revista Ekklesia Brasil*, mar/abr 2022.1 Disponível em <https://magisbrasil.org.br/o-papel-dos-jovens-no-processo-de-sinodalidade-eclesial/> Acesso em 28/11/2025.

PAPA FRANCISCO. Discurso por ocasião da reunião pré-sinodal com os jovens no pontifício colégio internacional “*Maria mater ecclesiae*”, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/march/documents/papa-francesco_20180319_visita-pcimme.html Acesso em 28/11/25.

PAPA FRANCISCO. *Christus Vivit* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre os jovens e o discernimento vocacional. Vaticano, 25 mar. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em 28/11/25.

PAPA FRANCISCO, O diálogo do Papa com os jesuítas de Moçambique e Madagascar. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-09/papa-francisco-jesuistas-mocambique-madagascar-civilta-cattolica.html> Acesso em 28/11/25.

2. Juventude como categoria estruturante da comunidade

Rocheli Koralewski

Toda comunidade é feita de corpos concretos. Corpos que se aproximam, celebram, trabalham, sonham e lutam. Corpos que não são iguais. Corpos que são, outros que já foram e outros que serão jovens.

Se você que me lê chegou até aqui, gostaria de lhe convidar a um movimento: feche os seus olhos por um momento e respire fundo! Mais uma vez, se não for pedir muito.

Quero que leia os próximos parágrafos ciente do sopro de vida que pulsa em você. Consciente de que a vida também pulsa além, em outras corporeidades, sendo esse um fato que nos convoca à unidade. Unidade para sustentar um laço comum sem apagar nossa diversidade. Desde já, eu te agradeço pela abertura e por se deixar conduzir por essas palavras. Peço licença e faço um pedido: espero que ao final dessa leitura, algo tenha se movido em você com relação a sua compreensão sobre juventude - independente da sua idade.

Agora podemos seguir. É possível que, se em um segundo movimento, eu te provocasse a pensar na primeira palavra que vem à mente ao pensar em juventude, talvez chegassem algumas como “diversidade”, “energia” e “esperança”. Dito de outro modo, é possível perceber que todos e todas temos uma noção do que é juventude, quer saibamos ou não. Essa ideia básica é cultivada desde a família, passa pela escola, pelos meios de comunicação, pelo Estado, pela Igreja, pelos livros lidos e pelas pessoas que encontramos em nossas trajetórias. Ela pode se modificar ao longo do tempo, mas é passível de ser assimilada por meio de generalizações que, na maioria das vezes, simplificam a realidade.

Dito isso, o objetivo deste texto é apresentar a juventude como categoria social, destacando como os estereótipos que pesam sobre os jovens interferem na forma como são reconhecidos (ou negados) enquanto sujeitos de direitos e participantes fundamentais da vida comunitária e eclesial. Para tanto, atravessaremos três breves pontos: o primeiro versará sobre a estrutura do corpo-comunidade; o segundo situará a juventude enquanto produto histórico da modernidade; e, por fim, o terceiro, apontará como as diversidades podem nos iluminar para que as Comunidades Eclesiais de Base sigam cultivando a novidade para caminhar com as juventudes na alegria do Evangelho a serviço do Reino.

A estrutura do corpo-comunidade

Para começar, preciso situar o que compreendemos por estrutura: é o conjunto de elementos que organizam, sustentam e dão forma a algo (seja uma sociedade, uma comunidade, uma instituição ou um modo de vida). Em outras palavras, é o “tecido invisível” que orienta práticas, define posições e pode condicionar possibilidades. No entanto, uma estrutura não deve ser compreendida como uma prisão. Para que permaneça viva, precisa ser reforçada, contestada ou transformada por meio de ações coletivas e intergeracionais.

A comunidade, nesse sentido, não é um ente abstrato ou descolado da vida concreta: ela é constituída por corpos, sujeitos, histórias, conflitos e expectativas. A sociologia francesa de Émile Durkheim nos lembra que uma comunidade se estabiliza pela solidariedade social, ou seja, um tipo de vínculo que emerge das interdependências reais entre as pessoas, e não de uma ideia idealizada de harmonia. Esses sujeitos que compõem a comunidade são plurais, situados e marcados por pertencimentos diversos. É dessa pluralidade que a comunidade tira sua força e suas tensões, pois convivem nela diferentes modos de crer, de participar, de imaginar o futuro e de construir sentido(s).

No campo eclesial, isso significa reconhecer que a comunidade é o sujeito da pastoral, e não cada cristão de forma isolada (Brighenti, 2021). A ação pastoral, portanto, não é obra de indivíduos que atuam sozinhos, mas fruto de um corpo comunitário que discerne, organiza e se mobiliza. Estruturas como conselho econômico, conselho de pastoral e outras instâncias organizativas são importantes, mas não esgotam nem definem, por si só, a vida pastoral. O que está em jogo é algo mais profundo: a forma como a comunidade se reconhece como corpo, se percebe corresponsável por sua missão e se permite questionar práticas já naturalizadas.

Agora que temos uma compreensão comum sobre o que é estrutura, quero que pense na sua casa e nos elementos que a compõem. Há ali componentes que garantem sustentação, forma e possibilidade de existência. Da mesma maneira, a comunidade precisa de estruturas vivas para existir. Uma casa não se sustenta apenas por sua aparência externa, mas pelo conjunto de partes que trabalham em relação: alicerce, vigas, paredes, janelas, portas, telhado, instalações internas, trabalho doméstico e as relações que a habitam. Cada um desses elementos possui uma função essencial, e a ausência ou fragilidade de qualquer um deles compromete a segurança de todos/as que vivem ali.

No corpo-comunidade, o alicerce corresponde às relações de solidariedade,

confiança e corresponsabilidade, elementos nem sempre perceptíveis de imediato, mas que sustentam a vida comunitária. Essas relações são intergeracionais e, por meio da memória dos/as idosos/as e da capacidade de criação dos/as jovens, a vivência comunitária é sustentada no agora. Indo além, mais do que as vigas que conectam e garantem a sustentação do todo, as paredes protegem e delimitam, garantindo um espaço seguro de convivência. Não tenho a pretensão de passar por todos os elementos que constituem a nossa metáfora, mas preciso parar em um deles para que você entenda a importância de compreender a juventude, essa categoria social, como componente estruturante da comunidade.

Se no Concílio Vaticano II a Igreja Católica assumiu que não é o mundo que está na Igreja, mas a Igreja que está no mundo (Brighenti, 2021), é por meio da juventude que esse mundo transborda à Igreja. A juventude representa as janelas de uma casa: sem ela a estrutura não respira, não há luz, trocas ou horizontes. A juventude exhibe as cores, os odores e os sons do mundo. Regina Novaes (2007, p. 2) afirma que a “juventude é como um espelho retrovisor da sociedade”, porque entende que, na lógica do jogo de espelhos, essa categoria amplia o contexto e nos provoca a olhar para como a realidade foi forjada.

Se uma comunidade compreende que a categoria juventude é estruturante de sua existência, ela estará aberta para acolher as/as jovens que, como janelas, irão ampliar a visão, trazer questões da cultura, do trabalho, da educação, da sexualidade, da política e do clima. A abertura das janelas é o movimento que permite a entrada da luz e, com o lema deste 16º Intereclesial das CEBs nos conduzindo a escutar a palavra do profeta Isaías, pensar a estrutura de nossos corpos-comunidades é um chamado para que as comunidades eclesiais de base sigam abrindo suas janelas, acolhendo e caminhando com as pessoas jovens para que o horizonte possa seguir sendo iluminado e ampliado de acordo com cada tempo histórico.

Por isso, para pensar e repensar o modo como fazemos pastoral, a caminhada com as juventudes nos conduz inevitavelmente a visitar as estruturas da comunidade. As juventudes, enquanto grupo social, introduzem perguntas, urgências e sensibilidades que tensionam e revitalizam o corpo comunitário, nos ajudando a perceber que estruturas não são imutáveis: precisam acompanhar a vida real das pessoas, seus contextos e seus desafios.

Juventude: uma categoria em disputa

A ideia de juventude não existiu em todas as sociedades e não é algo natural: ela é uma criação histórica da modernidade. Ao longo do tempo, diferentes culturas reconheceram (ou não) fases como infância e juventude, e cada sociedade construiu essas etapas de acordo com seus valores, interesses e formas de organização. Na Europa moderna, a burguesia e a escolarização foram decisivas para que a juventude ganhasse visibilidade e se tornasse uma categoria socialmente reconhecida (Ariès, 1986; Weisheimer, 2009).

Por ser uma construção social, a juventude é uma categoria em disputa e assume definições variadas na sociedade: faixa etária, fase de transição, “vir a ser”, espaço de experimentação ou força transformadora. Contudo, todas essas definições têm limites, pois cada jovem vive sua condição atravessado por marcadores sociais de classe, raça, gênero, etnia, sexualidade, deficiência, território e nacionalidade. Por isso, não existe *a* juventude, mas *juventudes*, diversas e marcadas por contextos desiguais. Compreender essa disputa implica reconhecer que a juventude existe no presente, *no aqui e agora das suas realidades*, e que reduzi-la a uma etapa de passagem impede que enxerguemos suas potências e abramos espaço(s) para seus protagonismos.

Ao longo da história, as políticas públicas também trataram os/as jovens de modos opostos: ora como problema, ora como solução, ora como simples preparação para a vida adulta, ora como sujeitos de direitos. Essas visões mostram como a juventude é moldada por disputas simbólicas, políticas e econômicas; e como muitos grupos juvenis, especialmente os/as jovens pobres, racializados/as e periféricos/as, são frequentemente estigmatizados/as, estereotipados/as e/ou invisibilizados/as.

Diante disso, a compreensão cristã nos convoca a ir além dessas classificações reducionistas. Se a juventude é uma construção histórica que coexiste em permanente disputa, então nós, como seguidores e seguidoras de Cristo, somos chamados a disputar essa categoria em favor da vida. Isso significa acolher a diversidade desse grupo social como sujeitos plenos, e não como problema, ameaça ou simples promessa futura. Significa, sobretudo, acolher as juventudes empobrecidas, racializadas, periféricas e consideradas “desviantes” pelas normas dominantes, que vivem à margem do sistema capitalista e carregam as dores e violências construídas por esse modo de produção de morte(s).

Esse acolhimento não é algo opcional: é parte da missão cristã de

reconhecer, defender e promover a dignidade de cada jovem, hoje, no seu presente, na sua história e no seu corpo-território.

Diante dessa compreensão, não podemos mais repetir frases que culpabilizam e apontam a um desinteresse dos/as jovens em nossos processos, pois seus corpos seguem por aí, presentes e atuantes, representando 25% da população brasileira (IBGE, 2022). Nesta reflexão reside um convite para que possamos reconhecer por onde circulamos corpos juvenis em nossos territórios: eles ocupam lugares que muitas vezes não enxergamos, constroem presenças e pertencimentos fora dos espaços institucionais e encontram brechas de vida onde, por vezes, não dirigimos o olhar.

Durante a semana e nos finais de semana, esses corpos transitam, se movem, resistem e inventam caminhos próprios, revelando dinâmicas juvenis que seguem invisibilizadas por quem insiste em dizer que “os jovens não participam”. O desafio é admitir que, antes de cobrar presença, precisamos aprender a perceber esses trajetos, pois as juventudes estão em movimento, mesmo quando não estamos olhando.

Se os/as jovens não estão conosco, cabe questionarmos de maneira honesta e respeitosa, retomando a metáfora da casa: *será que estamos abertos/as o suficiente para caminhar com as pessoas jovens de nossas comunidades? Será que não temos medo que o brilho das juventudes ofusque o nosso? Cabe a nós assumirmos a juventude como uma categoria estruturante de nosso corpo-comunidade, para que as pessoas jovens se sintam confortáveis e legitimadas a construir caminhos comunitários conosco.*

Levantar-se para brilhar (cf Is 60, 1): juventude como força viva da comunidade

Assumir a juventude como força viva é reconhecer que Deus também fala através da novidade que brota das diversidades juvenis, como nos mostrou o padre Hilário Dick, em seu livro *O divino no jovem* (2006). As juventudes, em suas múltiplas experiências, culturas, identidades e espiritualidades, revelam caminhos que desafiam nossas estruturas e ampliam nossa capacidade de anunciar o Evangelho com frescor, criatividade e coragem. Esse reconhecimento não é novo: possui raízes profundas na história da Igreja Latino-Americana e Caribenha. Desde a Conferência Episcopal Latino-Americana realizada em Puebla (1978), os bispos já afirmavam que as “manifestações [das juventudes] são sinais dos tempos, convidando a Igreja a um constante aprofundamento de sua autenticidade” (Dick,

2006, p. 10).

Recuperar esse histórico é essencial para disputarmos hoje uma Igreja que considere as pessoas jovens como parte estruturante do corpo-comunidade; não como acessório, nem como etapa provisória, nem como força de apoio, entendendo que sem esse grupo social, a estrutura comunitária perde vitalidade, horizonte e capacidade de conversão. Entendemos aqui, que, por ser tecida por diferentes idades, trajetórias, expectativas e modos de viver a fé, a vida comunitária nem sempre é simples: há conflitos, ritmos distintos, incompreensões e desigualdades de voz. Contudo, é precisamente do coletivo que surge a novidade: aquilo que nenhum indivíduo isolado poderia produzir. Precisamos fortalecer as comunidades de base, pois nelas é cultivado o profetismo.

A inovação pastoral, a renovação das estruturas e o surgimento de práticas mais inclusivas nascem do encontro, do diálogo e da escuta mútua. Assim, quando as CEBs acolhem as juventudes em sua diversidade, permitem que a comunidade inteira se abra ao novo que o Espírito suscita, cultivando meios para caminhar com elas na alegria do Evangelho, a serviço do Reino. Levantar-se para brilhar, portanto, é reconhecer que as juventudes não são apenas destinatárias, mas luz que ilumina, inspira e impulsiona nossas comunidades a florescerem em esperança e compromisso.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Quais são os espaços de participação ocupados pelos/as jovens em nossos territórios?
2. Por onde esses corpos circulam durante a semana? E nos finais de semana?
3. Ao afirmarmos que “os/as jovens não se interessam em estar conosco”, será que não precisamos, primeiro, compreender melhor a realidade juvenil do nosso território?

Referências

- ARIÈS, Phillipe. *A história social da criança e da família*. Tradução de Dora Flakman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BRIGHENTI, Agenor. *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- DICK, Hilário. *O divino no jovem: elementos teológicos para a evangelização da cultura juvenil*. Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pirâmide etária*. IBGE Educa, 2022. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>. Acesso em: 10/11/2025.
- NOVAES, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. *Sociologia Especial: ciência e vida*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6–15, out. 2007.
- WEISHEIMER, Nilson. *A situação juvenil na agricultura familiar*. 331 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível e <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15908/000693991.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10/11/2025.

3. Galileias Juvenis: Juventudes como lugar teológico e missão das comunidades

Verônica Michelle Gonçalves

Robson da Silva Oliveira

Voltar à Galileia: o chamado do Ressuscitado

Depois da cruz, o Evangelho nos conta que Jesus Ressuscitado marcou um ponto de encontro com seus discípulos e discípulas: a Galileia. “Ide à Galileia, lá vós o vereis” (Mt 28,7). É nesse território periférico, misturado, cheio de contradições e esperança, que o Ressuscitado convida os seus a recomeçar.

A Galileia é símbolo do recomeço e da presença de Deus na vida comum do povo. É o chão de onde a Boa-Nova se espalhou pelo mundo. É o território da mistura dos povos, das aldeias pequenas, dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da pesca, gente simples, muitas vezes esquecida, mas onde Deus fez morada.

Falar hoje das “Galileias Juvenis” é recordar que Deus continua se revelando nos rostos concretos das juventudes, especialmente naqueles/as que vivem nas margens, que buscam sentido, que sonham e lutam por um mundo mais justo. É também um chamado às Comunidades Eclesiais de Base: voltar às nossas Galileias é voltar aos lugares onde a vida pulsa, onde a fé se renova e onde o Evangelho precisa ser encarnado novamente.

O teólogo José Antonio Pagola, em seu livro *Jesus – Aproximação histórica* (2007), lembra que, no tempo de Jesus, a Galileia era uma região de gente trabalhadora e sofrida, mas fértil e criativa. “Era uma terra boa, mas assolada pela exploração e pela desigualdade”. É nesse chão contraditório que Deus se revela, não nos palácios, mas no cotidiano do povo. Falar da Galileia é retomar a reflexão dos lugares teológicos que nos mostram as belezas, as dores e os passos da missão de Jesus, mostrando que, apesar da morte, a vida vence e organiza os discípulos e discípulas de Jesus para continuarem a missão. Falar da Galileia é também conhecer o chão que pisamos, que apesar de fecundo, traz muitas feridas abertas. Para isso devemos lembrar que a Galileia nos tempos de Jesus era um território fértil, que constituía uma área de cerca de 20.000 Km². Seu clima era suave, suas terras eram fecundas, majoritariamente era uma sociedade agrária. Os camponeses viviam trabalhando na terra, enquanto as grandes elites das cidades

se ocupavam de forma geral com a administração, com o governo e a arrecadação de impostos ou com a vigilância militar.

Outra característica importante da Galileia no tempo de Jesus era a grande importância que a pesca tinha na vida das famílias. Jesus se moveu e exerceu seu ministério também no meio dos pescadores, das famílias que viviam da renda da pesca. A pesca era estritamente controlada pelos arrecadadores de impostos, assim como o trabalho no campo. Numa sociedade como essa, a posse da terra e das ferramentas era importante e era controlada pelos Romanos, que governavam e exigiam tributos, bem como distribuíam as terras.

Devemos destacar que, apesar desta terra boa, a Galileia se torna um território assolado pelo poder, pela ganância, pelo jugo colonialista e exploratório. A carga era esmagadora para aqueles e aquelas que viviam nestas terras. A perda das posses, do campo e da autonomia, fazia com que a resistência viesse da ajuda mútua, quando as famílias então se apoiavam para se defenderem das pressões e das chantagens dos arrecadadores.

O medo do endividamento, da escravidão, da desigualdade, da pobreza, da fome e de tantos outros males que o poder Romano, colonizador, extrativista e desumano, provocava naquele povo, foi transformando a opção de vida assumida por Jesus, que andava inserido naquele território. Caminhando por aquelas aldeias e cidades, Jesus traz a mensagem do “Reino de Deus”, demonstrando toda sua firmeza em acolher os indigentes e famintos, os pobres e últimos daquela sociedade. Neste sentido, Jesus forma uma comunidade, um grupo, para que sua mensagem fosse potencializada. A acolhida, a escuta e o cuidado com os mais pobres, com aqueles e aquelas que mais sofrem, era a tônica da missão destas comunidades.

Assim também são as nossas Galileias de hoje: as periferias urbanas, os campos, as aldeias, as escolas, as redes sociais, os grupos culturais e as ruas onde as juventudes vivem, sonham e resistem.

Juventudes como lugar teológico: o divino no jovem

A teologia latino-americana nos ensina a ver Deus nos lugares da vida, nas dores e nas esperanças do povo. As Conferências Latino-Americanas dos bispos realizadas em Medellín (1968) e em Puebla (1979) nos lembraram que “os rostos sofredores dos pobres são o rosto sofredor de Cristo” (Puebla, n. 31). Hoje podemos dizer: os rostos das juventudes também são rostos de Cristo, jovens que

estudam, trabalham, amam, lutam, e enfrentam a violência, o desemprego e o racismo estrutural. Por isso, as juventudes são lugares teológicos: nelas podemos ver e ouvir Deus falando ao mundo e à Igreja. Quando escutamos os clamores, os sonhos e as buscas dos/as jovens, estamos escutando a própria voz de Deus que continua chamando: “Levanta-te, é contigo que eu quero falar”.

O teólogo Leonardo Boff, em *Sacramentos da Vida* (1975), dizia que “Deus se revela na vida, e a vida é o primeiro sacramento”. A juventude, com sua força e sua fragilidade, com sua alegria e seus conflitos, é expressão dessa vida que Deus quer plena. Ver o divino no jovem é reconhecer que Deus se fez carne também na juventude de Jesus, que viveu como um jovem galileu, pobre e livre, que andava pelas aldeias, sentava-se à mesa com os pequenos e sonhava com o Reino de Deus.

Reconhecer o jovem como lugar teológico significa compreender que Deus continua falando através da vida e das experiências das juventudes. A cultura juvenil, com suas expressões e linguagens, torna-se um modo concreto pelo qual o divino se manifesta e interpela a Igreja. Não se trata de idealizar ou sacralizar o jovem, mas de perceber o sagrado presente em sua realidade concreta, marcada por buscas, contradições e esperanças. Quando a Igreja afirma que a juventude é prioridade em sua missão evangelizadora, ela reconhece que o encontro com os/as jovens é também um encontro com o mistério de Deus, sempre novo e inesgotável. Assim nos dizem os bispos do Brasil (CNBB, 2018). Ao afirmar que a juventude é uma prioridade, a Igreja expressa o desejo de abrir-se ao novo que o Espírito suscita nas juventudes, reconhecendo nelas não apenas a força que renova a sociedade, mas também uma realidade teológica onde se revela o mistério de Deus, sempre vivo, inesgotável e em constante novidade, como recorda o padre Hilário Dick, em seu livro *A Juventude e a Vida: Caminhos de Esperança* (2009).

Não desencarnar o que Deus quis encarnado, é afirmar que a vida concreta das juventudes é um espaço sagrado, que deve ser acolhido, escutado, valorizado e cuidado pelas comunidades. Não podemos falar de Deus sem tocar a carne sofrida e alegre dos jovens do nosso povo.

Juventudes e comunidades: encontros na Galileia de hoje

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nasceram como experiência de fé encarnada na vida do povo. São comunidades que leem a Bíblia à luz da realidade, que organizam a solidariedade e a luta por dignidade. As CEBs são, por natureza, Galileias, espaços simples, próximos, onde a fé se mistura com a vida

e a esperança. Mas hoje, muitas vezes, há uma distância entre as comunidades e as juventudes. Os jovens estão nas ruas, nas redes, nos coletivos culturais, nas universidades, nas lutas ambientais, nas aldeias e nos quilombos. É preciso abrir as portas das comunidades para que esses jovens possam entrar com seus corpos, suas expressões, suas músicas, suas linguagens e seus sonhos. O Papa Francisco insiste que “os jovens são o agora de Deus” (*Christus Vivit*, n. 178). Ele não os vê como um problema, como simples tarefeiros, ou como aqueles que irão ser, ou apenas representantes de um futuro, mas sim como protagonistas do presente, da realidade concreta e do momento atual das nossas comunidades.

As CEBs podem ser Galileias Juvenis quando se tornam lugares de escuta, de acolhida e de protagonismo. Quando abrem espaço para os jovens falarem, liderarem, criarem, cantarem, celebrarem e lutarem. Quando reconhecem que o Espírito Santo sopra também nas experiências novas, nos modos diferentes de celebrar, de se comunicar, de se organizar. O padre Hilário Dick, que tanto refletiu sobre juventude e fé, dizia: “Deus fala através da vida dos jovens, mas é preciso coragem para escutar essa fala, que às vezes vem misturada com gritos, silêncio e rebeldia” (2010). Escutar as juventudes é escutar o próprio Deus que continua dizendo: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Galileias Juvenis: missão e caminho de conversão

O convite de Jesus, “Ide à Galileia”, é também um envio missionário. Voltar à Galileia não é voltar ao passado, mas recomeçar a missão a partir das periferias, onde o Ressuscitado se faz presente. Para a Igreja, e especialmente para as CEBs, as juventudes são um campo de missão. Não uma missão no sentido de “levar Deus” a quem não o tem, mas no sentido de reconhecer que Deus já está agindo nas juventudes. O papel da comunidade é aproximar-se, escutar, caminhar junto, e não impor caminhos prontos.

O Documento da Conferência Episcopal Latino-Americana de Aparecida (2007) reafirma essa perspectiva: “Os jovens não são apenas destinatários, mas protagonistas da evangelização” (n. 443). Quando uma comunidade se abre à juventude, ela rejuvenesce a fé. Descobre novos modos de rezar, de celebrar, de anunciar e de se organizar. Descobre que o Evangelho continua vivo nas novas linguagens, nas expressões artísticas, nas causas ecológicas, nas lutas contra o racismo, a homofobia e o machismo.

Essas Galileias Juvenis são muitas e diversas, porque a vida dos jovens

se expressa em múltiplas formas e contextos. Cada uma delas revela um rosto do Cristo que caminha com o povo e compartilha suas lutas.

Trazer dados atuais ajuda a fundamentar o conceito de “Galileias Juvenis” e compreender as realidades das juventudes contemporâneas no Brasil. Em todo o país, milhões de jovens vivem realidades marcadas por desigualdades, violências e resistências. Vamos conhecê-las melhor!

Na **Galileia da Violência e do Medo**, os números são alarmantes: segundo o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, (2024), mais de 30 mil jovens foram assassinados em 2023, a maioria homens negros e moradores de periferias. A Pesquisa Nacional de Saúde do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, intitulada *Violência e Saúde entre Jovens* (2019),¹ mostra que um em cada quatro jovens entre 15 e 29 anos sofreu algum tipo de violência física, sexual ou psicológica no ano anterior, com taxas especialmente altas entre adolescentes de 15 a 19 anos.

Na **Galileia das juventudes indígenas e dos povos tradicionais**, o Censo Demográfico: *Povos Indígenas e Quilombolas, 2022*, do IBGE, aponta que mais da metade da população indígena tem menos de 30 anos. Esses jovens vivem o desafio de equilibrar o aprendizado escolar com a preservação de suas culturas. Apenas 36% das escolas indígenas oferecem ensino médio, e o acesso à universidade ainda é limitado, apesar dos avanços das políticas de cotas e do fortalecimento de universidades interculturais.

A **Galileia da juventude migrante e/ou refugiada** cresce a cada ano. Dados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), do Ministério da Justiça e Segurança Pública, em seu *Relatório de Refúgio em Números, 2024*, indica que o Brasil contabiliza mais de 640 mil pessoas reconhecidas como refugiadas ou solicitantes de refúgio, provenientes principalmente da Venezuela, Haiti, Cuba e Angola. Entre os imigrantes que chegaram em 2024, 194 mil eram novos residentes, motivados por estudo, trabalho ou reunião familiar, como atesta a Polícia Federal, no *Relatório Anual de Migração e Fronteiras, 2024*. Muitos desses jovens enfrentam barreiras de idioma, burocracia e racismo institucional.

Na **Galileia da Ausência de Trabalho e Educação**, os indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD: *Educação e Mercado de Trabalho*. 2024), do IBGE revelam que 9,5 milhões de jovens de 15 a 29 anos não estudam nem trabalham. Esse cenário afeta especialmente as mulheres: três em cada dez jovens mulheres estão fora do sistema educacional e do mercado de trabalho. Entre adolescentes de 14 a 17 anos, cresce a busca

por ocupações precárias, sobretudo entre meninas negras. É importante destacar que esses/as jovens que não estudam, nem trabalham, não o fazem “não porque não querem”, e sim por falta de oportunidades. Destacamos ainda, que muitos/as desses/as jovens estão ocupados/as em outras frentes, como o trabalho informal, os cuidados domésticos etc.

A **Galileia da Saúde Mental e da Afetividade** expressa uma dor silenciosa. O Ministério da Saúde, por intermédio da “*Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas*”(Vigitel, 2023) mostra que casos de automutilação e tentativas de suicídio entre jovens aumentaram mais de 200% em dez anos. A Unicef, em seu relatório *Juventudes e Saúde Mental no Pós-Pandemia* (2024), aponta que um em cada quatro adolescentes relata sintomas de ansiedade e depressão, com agravamento entre meninas e jovens LGBTQIAPN+.

Na **Galileia dos jovens em situação de rua**, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), na “*Estimativa da População em Situação de Rua no Brasil – Março de 2025*”, revela que 335 mil pessoas vivem em situação de rua no Brasil, e cerca de 10% desse total são crianças e adolescentes. Muitos/as jovens sobrevivem entre o trabalho informal, a fome e a ausência de políticas de cuidado.

Por fim, a **Galileia da Desigualdade Educacional** continua a marcar o futuro. O Censo Escolar 2023 - *Indicadores da Educação Básica*, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), mostra que 2,5 milhões de adolescentes e jovens estão fora da escola, e entre aqueles em situação de rua, a maioria não concluiu o ensino fundamental. O acesso desigual à internet e a falta de estrutura nas escolas públicas aprofundam as distâncias.

Essas Galileias Juvenis revelam um Brasil desigual, mas também um Brasil que resiste. Em cada canto do país, há jovens indígenas, periféricos, quilombolas, migrantes e de rua que transformam o medo em coragem e a exclusão em luta. São vozes que insistem em existir e anunciam novas formas de esperança.

Muitos/as jovens vivem múltiplas realidades simultaneamente, e marcadores sociais como território, raça, gênero e classe, evidenciam diferentes desafios e necessidades de atenção. Esses dados ajudam a compreender melhor as juventudes brasileiras e suas múltiplas Galileias. Assim, as Galileias Juvenis são lugares de missão, mas também de conversão comunitária. É preciso coragem para abandonar estruturas envelhecidas e criar espaços novos de encontro. Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, nos recorda: “Não deixemos que nos roubem a esperança dos jovens” (n. 86).

Voltar à Galileia é sempre voltar ao primeiro amor, ao chamado que move a fé. Mas permanecer nas Galileias Juvenis é o desafio de todos os dias. É manter o coração aberto, a escuta atenta, a esperança viva. As juventudes são sementes de futuro, mas precisam de solo fértil, e as comunidades podem ser esse solo. As CEBs podem ser casas de esperança, escolas de fé libertadora, espaços de acolhida onde os jovens se sintam amados, reconhecidos e enviados.

O teólogo Carlos Mesters lembra que “a Palavra de Deus só se entende bem quando se lê a partir da vida do povo” (1984). Por isso, as Galileias Juvenis são também lugares de leitura da Palavra: quando a Bíblia se cruza com as histórias dos/as jovens, o Evangelho volta a ser Boa Notícia. Em cada comunidade, há jovens que sonham, sofrem, lutam, e buscam sentido. São eles e elas que nos lembram que Deus continua caminhando entre nós, convidando a Igreja a se renovar, a se encarnar e a se deixar tocar pela vida real.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Quais são as Galileias Juvenis presentes na nossa comunidade?
2. Como temos escutado e acolhido as juventudes em nossas comunidades? Que barreiras ainda nos separam delas?
3. Que passos concretos podemos dar para que nossa comunidade seja uma verdadeira Galileia Juvenil, lugar de fé, escuta, acolhida e missão?

Referências

- BOFF, Leonardo. *Sacramentos da Vida*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- CELAM. *Conferência de Medellín. Documentos da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. 1968. Disponível em https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf Acesso em 28/11/2025.
- CELAM. *Conferência de Puebla. Documento Conclusivo*. CELAM, 1979. Disponível em https://www.celam.org/documentos/Documento_Conclusivo_Puebla.pdf Acesso em 28/11/2025.
- CELAM. *Conferência de Aparecida. Documento Final*. São Paulo: Paulinas, 2007. Também disponível em <https://anec.org.br/biblioteca/documento-de-aparecida-2007/> Acesso em 28/11/2025.
- CNBB. *Pastoral Juvenil no Brasil: identidade e horizontes*. Estudos da CNBB, vol. 103. Brasília, CNBB, 2018. Disponível em: <https://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Documento-de-Estudo-N%C2%B0-103-CNBB-Pastoral-Juvenil-no-Brasil.pdf> Acesso em 28/11/2025.
- DICK, Hilário. *A Juventude e a Vida: Caminhos de Esperança*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- DICK, Hilário. *O divino no jovem*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus – Aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium – Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 28/11/25.
- PAPA FRANCISCO. *Christus Vivit – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre os jovens e o discernimento vocacional*. Vaticano, 25 mar. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em 28/11/25.

4. Para além das migalhas: As lutas e desafios na vida das mulheres jovens

Débora Giehl

Quando fui convidada a escrever sobre este texto, pensei na dificuldade de falar sobre a vida das jovens mulheres, em suas diversidades. A experiência de ser jovem e ser mulher não é absoluta ou universal. Isto porque, as estruturas do patriarcado, racismo, classismo e sexismo vão atravessar nossas vidas e assumir características distintas. Assim também, os sofrimentos, as lutas e a força de empoderamento não serão experienciadas da mesma maneira, dadas as muitas condições materiais e emocionais da vida de cada uma de nós.

Recordo de uma passagem bíblica que confronta a lógica da exclusão e nos aponta para uma força semelhante à que vejo em tantas jovens mulheres. Havia uma mulher cananéia (Mt 15, 21-28) que suplicava pela cura para sua filha. Jesus e seus discípulos queriam dispensá-la argumentando que o projeto era para “os filhos de Israel”. Contudo, ela não desistiu e confrontou Jesus: “mas também os cachorrinhos comem as migalhas que caem da mesa de seus donos”.

Ouvindo as vozes das mulheres...

Essa mulher me fez perceber que é preciso ouvir as mulheres. Por isso, na tentativa também de trazer para este texto outras vozes, perguntei à algumas companheiras das comunidades de base, Pastoral da Juventude e amigas, o que elas percebiam como maior desafio de ser jovem e mulher. Compartilho suas reflexões (com nomes fictícios), numa leitura atenta de que essas experiências individuais são uma forma também de compreender como o neoliberalismo, o patriarcado, o colonialismo hegemônico e o racismo atravancam nossas vidas:

Elza: O maior desafio é exatamente isso, ser jovem e mulher... pela cobrança que sinto no momento da minha vida de ter que criar uma família, morar junto, ter filho... eu comprei um apartamento ano passado, com 21 anos, e agora estou namorando há alguns meses e toda vez alguém da minha família - mulheres principalmente - me perguntam se vamos casar, ter filhos... poxa! Eu comprei o apartamento com meu dinheiro, meu suor, mesmo sendo jovem,

pra ir construindo minha vida, mas não esperando essa pressão. Porque, às vezes eu só quero ser jovem, só quero ir numa festa com minhas amigas... A pressão de ser jovem mulher é essa: às vezes não podemos ser jovens mulheres!

Luíza: [...] o meu maior desafio é lidar com a pressão constante de expectativas externas não solicitadas que acabam invadindo e mexendo na minha organização e no meu planejamento pessoal. [...] por exemplo: Você deveria estudar à noite, arrumar mais a casa, ir mais à academia, cuidar melhor da pele, fazer as unhas regularmente, cuidar mais da alimentação, se vestir melhor. Além disso, muitas vezes recebo esse tipo de cobrança em *posts* nas redes sociais, onde frequentemente vemos uma perfeição inatingível. [...] tento me manter conectada com meus sentimentos e objetivos autênticos, porém frequentemente eles se tornam secundários ou confusos, pois sou constantemente confundida pela sensação de que obviamente esses novos deveres deveriam fazer parte da minha lista de prioridades, gerando sobrecarga mental e frustração.

Jussara: Acredito que o maior desafio de ser jovem mulher hoje é lidar com a sobrecarga de expectativas. A gente cresce ouvindo que precisa ser forte, independente, responsável, mas ao mesmo tempo enfrenta as violências, os julgamentos, as desigualdades que tentam nos limitar o tempo todo. É como se exigissem que a gente dê conta de tudo, mas sem garantir os direitos, sem os espaços que a gente precisa ocupar.

Ângela: Para mim, o maior desafio de ser jovem mulher hoje é a necessidade de comprovar minhas capacidades o tempo todo e de fazer tudo em dobro em relação àquilo que os homens fazem. Por isso, apesar de já termos atravessado alguns obstáculos, como a proibição do voto e da ocupação de cargos originalmente designados aos homens, ainda há muito trabalho pela frente até que consigamos superar desigualdades e preconceitos arraigados no imaginário social.

Bete: Eu acho que isso depende muito da sua origem, raça, idade etc.

porque dependendo disso você vai ser tratada de jeitos diferentes pela sociedade e vai ter obstáculos diferentes. Mas eu acho que os maiores desafios são em relação aos direitos básicos como cidadã, poder me sentir segura nos espaços e a falta de oportunidades também.

Priscila: A gente já tem desafio por ser mulher, mas um dos maiores desafios é dar conta de tudo e fazer as coisas, mas ao mesmo tempo não se perder. [...] eu acho que a sociedade, os outros têm expectativas sobre nós [...] as mulheres, por muito tempo, ficaram silenciadas e passaram por muita coisa, então é tentar entender isso, que no dia a dia a gente pode estar nos espaços que nos fazem bem. [...] e ser jovem, em alguns espaços é bem contraditório. Ser mulher jovem é ir contra um sistema que diz que a gente tem que estar silenciada, ali quieta... Acho que isso é um dos desafios: acreditar nos próprios potenciais, acreditar em si mesma e tentar construir tudo isso, por mais que muitas barreiras sejam colocadas.

Marta: O maior desafio de ser jovem mulher hoje é tentar encontrar meu valor em meio a tantas expectativas e cobranças. A gente sente a pressão para ser perfeita, forte, bonita, madura, produtiva... tudo ao mesmo tempo. Às vezes, parece que nunca é o suficiente. Ser jovem mulher hoje é lutar para ter voz, para ser respeitada e para ser vista como alguém que tem sonhos, limites e dignidade.

Refletindo sobre a realidade...

Diante desses relatos, aproximamos nossos olhares para questões específicas da vida das jovens mulheres, tentando entender também como nossas comunidades de base se inserem nesse contexto. O primeiro ponto que destaco é que o sentimento de atender às expectativas sociais – que parecem eternas e inatingíveis – esteve, de uma forma ou de outra, presente em todas as falas. Por mais que tenhamos avançado muito nas conquistas de direitos para as mulheres e que um novo cenário de reflexões sobre os papéis de gênero tenha ganhado força no século 21, ainda percebemos que, no cotidiano de nossas vidas, ser mulher ainda é determinado por expectativas sociais que devemos assumir. Aí também se revelam as triplas, quartas, quintas jornadas(!) das mulheres, no cuidado da casa, dos filhos, do trabalho, da universidade e também das comunidades religiosas ou

outras organizações às quais nos dedicamos.

Entretanto, quando falamos sobre juventudes, compreendemos que este deveria ser um tempo dedicado às experiências e descobertas, sem as expectativas por decisões permanentes. Sendo jovens, as tomadas de decisões são um processo de construção de um projeto de vida e que, aos poucos, vai amadurecendo. Sabemos, contudo, que essa não é a realidade para a maioria dos/as jovens do nosso país, que, desde muito cedo, têm que contribuir para o sustento da casa, no cuidado de irmãos mais novos, além de outros desafios impostos pelas desigualdades sociais e pelo Estado cada vez mais conservador e violento.

Para as mulheres, incluímos também a chamada “economia do cuidado”, em que elas realizam trabalho doméstico não remunerado. Dados da Fundação Getúlio Vargas apontam que enquanto as mulheres brasileiras dedicam 25 horas por semana a esses trabalhos, os homens do país investem apenas 11 horas. Além disso, a Forbes indicou que se, em 2020, as mulheres de todo o mundo recebessem um salário mínimo por esses trabalhos, 10,9 trilhões de dólares teriam sido gerados na economia global – para estabelecer um comparativo, a indústria da tecnologia gerou no mesmo período, US\$ 5,2 trilhões.

Além disso, as inseguranças materiais da vida de jovens: empregos informais ou com escalas 6X1, dificuldades de subsistência básicas, aumento do preço de imóveis, endividamento, aumento constante do preço da cesta básica, etc, são acrescidos de outras desigualdades de gênero e raça. Para se ter uma ideia, no Brasil, segundo pesquisa realizada pela organização Ação Educativa, com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), do IBGE, a taxa de desemprego de jovens mulheres negras foi três vezes maior que a de homens brancos em 2023. A disparidade salarial entre homens e mulheres e a dificuldade de inserção em determinadas áreas do mercado de trabalho também impactam significativamente a autonomia financeira das jovens mulheres.

Da mesma forma, o machismo e sexismo nos violentam constantemente nos lugares e espaços que ocupamos, seja com suas definições sobre padrões de beleza, de docilidade, de expectativas inalcançáveis, seja com justificações – sobretudo religiosas e cristãs – para as violências praticadas contra nossos corpos. Estamos expostas a um maior risco de violência e assédio, já que os corpos femininos, sejam de meninas, adolescentes ou de jovens adultas, são vistos como objeto de desejo.

Não faltam manchetes todos os dias que nos lembram que nunca estamos seguras, nem mesmo dentro de casa, mas vale ressaltar alguns dados relativos ao

feminicídio: em 2024, por exemplo, a taxa de mulheres vítimas desse crime no Brasil foi de quatro mortes por dia, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Os dados desse levantamento revelaram um aumento de 30,7% nos feminicídios de adolescentes. Os crimes aconteceram, em sua maioria, na casa das vítimas e os autores eram, majoritariamente, homens.

Outra realidade que nos atravessa é o apelo constante, mesmo que ainda muito jovens, para a maternidade, sem que se considere o projeto de vida de cada uma, ou as dificuldades financeiras, a maturidade emocional e o pleno exercício da sexualidade e afetividade. Essa pressão é agravada pelas dificuldades do Estado em garantir os direitos básicos que atendam plenamente à saúde sexual e reprodutiva das mulheres, limitando o acesso a informações confiáveis, métodos contraceptivos eficazes e serviços de qualidade para que suas decisões sejam verdadeiramente livres e informadas. Estamos falando das garantias necessárias para uma vivência sexual prazerosa, segura e livre de doenças ou violências; sobre o bem-estar físico e mental das mulheres, se e quando decidirem pela maternidade.

Por isso, não podemos estar alheios aos constantes ataques que ocorrem no Congresso Nacional brasileiro aos direitos sexuais e reprodutivos, porque eles afetam diretamente as adolescentes, jovens e mulheres adultas de nossas comunidades eclesiais de base. É preciso estarmos cientes e ativamente engajados/as em campanhas contra os retrocessos legais, como é o caso do PL nº 3/2025, que tenta revogar a Resolução nº 258/2024 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), que estabelece diretrizes fundamentais para o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Nossas comunidades precisam ser firmes ao dizer que “Criança Não é Mãe”, porque defendemos que a vida seja plena, consciente e para a felicidade, e que nossas adolescentes devem ter o direito a se desenvolver sem violência!

Esse contexto é fundamental para entendermos a vida das jovens mulheres, mas também é preciso compreender os espaços e movimentos de transgressão, autonomia e empoderamento. Diante do patriarcado e do neoliberalismo, ousamos levantar nossas vozes organizadas. A intersecção de lutas tem gerado significativos espaços para o protagonismo de jovens mulheres, que em coletividade apontam outros caminhos possíveis.

Quero citar três exemplos de ações que podem também inspirar nossas CEBs na defesa das jovens mulheres. O primeiro deles, embora não seja protagonizado exclusivamente por jovens, é muito importante para que nossas CEBs se inspirem e assumam o compromisso na luta antirracista: a Marcha das

Mulheres Negras, que teve sua primeira realização no ano de 2015. Ela é definida como uma ação importante, já que “a luta das mulheres negras por direitos é antiga, coletiva e contínua. Desde os tempos de escravização, (as mulheres negras) foram líderes das revoltas, fundadoras de quilombos e defensoras da liberdade”. Assim, essa Marcha nos ajuda – e principalmente nós, pessoas brancas – a compreendermos que a luta dos movimentos contra o racismo é urgente, já que ele segue violentando a vida das pessoas negras em nosso país.

O segundo exemplo de articulação para a defesa da vida das mulheres vem do protagonismo das jovens da Pastoral da Juventude, na realização da Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra as Mulheres. A campanha propôs um conjunto de ações nacionais, para o debate e o enfrentamento às tantas formas de violências contra as mulheres, provocando que grupos de jovens, coordenações, assessoria e movimentos parceiros refletissem sobre as relações internas e externas para o enfrentamento de todos os tipos de violências: simbólica, psicológica, financeira, doméstica, sexual, midiática, etc. Além disso, fomentou-se uma discussão importante sobre masculinidades. Ainda que incorporada entre as prioridades dos triênios 2017-2019 e 2020-2022 da PJ, a campanha pode seguir viva nos diversos espaços de nossas comunidades: primeiro, porque a violência contra mulheres segue sendo um grito constante em nossas realidades; segundo, porque os materiais produzidos estão disponíveis e incorporam nossa linguagem de CEBs, trabalhando também aspectos bíblicos e religiosos.

Como último exemplo, gostaria de citar o material produzido pela Safernet Brasil, em parceria com o UNICEF Brasil, o “Meninas em Rede - guia para fortalecimento de redes de proteção e apoio contra a violência online”. Esse documento apresenta ideias para fortalecer redes de proteção e apoio para que a internet seja um ambiente seguro para as mulheres, em especial, nossas meninas. O guia está disponível online para ser baixado e reproduzido gratuitamente.

Em que as mulheres da Bíblia nos desafiam hoje?

Para finalizar, retomo a leitura da mulher cananéia que confrontou Jesus. Sua sagaz resposta exigiu também para ela um milagre e ajudou Jesus a compreender que o projeto de vida que Ele apresentava devia ser para todas as pessoas e Ele então curou a menina. A mulher cananéia e as mulheres jovens nos lembram que a fé é ação, movimento, transformação. Isso é basilar para as CEBs. Nossas jovens mulheres reivindicam seu lugar e seus direitos, rejeitando

as lógicas da submissão, violência e exclusão. Querem ser vistas e atendidas, como a mulher cananéia. Suas lutas não são passivas ou isoladas, mas conclamam também a toda comunidade a reafirmar o compromisso pela justiça e pela radical mudança que assumimos no compromisso com nossa fé.

Assim, é imperativo que as comunidades garantam que as jovens mulheres sejam respeitadas, valorizadas e apoiadas para a plena realização de seus projetos de vida. Por isso, encerro esse texto não com uma conclusão, mas com algumas perguntas às nossas Comunidades Eclesiais de Base, como possibilidades de seguirmos refletindo. Elas estão a seguir.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. De que maneira nossas comunidades são espaço de acolhida, formação e empoderamento para as jovens mulheres?
2. Como podemos assumir o enfrentamento ao racismo, patriarcado e sexismo que produz desigualdades em nossa sociedade e Igreja?
3. De que forma as CEBs podem se engajar com outros movimentos para a defesa dos direitos de nossas adolescentes e jovens?
4. Como nossas comunidades vivenciam as divisões das tarefas e são rede de apoio para aliviar a sobrecarga e as múltiplas jornadas de tantas (jovens) mulheres?
5. As decisões de nossas jovens mulheres são respeitadas em nossas comunidades? E se ainda não são, como podemos trabalhar para a criação de ambientes seguros e afetivamente saudáveis para as jovens mulheres?
6. Como podemos fazer com que nossas comunidades sejam um espaço de denúncia, proteção e segurança efetiva contra as violências física, psicológica, midiática e online que atingem as jovens?

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. *Saúde Sexual e Reprodutiva*. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-adolescente/saude-sexual-e-reprodutiva> Acesso em: 19 nov. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Cuidando de Adolescentes: orientações básicas para a saúde sexual e a saúde reprodutiva [recurso eletrônico]*. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidando_adolescentes_saude_sexual_reprodutiva.pdf Acesso em: 19 nov. 2025.
- CRIANÇA NÃO É MÃE. *Campanha Criança Não é Mãe*. Disponível em: <https://criancanaoemae.org.br/> Acesso em: 19 nov. 2025.
- CUNHA, Juliana (org.). *Meninas em rede: guia para fortalecimento de redes de proteção e apoio contra a violência online*. Salvador, BA: 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/12636/file/meninas-em-rede.pdf> Acesso em 19 nov. 2025.
- EPKER, Eva; ALMEIDA, Fernanda de. *Economia do cuidado: mulheres são responsáveis por mais de 75% do trabalho não remunerado* Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/11/economia-do-cuidado-mulheres-sao-responsaveis-por-mais-de-75-do-trabalho-nao-remunerado/> Acesso em: 20 nov. 2025.
- LEÓN, Lucas Pordeus. *Desemprego de jovens negras é 3 vezes superior ao dos homens brancos*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2024-05/desemprego-de-jovens-negras-e-3-vezes-superior-ao-dos-homens-brancos> Acesso em: 21 nov. 2025
- Marcha das Mulheres Negras. Disponível em: <https://marchadasmulheresnegras.com.br/#nossahistoria> Acesso em 20 nov. 2025.
- Pastoral da Juventude. *Campanha Nacional de Enfrentamento aos Ciclos de Violência Contra a Mulher*. Disponível em: <https://www.pj.org.br/wp-content/uploads/2020/11/CAMPANHA-combate-ciclos-violencia-mulher-final.pdf> Acesso em 20 nov. 2025
- SOUZA, Beto. *Feminicídio bate recorde no Brasil em 2024, diz estudo*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/feminicidio-bate-recorde-no-brasil-em-2024-diz-estudo/> Acesso em: 20 nov. 2025.

5. Juventudes negras e indígenas: resistir para existir

Pastora Priscilla dos
Reis Ribeiro

E aí, pessoal! Vamos falar de um assunto pesado, mas necessário?

Se você parar para olhar ao redor, na sua comunidade, na sua sala, na sua quebrada, no seu feed das redes sociais, ou no seu trabalho, vai perceber que algumas realidades são mais duras para uns do que para outros. E não é por acaso. Para a juventude negra e indígena, a vida muitas vezes é uma luta contra uma máquina de exclusão e violência que tenta, todos os dias, apagar suas existências. Isso tem um nome forte: genocídio.

Mas abre teu olho, porque não é escancarado como um exército invadindo. É um processo lento, tipo um veneno que vai corroendo por dentro, silencioso e fatal. É a violência que vem de um sistema todo, que foi construído sobre o racismo. O teólogo Leonardo Boff sempre nos lembra que o pecado não é apenas individual, mas também social e estrutural. Com isso, ele está ampliando o conceito de pecado. Para além das faltas individuais, existe o “pecado estrutural” ou “institucionalizado”, que são os mecanismos da sociedade que mantêm a injustiça, a desigualdade e a morte.

Se repararmos com atenção na nossa sociedade, vamos perceber que a lógica do genocídio tem suas bases no racismo estrutural, na desigualdade econômica e na marginalização social. Esses problemas que eu citei não são “falhas” no sistema, mas *características fundamentais* dele. Na linguagem teológica, são os “pecados estruturais” e é por causa disso que estou te escrevendo esse texto: para você se ligar que a luta por justiça é também uma luta para “erradicar o pecado” do mundo, combatendo essas estruturas opressoras.

A violência que vem de fábrica

Pensa comigo: o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão. E não fez isso por bem, por causa da boa vontade de alguém no governo. Claro que não foi assim! A real é que rolou muita pressão. Quando a escravidão “acabou”, não veio reparação nenhuma, indenização, terra ou oportunidade. As pessoas

negras que antes eram escravizadas foram largadas à própria sorte, e os indígenas, que sempre estiveram aqui, continuaram sendo vistos como um obstáculo ao “progresso”.

Essa lógica não desapareceu; pelo contrário, ela se modernizou, e hoje a violência sistêmica chega às comunidades empobrecidas pela atuação da polícia, que encrenca muito mais com um jovem negro do que com um branco na rua. E a situação dos indígenas não é melhor. Essa galera sofre desde a negação de sua identidade por conta do discurso que sempre rola por aí de que “índio de verdade” é aquele que mora na floresta, que não tem celular e que anda sem roupa, quando na verdade, desde 1500 o mundo mudou e as populações indígenas também passaram por muitas transformações. Os indígenas que vivem na cidade sofrem o apagamento de suas histórias ancestrais e os que vivem nas zonas rurais ou mais afastadas dos centros urbanos, são agredidos por defenderem a terra dos seus antepassados.

A coisa é tão séria que a taxa de homicídio atinge níveis absurdos entre jovens negros, mostrando que suas vidas são tratadas como descartáveis. É o genocídio físico – a morte real – e o genocídio cultural, que tenta apagar suas tradições, seus cabelos, sua fé e sua história. Por isso, a Teologia nos mostra o caminho para que a gente consiga entender melhor nossa sociedade tão desigual: primeiro VER a realidade crua da injustiça; depois, JULGAR essa realidade à luz da fé e dos ensinamentos cristãos; e por fim, AGIR para transformá-la.

O monstro que mora nas entranhas

Se formos usar os nomes reais dos problemas, vamos sacar que isso não é “mimimi”. É racismo estrutural. E o que é isso? É o racismo que está embutido nas instituições, nos hábitos, nas piadas e nas oportunidades. É quando a maioria dos presos é negra, mas a maioria dos juizes é branca. É quando o currículo da escola fala dos ‘descobridores’ e não dos povos originários e dos reis africanos. É quando você ouve que ‘cabelo bom’ é o cabelo liso e ‘cabelo ruim’ é o crespo. É a estética branca sendo tratada como a única bela e correta.

Esse racismo vai passando de geração em geração de maneira silenciosa, e ele se disfarça tão bem que tem gente que nem acredita que ele exista — mas não caia nessa! É um ciclo que vem se arrastando desde que o Brasil era uma colônia de Portugal: um avô que não pôde estudar; um pai que não consegue um emprego decente que pague as contas e ainda tenha tempo para aproveitar a vida; um filho que é visto com desconfiança antes mesmo de abrir a boca. A pobreza tem cor e endereço no Brasil, e isso não é coincidência, minha gente!

Precisamos estar sempre ligados/as no fato de que a desigualdade econômica é filha desse processo histórico de exclusão. Enquanto a juventude branca está pensando em qual faculdade fazer, uma parte enorme da juventude negra e indígena está pensando em como sobreviver até o fim do mês - papo reto!

A porta fechada dos direitos

E aí chegamos na parte dos direitos que são garantidos pela nossa Constituição, como o direito à saúde, moradia, educação, alimentação e tantos outros direitos necessários para termos uma sociedade boa para todo mundo. Só que, se a gente pega o exemplo do direito à educação, o que podemos dizer sobre isso? A maioria dos estudantes das escolas públicas é negra e, infelizmente, o que vemos no nosso país é que a educação pública está sucateada por falta de recursos que sejam investidos em boas salas de aula, boas bibliotecas, boas refeições e, principalmente, em um salário justo para os professores e professoras. O acesso à universidade ainda é um privilégio branco, mesmo com as cotas – que, por sinal, foram uma conquista enorme da luta negra.

E falando do direito à saúde, sabemos que quem mais morre por problemas no parto são as mulheres negras. Já a saúde mental das juventudes que moram nas periferias e que sofrem com o estresse diário da violência, não é nem levada em conta!

E se formos falar do direito à moradia? As comunidades e as aldeias são as mais afetadas pela falta de grandes obras e de projetos de esporte e cultura para os moradores, pela ausência de saneamento básico e pelos episódios de violência que nunca cessam — seja por parte da polícia, da milícia, do tráfico ou de qualquer outra força da maldade.

E o direito ao lazer? Quantos/as jovens negros/as e indígenas você vê nos shoppings centers? Quantos são revistados na entrada? E, no meio desse turbilhão todo, a justiça prende e condena a quem? O sistema é seletivo, e a gente sabe disso.

A história não acaba aqui: o protagonismo e a luta

Pode ser que você esteja com o coração super triste, como eu mesma fico quando paro para analisar essas condições sociais tão desiguais e injustas. Mas agora eu te peço: para um pouco, respira e aquieta os pensamentos. A parte mais importante dessa história é a resistência. Repete comigo: *RESISTÊNCIA*. A juventude negra e indígena não é vítima passiva; ela é protagonista da sua própria libertação, e essa é a nossa aposta! Jesus nos ensinou que o poder revolucionário da transformação começa dentro de cada um de nós, e é nisso que a gente vai

focar o nosso olhar.

Existem muitos coletivos de jovens negros ocupando as universidades, fazendo saraus, criando mídias independentes. Vários grupos de rap, funk e trap estão usando a música como denúncia e como armadura. A cada dia, mais e mais jovens indígenas aprendem a usar a tecnologia para levar sua luta para o mundo, mostrando a vida nas aldeias, partilhando a riqueza de sua ancestralidade nas redes sociais e ocupando espaços de poder para reflorestar as mentes.

Para e repara: é a jovem com seu turbante, afirmando sua beleza. É o jovem da quebrada que cria um projeto social para tirar outros da mesma situação. É o cineasta indígena gravando as cenas de um outro mundo possível. É a luta por políticas públicas de verdade — não esmola, mas reparação. Cotas, programas de moradia, titulação de terras quilombolas e indígenas, investimento em cultura periférica, fim dos autos de resistência (que mascaram execuções) — todas essas lutas estão rolando por aí, e a gente tem que chegar junto para fortalecer.

Se nós queremos políticas públicas que sejam eficazes para transformar o cenário de violência e descaso que vivemos no dia a dia, precisamos escutar essas juventudes. Elas sabem do que precisam. Vamos dar o microfone, o orçamento e o poder de decisão para quem vive a realidade dos territórios que sofrem e para quem está cotidianamente no limite, precisando de mudança urgente. Bora garantir que eles e elas estejam nos lugares onde as leis são feitas. Não dá para esperar mais; já não temos mais tempo: a vida boa que a gente quer precisa começar agora!

A gente precisa de você nessa!

E qual é o nosso papel, como juventudes e como comunidade de forma geral? Primeiro, reconhecer nossos privilégios. Se você é branco, entenda que o racismo te beneficia, mesmo que você não queira. Mesmo que você seja uma pessoa legal, saiba que a sociedade te trata de uma forma diferente da que trata a juventude negra e indígena. Converse com seus amigos que já sofreram episódios de racismo, e você verá como é pesado e doloroso passar por isso. Coloque seu coração junto aos deles e delas e torne essa a sua luta também.

Em segundo lugar, precisamos escutar mais e falar menos. Aprender com a sabedoria ancestral dos povos indígenas e com a força histórica do povo negro. Leia livros de autores que vieram de comunidades tradicionais, siga ativistas indígenas e negros que falem da realidade e façam boas análises sociais nas mídias. Sempre que puder, participe de debates que tratem dessas questões que trazem conflito à nossa sociedade... muitas cabeças juntas pensam melhor do que uma só!

Terceiro ponto: seja um aliado ativo. Compartilhe informações,

apoie coletivos, cobre dos políticos, corrija um amigo quando ele soltar uma piada racista. Para que a sociedade seja diferente, nós precisamos começar a experimentar a transformação primeiro dentro da gente. E não adianta dizer que não tem tempo nem dinheiro para isso: existem ações simples que não requerem grana e que fazem a diferença quando a gente quer mudar mentalidades — como, por exemplo, usar suas redes sociais para dar visibilidade a esses assuntos e falar sobre isso com seus amigos e amigas.

A luta contra o genocídio da juventude negra e indígena é uma luta pela humanidade de todos/as. É sobre entender que nenhum de nós é livre enquanto houver um jovem sendo morto por causa da sua cor ou da sua cultura. É sobre construir um futuro onde a diversidade não seja só tolerada, mas celebrada; onde a “juventude” não seja um período de perigo e medo, mas de sonhos e possibilidades para todos/as. Nós aprendemos isso com Jesus, quando ele nos ordena defender a vida e lutar pela justiça.

Essa galera não quer pena! Ela quer respeito, oportunidade e o direito básico de VIVER. E nós precisamos estar juntos nessa, porque a resistência deles/as é a esperança de todos/as nós. E a luta, como dizem, é diária; especialmente para os discípulos de Jesus que querem experimentar uma conversão radical. O que isso significa? Sair de sua zona de conforto e se colocar, de corpo e alma, ao lado daqueles/as que o sistema quer calar e eliminar. A luta contra o genocídio é, nesta perspectiva, uma ordenança do Evangelho da vida!

E você? Vai ficar aí sentado/a, só vendo as coisas acontecerem sem fazer nada, ou vai vir com a gente nessa iniciativa de transformar o mundo para melhor?

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. O que as nossas comunidades podem fazer para melhor compreenderem a realidade das juventudes negras e indígenas?
2. Como podemos fazer com que as CEBs sejam um espaço de denúncia, proteção, segurança efetiva e empoderamento das juventudes negras e indígenas contra as violências física, psicológica e midiática que sofrem?

6. Proximidade, compaixão e ternura: Acompanhar as juventudes em sua afetividade e sexualidade

*João Melo e Silva Junior
Maria Joaquina Fernandes Pinto (Quininha)*

Falar de afetividade e sexualidade não é nada fácil. É um tema visto com desconfiança, preconceitos, tabus e também com uma história de moralismo que a deixa em um lugar nada confortável. Na maioria das vezes, carrega uma grande dose de desconhecimento e um reducionismo ao meramente genital, quando, na verdade, a afetividade e a sexualidade são boas em si mesmas, porque foram criadas por Deus, que viu que tudo era bom (Gn 1,31).

Para caminhar com as juventudes em suas buscas por autenticidade e vínculos genuínos, é importante compreender a distinção entre conceitos fundamentais que frequentemente são confundidos.

Vejamos alguns desses conceitos:

A **afetividade** é uma dimensão constitutiva da pessoa humana, querida e criada por Deus, que permeia todas as relações e experiências de vida. A afetividade é a capacidade humana de se relacionar com Deus, com os demais, com a Casa Comum e consigo mesmo.

A **sexualidade** é a energia vital na qual o ser humano integra todo o seu ser. É ela que encarna e expressa o que somos; é ela que exhibe o pior e o melhor de nós mesmos. A sexualidade é força de encontro, de comunhão e de criatividade que impregna a pessoa toda. A sexualidade é impulsionada pelo desejo: é um chamado, um desejo do Outro; desejo que impele a buscá-lo como presença corpórea; é busca de prazer e de felicidade. Desejo do outro para comunicar, para ser/eu, desejo para intercambiar, desejo para comungar. A sexualidade humana expressa e realiza o mistério integral da pessoa.

O ser humano foi criado por Deus como um ser afetivo-sexual que busca o prazer e a satisfação. Deus criou a pessoa humana para a felicidade e o gozo; por isso inscreveu nela o desejo do prazer e da satisfação, que são, em si, bons.

A **orientação sexual** é a atração emocional, afetiva e sexual que sentimos por outras pessoas. Ela expressa a diversidade inscrita por Deus na criação. Atualmente, temos diversos nomes com os quais definimos as diferentes

orientações sexuais. Essas classificações foram historicamente criadas pelas sociedades modernas, que tomaram como base o gênero para o qual cada pessoa direciona seu interesse sexual, romântico e afetivo.

Assim, os heterossexuais sentem atração por pessoas de um gênero diferente do seu (ex.: uma mulher que se atrai por homens). Os homossexuais sentem atração por pessoas do mesmo gênero que o seu (ex.: um homem que se atrai por homens; uma mulher que se atrai por mulheres). Os bissexuais sentem atração por mais de um gênero (ex.: uma mulher que se atrai por homens e por mulheres). Os pansexuais sentem atração por pessoas de qualquer identidade de gênero, sendo a atração independente do gênero da outra pessoa.

Existem ainda outras formas de classificar as orientações sexuais que uma pessoa pode ter; as que apresentamos aqui são apenas as mais comuns. De qualquer maneira, a diversidade de orientações sexuais expressa a riqueza do plano divino da Criação, no qual cada pessoa é chamada a viver o amor de forma verdadeira e respeitosa.

A **identidade de gênero** é uma experiência interna, espiritual e individual, profundamente sentida de ser homem, mulher ou de pertencer a outro gênero. Essa identidade pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, e é a forma como a pessoa se reconhece e se nomeia.

Quando uma pessoa se reconhece como integrante do mesmo gênero que lhe foi atribuído ao nascer, ela é chamada de cisgênera. Assim, uma pessoa que nasceu com sexo biológico feminino e, ao crescer, identifica-se e se reconhece internamente como mulher, é uma mulher cisgênera. Do mesmo modo, uma pessoa que nasceu com sexo biológico masculino e, ao crescer, identifica-se e se reconhece internamente como homem, é um homem cisgênero.

Já uma pessoa que se reconhece como integrante de um gênero diferente do que lhe foi atribuído ao nascer é chamada de transgênera. Assim, uma pessoa que nasceu com sexo biológico masculino e foi designada como menino ao nascer, mas, ao crescer, identifica-se e se reconhece internamente como mulher, é uma mulher transgênera. Do mesmo modo, uma pessoa que nasceu com sexo biológico feminino e foi designada como menina ao nascer, mas, ao crescer, identifica-se e se reconhece internamente como homem, é um homem transgênero.

Existem ainda outras identidades de gênero, como a travesti, que é uma identidade de gênero feminina específica da América Latina; isto é, uma categoria dessa região que não foi concebida em outros lugares do mundo e que deve ser tratada com respeito aos nomes e pronomes femininos. Há também as pessoas

não binárias, isto é, que não se identificam com os gêneros binários “homem” e “mulher”.

É fundamental compreender que a identidade de gênero é um sentimento interno e, portanto, não está condicionada à forma como a pessoa se relaciona com o próprio corpo. Ou seja, não é necessário realizar cirurgias, tomar hormônios ou modificar a aparência física para que a identidade de gênero de alguém seja válida e plenamente reconhecida.

A diversidade do plano divino da criação se expressa também na pluralidade da biologia humana através da **intersexualidade**. As pessoas intersexo nascem com variações naturais nas características sexuais e genitais (como cromossomos, anatomia ou hormônios), que não se encaixam nas categorias estritas de “macho” ou “fêmea” (ou homem/mulher) como tradicionalmente concebidas. A intersexualidade não é uma doença nem um problema a ser corrigido. É uma das muitas formas naturais do ser humano. A intersexualidade, portanto, nos lembra que a riqueza da criação de Deus é vasta, e que a pessoa intersexo é plenamente querida e amada como é.

Essas informações são fundamentais, pois são conceitos muitas vezes confundidos e que geram equívocos capazes de impactar a vida concreta das pessoas. Cada pessoa tem sua própria orientação sexual e identidade de gênero, sem que uma condicione a outra. A sexualidade é dinâmica e a identidade de gênero não está determinada pelo sexo biológico. Muitas vezes, as juventudes encontram, em comunidades de fé, apoio e ajuda na busca pela autodescoberta. A maneira como cada pessoa escolhe se definir é uma decisão individual, e sua identidade deve ser respeitada.

Juventudes e sexualidade na era digital

As juventudes contemporâneas vivenciam sua afetividade em um contexto marcado pelas tecnologias digitais. Aplicativos de relacionamento, redes sociais e pornografia reconfiguram as formas de construir vínculos e expressar desejos. As redes sociais tornaram-se espaços de construção de imagem, exposição e busca por validação.

A educação sexual, antes restrita a ambientes formais, agora acontece via internet, com acesso à informação, mas também com riscos de desinformação e da influência de algoritmos que podem reforçar preconceitos. O acesso precoce à pornografia impacta a construção da sexualidade, apresentando modelos que não

correspondem a vínculos saudáveis e consentidos. É preciso compreender que a pornografia é produzida como entretenimento, não como um documentário sobre relacionamentos reais.

Entre as tensões que os/as jovens enfrentam estão a **solidão na hiperconexão**, a **pressão por performance afetiva/sexual** e o **cyberbullying**. A hiperconexão é o estado de estar permanentemente ligado/a pelas redes sociais, aplicativos e mensagens, o que, paradoxalmente, pode gerar isolamento real, porque, enquanto se interage apenas de forma superficial, falta uma conexão íntima e profunda. A performance afetiva/sexual refere-se à sensação de que é preciso sempre “desempenhar” emocionalmente ou sexualmente, isto é, mostrar para os outros uma imagem idealizada de amor, desejo ou sexualidade, em vez de viver de maneira espontânea e vulnerável. Já o cyberbullying é a intimidação, assédio ou humilhação direcionada a alguém por meio das plataformas digitais, como redes sociais ou aplicativos, o que agrava feridas emocionais e pode afetar gravemente a autoestima.

Essas tensões se manifestam em ansiedade relacional e em problemas de saúde mental. Além disso, a exposição da intimidade traz riscos graves: é ilegal compartilhar imagens sexualmente explícitas de menores de 18 anos, e a pornografia infantil é crime¹.

O ambiente digital oferece também possibilidades. As redes de apoio online são significativas para juventudes em contextos de isolamento ou rejeição familiar. Esses espaços podem ser os primeiros lugares de acolhimento e identificação. O acesso à informação sobre direitos sexuais, consentimento e diversidade pode acontecer de forma mais ampla, construindo redes de solidariedade.

Educação sexual: direito e caminho de cuidado

Quando falamos sobre sexualidade, também estamos falando sobre

1 A legislação brasileira prevê proteção rigorosa contra a produção, distribuição e compartilhamento de imagens sexualmente explícitas envolvendo menores de 18 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1990) tipifica como crime, em seu art. 241-B, “produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente”, bem como vender, distribuir, publicar ou divulgar esse tipo de material. A Lei nº 12.015/2009, que reformulou os crimes contra a dignidade sexual no Código Penal, reforça a proteção de crianças e adolescentes contra qualquer forma de exploração sexual, articulando-se às disposições do ECA para responsabilizar penalmente os envolvidos nessas práticas.

relações sociais, concepções, valores e toda a rede de significados socialmente construídos em torno dos desejos. A sexualidade não é apenas questão individual, mas social, cultural, política e educacional.

A **educação sexual** é direito humano fundamental que deve abranger a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), cujo nome substitui a sigla DSTs, que se referia a infecções causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos transmitidos principalmente por contato sexual. Ela também deve incluir a prevenção de gravidez não planejada, o conhecimento do corpo e dos ciclos, a compreensão sobre consentimento e relações saudáveis, respeito à diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, e a desconstrução de estereótipos.

Sobre o direito à diversidade, igualdade e educação para a sexualidade, é importante olhar o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) O artigo 17 dessa lei assegura que nenhum jovem será discriminado por motivo de etnia, raça, cor da pele, nacionalidade, sexo, orientação sexual, identidade de gênero, deficiência, convicções, condição socioeconômica ou qualquer outra forma de discriminação. E o artigo. 18 determina que o poder público deve garantir esse direito por meio de ações como: inclusão, nos conteúdos curriculares, de temas sobre discriminação e igualdade; formação de profissionais da educação, saúde e segurança para lidar com questões de raça, etnia, deficiência, orientação sexual, gênero e violência; e a inclusão de temas relacionados à sexualidade nos conteúdos curriculares, respeitando a diversidade de valores e crenças.

O **consentimento** é essencial e não se limita apenas ao “sim ou não”. É importante prestar atenção às expressões corporais, aos contatos visuais e às reações faciais. Consentimento sexual significa que ambas as pessoas desejam participar de uma atividade sexual por livre e espontânea vontade. As ferramentas para uma atividade sexual saudável são a confiança, o diálogo e a honestidade.

A discussão sobre gênero e sexualidade interpela todas as pessoas a respeito dos papéis e expectativas que a sociedade impõe. As pressões por conformidade de gênero afetam a todos e todas, limitando possibilidades. É necessário repensar terminologias, expandir horizontes e levantar questões sobre como a mediação de acesso a direitos, a partir do gênero e da orientação sexual, se torna cada vez mais complexa.

O pecado contra a diversidade da criação

A identidade de gênero e a orientação sexual são construções históricas. O que significa ser uma pessoa de determinado gênero varia ao longo do tempo e depende do contexto em que a pessoa vive, incluindo suas condições sociais como classe, cor da pele e pertencimento étnico. Ser mulher no século XXI, por exemplo, não é o mesmo que ser mulher na Idade Média. A diversidade sempre existiu, mas nem sempre teve a visibilidade e legitimidade que começou a conquistar nas últimas décadas.

Vivemos em uma sociedade que privilegia as pessoas cisgêneras e heterossexuais como sujeitos de pleno gozo de direitos, dificultando a construção de uma sociedade mais democrática. Essa realidade gera o pecado do preconceito, isto é, a rejeição ou negação da alteridade de pessoas que não estão no padrão afetivo-sexual dominante.

Assim como o racismo, que “é um vírus que muda facilmente e, em vez de desaparecer, dissimula-se, mas está sempre à espreita” (Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, n. 97), também o **preconceito de gênero e sexualidade** assume novas formas de naturalização dessas discriminações. Não é à toa que, no Brasil, o Supremo Tribunal Federal (STF) entendeu que qualquer ato de discriminação, violência, incitação ao ódio ou ofensa motivada por orientação sexual ou identidade de gênero, deve ser punido como crime de racismo, com as mesmas penas e regras².

O preconceito de gênero e sexualidade se manifesta em diversos setores sociais, nos índices de violência, de empregabilidade, de acesso a direitos e na ocupação dos espaços físicos. Os dados revelam uma realidade alarmante: em 2024, foram assassinadas 122 pessoas transgêneras e travestis no Brasil. Embora represente uma queda de 16% em relação ao ano anterior, o Brasil segue, pelo 16º ano consecutivo, como o país que mais assassina pessoas transgêneras no mundo³.

O perfil das vítimas permanece preocupante: majoritariamente jovens transgêneras negras, empobrecidas, nordestinas e assassinadas em espaços públicos. Ser jovem e ter identidade de gênero ou orientação sexual fora do padrão

2 O STF decidiu que a LGBTfobia é crime nos termos da Lei nº 7.716/1989 (Lei do Racismo), até que o Congresso aprove legislação específica.

3 Dados de BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2025.

dominante acentua a vulnerabilidade social. A vítima mais jovem em 2024 tinha apenas 15 anos, evidenciando que está em jogo a vida de adolescentes e jovens.

A dor das violências e das exclusões contrasta com o sonho de Deus para a humanidade, onde todas as pessoas possam viver em liberdade e amor. Assumir a luta contra o pecado do preconceito de gênero e sexualidade é parte do compromisso evangélico de amar como Jesus amou. Levantar-se e brilhar, como diz o profeta, é fazer resplandecer a luz de Deus em cada corpo e em cada história que ousa viver o amor (Isaías 60,1).

Ver para iluminar

Tensões existem entre as exigências do Evangelho e as tradições preconceituosas da contemporaneidade. O discernimento comunitário se faz necessário: como caminhar juntos, respeitando a pluralidade, para melhor viver a essência do Evangelho do amor ao próximo?

Pouco ou nada se fala da afetividade e da sexualidade de Jesus. O Deus bíblico é um Deus afetivo: o Antigo Testamento é rico em expressões que falam de amor, compaixão, ciúme, sedução, núpcias, enamoramento, cuidado e benevolência. Os sentimentos de Deus em relação ao seu povo foram revelados por Jesus, revelação do Rosto do Pai, um Rosto humano. E os sentimentos de Jesus, que revelaram sua afetividade, são o que temos de melhor para pautar, viver e humanizar a nossa sexualidade. Seu olhar, seu toque, sua compaixão, o desejo de encontro, o respeito pelas mulheres — vencendo os desafios e tabus culturais da época — e a supremacia do humano em detrimento da lei: tudo isso revela que Jesus viveu e conviveu com a grandeza do seu desejo; o desejo de vida e vida em abundância (João 10,10).

Mais recentemente, o pontificado do Papa Francisco foi um tempo inspirador para todo o povo de Deus. Seus gestos, palavras e encontros ensinaram que “o estilo de Deus tem três traços: proximidade, compaixão e ternura”. Essas palavras foram escritas por ele em uma carta manuscrita em espanhol ao padre jesuíta James Martin, em apoio ao seu apostolado entre pessoas LGBTQIAPN⁴, em junho de 2021 (Vatican News, 2021). As juventudes LGBTQIAPN⁺ são minorizadas e marginalizadas em nossa sociedade. Por isso, é preciso, com

4 LGBTQIAPN⁺ é a sigla que reúne Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e Não-binários, além do “+” que indica outras identidades e orientações sexuais. Trata-se de um termo inclusivo que busca representar a diversidade de experiências e expressões de gênero e sexualidade.

solidariedade de coração, voltar nosso olhar pastoral a elas, que também são uma parcela significativa dos “últimos da sociedade” do Povo de Deus (Papa Leão XIV, *Dilexi Te*, n. 111).

Do Papa Francisco, podemos aprender gestos, palavras e ações para caminhar junto às juventudes em meio às suas diversidades. No documentário “Amém: Perguntando ao Papa”⁵, dez jovens de diferentes países e contextos se reuniram em Roma para conversar com Francisco sobre temas como sexualidade, identidade de gênero, imigração, fé e desigualdade. Uma das participantes era uma jovem não binária. Ao iniciar sua fala, ela perguntou ao papa se ele sabia o que significava ser “não binária”. Francisco respondeu que sim, mostrando familiaridade com o termo e abertura para escutar. A jovem então compartilhou sua experiência de vida e suas dificuldades de aceitação. O Papa ouviu atentamente e reforçou sua postura de acolhimento, destacando que a Igreja deve se aproximar das pessoas com proximidade, compaixão e ternura, em linha com o que já havia dito em outras ocasiões.

A partir desse exemplo, podemos dizer que o primeiro passo é a formação de agentes pastorais com acesso a informações corretas, familiaridade com o tema da afetividade e sexualidade, superando preconceitos. O acolhimento nos exige escuta sem julgamento. Como disse o Papa Francisco, “Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?” (28 de julho de 2013).

É preciso ver antes de prescrever, aproximar-se das realidades das juventudes para compreender seus sofrimentos, buscas e alegrias. É fundamental reconhecer sofrimentos reais: rejeição familiar, violências, não-pertencimento e solidão. Certa vez, Francisco disse a um jovem chileno, que tinha sido vítima de abuso sexual cometido por um sacerdote: “Juan Carlos, que você é gay não importa. Deus te fez assim e te ama assim, e eu não me importo. O Papa te ama assim. Você precisa estar feliz como você é” (Lima, 2021). Em um outro momento, ao propor uma reflexão sobre a figura de São José e sobre a paternidade em uma catequese, Francisco citou “os pais diante dos problemas dos filhos” e às famílias disse: “Pais que veem orientações sexuais diferentes dos filhos, lidem com isso e acompanhem seus filhos, e não se escondam no comportamento da condenação. (...) Nunca condenem um filho” (Craveiro, 2022). Por fim, em outro episódio, aos católicos LGBTQIAPN+ o pontífice pediu que não entendessem a

5 “Amém: Francisco responde”, lançado em 2023 pela Disney+/Star+. Disponível em: <https://www.disneyplus.com/pt-br/browse/entity-99bb958e-e16d-407d-8209-33155f5d7ec5>

rejeição de algumas pessoas da Igreja como se fosse toda a instituição: “Gostaria que a reconhecessem não como ‘a rejeição da Igreja’, mas de ‘pessoas na Igreja’” (Vatican News, 2022). O que podemos aprender desses gestos e palavras do Papa Francisco? Nossas comunidades devem ser espaços de acolhida onde as juventudes se sintam bem-vindas, escutadas e respeitadas.

Outro passo importante é transcender o olhar para as juventudes como um problema, mas contemplá-las com seus potenciais, reconhecendo seus dons, talentos e qualidades. Ora, se até um texto da Santa Sé já apontou que “os homossexuais têm dons e qualidades a oferecer à comunidade cristã” (*Relatio post disceptationem* do Sínodo Extraordinário de 2014, n. 50), não há razão para que nossas comunidades tenham resistência em integrar todas as juventudes à vida e missão da Igreja.

Essa integração pode incluir também a vivência sacramental como meio para o encontro e a escuta que nos aproximam de Deus (*Amoris Laetitia*, n. 305). Os sacramentos têm a vantagem de nos envolver afetiva, espiritual e corporalmente em suas realidades. É importante recordar o que diz o Papa Francisco: “Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! [...] seja qual for a situação em que se encontrem” (*Amoris Laetitia*, n. 297). Quais caminhos de acompanhamento e iniciação à vida cristã temos percorrido com as juventudes?

Toda a Igreja tem a missão de acompanhar as juventudes em seus projetos de vida, para que aspirem a criação de um futuro promissor para si mesmas, para suas comunidades e para os demais. Alguns jovens sonham em ter uma família, outros não. Nossas comunidades de fé devem acompanhar esses e outros caminhos trilhados pelas juventudes, apoiando no discernimento e na garantia da permanência de seus direitos.

Certa vez, o Papa Francisco declarou no documentário do diretor russo Evgeny Afineevsky⁶: “As pessoas homossexuais têm direito de estar em uma família. [...]. Ninguém deve ser impedido ou tornado infeliz por isso. O que precisamos criar é uma lei sobre as uniões civis. Dessa forma, eles seriam amparados legalmente. Eu lutei por isso” (Grana, 2020). No Brasil, essa lei defendida pelo papa já existe⁷, mas é preciso seguir lutando junto às juventudes,

6 *FRANCESCO*. Direção de Evgeny Afineevsky. Estados Unidos: Afineevsky-Tolmar International, 2020. Documentário. Disponível em: <https://tv.apple.com/br/movie/francesco/umc.cmc.15gxc8l58s6y2ltk7rr11bltq>

7 No Brasil, a união civil entre pessoas do mesmo sexo foi reconhecida pelo Supremo

para a permanência desse direito e pela conquista de outros.

Com efeito, um texto da Santa Sé reconheceu que casais de católicas e católicos LGBTQIAPN+ descobrem a experiência do “apoio mútuo” e “precioso” que pode chegar “até ao sacrifício” (Relatório Intermediário do Sínodo Extraordinário de 2014, n. 52). De fato, com frequência, casais LGBTQIAPN+, no santuário de suas consciências, onde Deus dá a conhecer a Sua vontade desde o nosso interior (Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n. 16), chegam a reconhecer que sua união é uma bênção. Nesses casos, nossas comunidades podem estimular para que eles recebam o gesto da bênção pastoral segundo as orientações do documento *Fiducia Supplicans*. Dito de outra maneira, nossas comunidades precisam ser espaços eclesiais que além de acolher e integrar, celebrem os projetos de vida e as diversas situações familiares que florescem entre as juventudes.

Chegou a hora de brilhar

Somos chamados a sermos comunidades onde as juventudes encontrem celebração de quem são. Como comunidades de base, somos chamadas a caminhar COM as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino de Deus, Reino de justiça, paz, amor e vida plena para todas e todos. Quando as juventudes se levantam e brilham em sua verdade afetiva e sexual, o Reino de Deus se torna mais visível entre nós.

Com efeito, as juventudes, com suas Galileias, lugares periféricos onde acontece o encontro com o Ressuscitado, nos interpelam como comunidades de fé. As juventudes, com suas formas diversas de vivenciar a afetividade e a sexualidade, são lugares teológicos onde Deus fala.

Levantar-se como comunidade para enxergar as juventudes reais, não as idealizadas, mas as concretas, com suas buscas, sofrimentos, alegrias e identidades diversas, é urgente. Ver essas juventudes com olhos de Deus, que acolhe e liberta.

O lema do 16º Intereclesial das CEBs, “Levanta-te, brilhe, pois chegou a tua luz!” (Is 60,1), ressoa como um convite para as juventudes que buscam viver plenamente sua afetividade e sexualidade. Levantar-se significa assumir a própria identidade e dignidade, reivindicar o direito de existir e ser respeitado/a. Brilhar

Tribunal Federal (STF) em maio de 2011, quando os ministros decidiram que a união estável homoafetiva deveria ter os mesmos direitos da união heteroafetiva, configurando entidade familiar. Posteriormente, em maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) editou a Resolução nº 175, obrigando todos os cartórios do país a realizarem o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, consolidando juridicamente a igualdade de direitos.

é celebrar a diversidade e reconhecer que cada pessoa traz o dom do amor para a construção do Reino de Deus.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. O que as nossas comunidades podem fazer para compreenderem melhor a realidade das pessoas e grupos LGBTQIAPN+ ?
2. Como podemos fazer com que as CEBs sejam um espaço de denúncia, proteção, segurança efetiva e empoderamento das juventudes LGBTQIAPN+ contra as violências física, verbal, psicológica e midiática que sofrem e a favor de suas pautas e lutas?

Referências

BENEVIDES, Bruna G. *Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024*. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes: constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*. Vaticano, 7 dez. 1965. Constituição Pastoral. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

CRAVEIRO, Rodrigo. *Papa pede aos pais que apoiem filhos LGBTQIA+*. Correio Braziliense, Brasília, 26 jan. 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/01/4980406-papa-pede-aos-pais-que-apoiem-filhos-lgbqia-.html>> Acesso em: 15 nov. 2025.

DICASTÉRIO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Fiducia Supplicans: sobre o significado pastoral das bênçãos*. Vaticano, 18 dez. 2023. Declaração. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20231218_fiducia-supplicans_sp.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

ERDŐ, Péter. *Relatio ante disceptationem: Relatório apresentado no Sínodo dos Bispos*. Vaticano, 13 out. 2014. Documento do Sínodo dos Bispos. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141013_erdo-synod_po.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Amoris Laetitia: sobre o amor na família*. Vaticano, 19 mar.

2016. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Conferência de imprensa durante o voo de regresso do Rio de Janeiro*. Vaticano, 28 jul. 2013. Discurso. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti - Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. Vaticano, 3 out. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

GRANA, Francesco Antonio. *Papa Francisco: “Sou a favor das uniões civis, as pessoas homossexuais têm direito a uma família”*. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 22 out. 2020. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603964-papa-francisco-sou-a-favor-das-unioes-civis-as-pessoas-homossexuais-tem-direito-a-uma-familia>> Acesso em: 15 nov. 2025.

PAPA LEÃO XIV. *Dilexi te – Exortação Apostólica sobre o Amor para com os Pobres*. Vaticano, 4 out. 2025. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulus, 2025. Também disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

LIMA, Luís Corrêa. *Deus te fez e te ama assim: o Papa e os LGBT*. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, São Leopoldo, 14 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/579633-deus-te-fez-e-te-ama-assim-o-papa-e-os-lgbt>> Acesso em: 15 nov. 2025.

VATICAN NEWS. *Papa Francisco envia carta ao padre jesuíta James Martin sobre pessoas LGBT*. Vatican News, Cidade do Vaticano, 9 maio 2022. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-05/papa-francisco-pessoas-lgbt-carta-padre-jesuita-james-martin.html>> Acesso em: 15 nov. 2025.

VATICAN NEWS. *Papa Francisco: Deus se torna próximo de todos com coração de Pai*. Vatican News, Cidade do Vaticano, 25 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-06/papa-francisco-deus-se-torna-proximo-de-todos-com-coracao-pai.html>> Acesso em: 15 nov. 2025.

7. Da *Via Crucis* à *Via Lucis*: saúde mental e novos desafios pastorais

Padre Rino Bonvini

O Papa Leão XIV apresentou sua intenção de oração para o mês de novembro de 2025 no vídeo produzido e divulgado pela Rede Mundial de Oração do Papa: “Rezemos para que as pessoas que lutam contra pensamentos suicidas encontrem em suas comunidades o apoio, a assistência e o amor de que precisam e se abram para a beleza da vida”. Na audiência pública, o Papa afirmou que é necessário vivenciar a potência da Ressurreição, que transforma a dor da *Via Crucis* na alegria da *Via Lucis*. Ou seja, do sofrimento ao caminho da luz.

Um olhar sobre a realidade

A cada ano, dados recentes apontam que cerca de 800 mil pessoas no mundo se suicidam, mais de 2 mil por dia. Mais da metade dos suicídios globais (56%) ocorre antes dos 50 anos. Para cada suicídio, há muito mais pessoas que atentam contra a própria vida. O suicídio é a segunda principal causa de morte entre jovens com idades entre 15 e 29 anos, e 79% dos suicídios no mundo ocorrem em países de baixa e média renda. A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que 30% da população ativa sofre de transtorno mental.

O Brasil é considerado o país mais ansioso do mundo e cerca de 18,6 milhões de brasileiros, aproximadamente 9,3% da população, já apresentaram sintomas de ansiedade. Os afastamentos do trabalho por ansiedade e depressão quase triplicaram em 10 anos, chegando a mais de 307 mil no ano de 2024, segundo o Ministério da Previdência.

Os resultados de pesquisas recentes indicam que os transtornos mentais mais comuns entre os pacientes atendidos pelos psiquiatras são ansiedade (100%), depressão (100%), transtorno bipolar (70%), TDAH (63%), TOC (30%), esquizofrenia (23%) e TEPT (23%). Além disso, 93% dos psiquiatras entrevistados afirmaram que esses transtornos impactam fortemente a qualidade de vida dos pacientes.

A Pesquisa Ipsos afirma que para 52% dos brasileiros, a saúde mental é o principal problema de saúde do país. O número triplicou em relação a 2018, quando 18% dos entrevistados tinham a mesma percepção. Segundo dados do

Ministério da Saúde, em uma década o suicídio cresceu 81% entre os adolescentes, chegando a uma alta de 113% entre menores de 14 anos. Apenas em 2022, 1.194 crianças e adolescentes tiraram a própria vida. A taxa entre jovens de 15 a 19 anos cresceu 49% entre 2016 e 2021, atingindo 6,6 óbitos por 100 mil habitantes. Casos de automutilação também dispararam, com aumento médio de 29% ao ano. Ao mesmo tempo, a prevalência de depressão entre jovens de 18 a 24 anos dobrou em menos de uma década, alcançando mais de 11% dessa faixa etária.

A partir de 2020, durante a pandemia da Covid-19, a preocupação com saúde mental aumentou significativamente. Fatores como problemas financeiros, questões familiares, estresse no trabalho, metas exigentes, falta de tempo para se cuidar, contribuem para o sofrimento emocional e a exaustão, levando ao fenômeno do “burnout”.

Mas existem outros fatores que contribuem drasticamente para o aumento do sofrimento psíquico e da fragilidade da saúde mental, especialmente das juventudes. Mais de 23% dos jovens brasileiros estão fora da escola e sem trabalho formal; apenas três em cada dez acreditam que terão mais oportunidades que seus pais; e um em cada três apresenta sintomas de ansiedade e depressão.

A pesquisa Pense aponta que 40% dos estudantes relatam situações de bullying, falta de segurança na escola, ou envolvimento em brigas físicas. O uso da internet e das redes sociais faz parte do cotidiano de milhões de crianças e adolescentes no Brasil. O excesso de telas tem exposto a juventude a riscos graves como: discursos de ódio, violência psicológica, assédio, exploração; tudo isso com óbvias consequências para a saúde mental. Diversos estudos apontam que o acesso frequente a conteúdos nocivos pode ampliar quadros de ansiedade, depressão, baixa autoestima e até risco de suicídio entre jovens. O Jogo da Baleia Azul ficou tristemente famoso por induzir automutilação e suicídio em adolescentes, manipulando as vítimas com desafios progressivos, autoagressão e isolamento social, virando um problema de saúde pública e psicossocial.

Durante a COP 30, a organização Médicos Sem Fronteira alertou que a crise climática é também uma crise da saúde, com várias consequências para a saúde mental. A ecoansiedade provocada pela crise climática; o estresse térmico; a poluição sonora, da água e do ar; a progressiva desconexão com a natureza; o aumento dos agrotóxicos, do consumo de comidas ultraprocessadas e transgênicas; as disputas planetárias com riscos reais de conflitos nucleares, e o uso de drogas lícitas e ilícitas, também contribuem para sobrecarregar o inconsciente coletivo com medos e inseguranças, reduzindo a qualidade da saúde mental.

Finalmente, lembramos da Síndrome da Colonialidade Internalizada, oriunda de séculos de dominação escravocrata, com o genocídio cultural dos povos originários e o extermínio de milhões de seres humanos. As marcas profundas no inconsciente coletivo das pessoas pobres, marginalizadas e excluídas, especialmente mulheres negras e indígenas, evocam dores insuportáveis provocadas pelas violências cruéis e desumanas que os antepassados vivenciaram.

A Síndrome da Colonialidade Internalizada provoca uma paralisia existencial que interfere no processo de evolução e de autoafirmação das pessoas. Quando se apresenta uma oportunidade para crescer, o inconsciente coletivo evoca fantasmas do passado que gritam: “você não pode, você não vai conseguir, você não é capaz, você não merece!”. Um terrorismo psicológico autoinduzido que acaba com a autoestima e com o ímpeto do empoderamento, sugando a energia da vítima que desiste, achando que, se continuar neste caminho ilusório, algo de muito ruim vai acontecer. Portanto, melhor ficar no cativeiro e evitar constrangimentos. As consequências levam à uma fossilização da autoestima e à tendência a manter relacionamentos tóxicos, abusivos, com dependências emocionais ou químicas. Sintomas depressivos como a baixa autoestima; a sensação de não merecer; sentimento de culpa em relação a sonhos que não se podem realizar, porque não estão ao nosso alcance; medo; insegurança; tristeza e angústia também estão presentes, definindo a potência deletéria desta síndrome

Jesem Orellana, epidemiologista da Fiocruz afirma: “Não dá para você associar exclusivamente ou principalmente os suicídios indígenas no Brasil aos transtornos mentais. Muitas vezes, são frustrações de um jovem indígena que não consegue se inserir no sistema escolar formal, não consegue se inserir no mercado de trabalho. É uma frustração com a xenofobia das populações não indígenas. Conflitos territoriais, perseguição, assassinato, contato com pistoleiros. Temos uma série de determinantes sociais que acabam ajudando a entender porquê existem determinados contextos em que os indígenas são mais vulneráveis ao suicídio”.

Como julgar e discernir esse quadro?

Vejam os que nos diz Ignacio Martín-Baró, psicólogo jesuíta que foi vítima do massacre da Universidade Centroamericana (UCA) de El Salvador, juntamente com cinco confrades e duas mulheres, ocorrido em 16 de novembro de 1989 e realizado pelas forças militares da ditadura salvadorenha, as mesmas que assassinaram Dom Oscar Romero durante a celebração da Eucaristia. O

martírio interrompeu a grande contribuição que o idealizador da Psicologia da Libertação estava trazendo para enfrentar os grandes desafios da saúde mental na América Latina. Ele nos deixou uma crucial pergunta: “Nosso trabalho está despertando as pessoas para a corresponsabilidade por uma sociedade mais justa ou está mantendo-as no sono ilusório de um falso bem-estar?”. Martín-Baró nos lembra que a Psicologia deve ser libertadora. Não pode servir ao controle social, mas sim à emancipação dos povos, valorizando uma prática que envolva a participação consciente dos sujeitos em sua própria emancipação. E ainda nos lembrou que “se pretendermos que a Psicologia contribua para a libertação de nossos povos, temos que elaborar uma Psicologia da Libertação. Mas elaborar uma Psicologia da Libertação não é uma tarefa simplesmente teórica, e sim, primeiro e fundamentalmente, prática. Por isso, se a Psicologia Latino-Americana quiser se lançar pelo caminho da libertação, precisa romper com sua própria escravidão. Em outras palavras, realizar uma Psicologia da Libertação exige, antes de tudo, alcançar uma libertação da Psicologia.” (MARTÍN-BARÓ, 1986)

Tudo isso deve ter consequências políticas, amplamente previstas pelo autor, que fala em estimular o desenvolvimento de uma psicologia política que contribua para a crítica de um sistema injusto. O ponto fundamental desta questão é: “...se todo esse acúmulo de material psicológico está servindo para esclarecer a realidade ou, mais bem, para obscurecê-la, se está servindo para fazer avançar a história, ou mais bem, a está bloqueando ou dificultando. Se assim for, mais do que uma ciência, a psicologia seria outro instrumento técnico, muito refinado, aliás, pelo qual a classe dominante mantém e consolida sua situação de poder social.” (MARTÍN-BARÓ, 1990)

E como agir diante de tudo isso?

O Movimento Saúde Mental (MSM) iniciou as suas atividades socioterapêuticas na periferia de Fortaleza quase trinta anos atrás. Nesta época, falar de saúde mental no contexto eclesial gerava perplexidade e preconceitos. “Terapia é negócio de doido...”

Iniciamos este trabalho acolhendo e escutando as pessoas que traziam histórias dolorosas caracterizadas por um sofrimento psíquico intenso. Percebemos que a autoestima fragilizada era uma das queixas mais frequentes e, por isso, iniciamos os primeiros grupos terapêuticos para fortalecer a consciência do próprio valor, a partir da nossa dignidade de Filhos e Filhas de Deus. Em seguida iniciamos grupos de Terapia Comunitária, de Biodança, Massoterapia,

Arteterapia, Constelação Familiar, Musicoterapia, entre outras Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS), antecipando a realização da Reforma Psiquiátrica do Ministério da Saúde, que em 2006 inseriu 29 PICS nas atividades de prevenção do SUS.

O Ministério da Saúde define as PICS como: “práticas de Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI). Tais práticas são recursos terapêuticos que fortalecem o cuidado ofertado no SUS e ampliam a percepção da população para o sentido da autonomia e do autocuidado. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, as PICS proporcionam uma perspectiva direcionada para um cuidado continuado, humanizado e abrangente em saúde, ampliando conhecimentos e qualificando profissionais de saúde para garantir a oferta segura e de qualidade aos usuários do SUS.”

A partir das PICS, o MSM desenvolveu a Abordagem Sistêmica Comunitária (ASC), uma socioterapia de múltiplo impacto que foi reconhecida como Tecnologia Social e como inovação em Saúde Mental. Acolher, escutar, cuidar e oferecer caminhos para transformar a crise em uma oportunidade de crescimento e de evolução biopsicossocioespíritual, e finalmente convidar para assumir a própria corresponsabilidade, são os passos desta metodologia.

A ASC desperta para uma corresponsabilidade que constrói a Casa Comum, uma sociedade mais justa e mais fraterna, na qual todo ser tenha vida e vida em abundância, incluindo a dimensão da Ecofilia — uma relação de amizade para com a Mãe Terra, a preocupação com as emergências da crise climática e da sustentabilidade do planeta, uma Natureza viva que necessitamos conservar para as gerações futuras.

O Papa Francisco, na sua Carta Encíclica *Laudato Si'*, nos alertou para a necessidade de valorizar a cultura indígena, que, neste momento histórico particularmente inquietante, se revela como a medicina necessária para salvar o mundo da sua tendência autodestrutiva, que se manifesta também através do aumento dos números de suicídios.

Valorizar a sabedoria ancestral, dialogar com as várias dimensões espirituais, continuar o processo de decolonização, resgatando as práticas da medicina tradicional, pode contribuir para construir coletivamente e autopoieticamente novas políticas públicas de saúde mental, mais inclusivas e eficazes. Uma metodologia interseccional que inclui as diferenças raciais, étnicas, de gênero, de orientação sexual, de classe e epistemológicas.

A prevenção é o caminho que pode salvar a vida de jovens que não

conseguem mais encontrar o sentido para continuar a viver num mundo sempre mais distante dos ideais e dos sonhos de equidade, liberdade, fraternidade, justiça e paz.

O projeto Sim à Vida do MSM, tem o objetivo de prevenir o contato com as drogas. Oferece uma experiência prazerosa com várias atividades lúdicas e psicopedagógicas. Crianças e adolescentes se encontram para desenvolver as inteligências múltiplas, cantando, tocando instrumentos, dançando, pintando, brincando, aprendendo a conviver e a fortalecer a autoestima. Vivências de autoconhecimento proporcionam o encontro com a inteligência intrapessoal que ajuda o jovem a compreender a sua identidade, a sua origem, e a se valorizar. Em continuidade com esse projeto, são oferecidas oportunidades como o Jovem Aprendiz, a Escola de Robótica e a Escola de Gastronomia Autossustentável, iniciativas que contribuem para a geração de emprego e renda, além de incentivar a continuidade dos estudos. Por fim, a importância de uma refeição de qualidade, que para muitos adolescentes representa a única refeição completa do dia.

O Papa Leão XIV, na sua Exortação Apostólica *Dilexi te*, indica o ponto de partida para restaurar a Esperança neste mundo transtornado e atordoado pelas guerras de todo tipo. É preciso recomeçar acolhendo, escutando e cuidando dos pobres, dos últimos e excluídos. É nas periferias adoecidas que Jesus de Nazaré continua a se reencarnar e nos convida a vivenciar o mistério da “Eucaristia da rua”, que Dom Hélder Câmara nos ensinou a experimentar: A *Via Lucis* rumo ao Reino do Deus da Vida.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Como facilitar espaços de acolhida, escuta e cuidados nas nossas comunidades?
2. Como proporcionar atividades de autoconhecimento e de fortalecimento da autoestima dos jovens?
3. Como vivenciar uma espiritualidade que une a fé com a vida, que cuida do nosso próximo com problemas de saúde mental?

Referências

BONVINI, Pe. Rino, *Abordagem Sistêmica Comunitária: uma socioterapia de múltiplo impacto*. Fortaleza: Umehara Parente, 2024

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. Hacia una Psicología de la Liberación. *Boletín de Psicología*, n. 22, 219-231, UCA, Salvador, 1986

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Psicología de la liberación para América Latina*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 1990.

PAPA LEÃO XIV. *Dilexi te* – Exortação Apostólica sobre o Amor para com os Pobres. Vaticano, 4 out. 2025. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulus, 2025. Também disponível em:https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html> Acesso em: 15 nov. 2025.

Pesquisas:

BET: <https://abet-trabalho.org.br/crise-de-saude-mental-brasil-tem-maior-numero-de-afastamentos-por-ansiedade-e-depressao-em-10-anos/>

IPSOS: <https://www.ipsos.com/pt-br/world-mental-health-day-2024>

PICS MINISTERIO DA SAUDE: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/p/pics>

PENSE: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/inqueritos-de-saude/pense>

FIOCRUZ:<https://infoamazonia.org/2024/04/23/alta-taxa-de-suicidio-indigena-reflete-carencia-de-direitos-basicos-violencia-e-falta-de- psicologos/>

8. Juventudes e Trabalho: entre a segurança e o adoecimento

João Marcos Picarti

A relação entre juventudes e trabalho, tanto no campo quanto na cidade, revela um mosaico de desafios, sonhos e tensões que atravessam a formação das novas gerações. Em meio às transformações tecnológicas, às desigualdades socioeconômicas e às exigências cada vez mais intensas do mercado e das redes sociais, as juventudes são impulsionadas a afirmar suas existências entre oportunidades escassas e expectativas sociais elevadas.

Enquanto no campo a permanência está ligada ao acesso à terra, às tradições familiares e às disputas por políticas públicas, na cidade o trânsito por empregos temporários, a competitividade e a informalidade marcam o cotidiano. O trabalho, que poderia ser caminho de autonomia e realização, torna-se, muitas vezes, lugar de incerteza, angústia e sobrevivência. Por isso, é preciso acercar-se, com sensibilidade e profundidade, dessa temática; afinal, ela é parte constante do projeto de vida das juventudes, justamente porque o trabalho pode ser uma das possibilidades de construção da vida digna.

O que nos diz a Bíblia?

A narrativa bíblica de Abel e Caim, presente no livro do Gênesis (cap. 4), apresenta dois jovens trabalhadores marcados por realidades distintas, como caminhos paralelos que seguem próximos, mas raramente se encontram. Ambos expressam formas diferentes de se relacionar com a terra, a produção e a vida. Abel é pastor, cuida de seres vivos, acompanha o compasso manso dos rebanhos, observa o ciclo natural e estabelece uma relação de gratuidade, trato e cuidado. Caim, por sua vez, é agricultor, trabalha a terra, planta e colhe frutos, organiza sua produção e vive claramente controlando tudo o que tem. Enquanto Abel oferece a Deus o primeiro e melhor de seu rebanho – gesto de confiança e entrega – Caim oferece frutos de forma calculada, evidenciando tensão e posse. O conflito que emerge, simbolizado pela rejeição da oferta de Caim e culminado no fratricídio, mostra que o trabalho pode ser atravessado não apenas por dignidade, mas também por inveja, disputa e violência, quando orientado por outros desejos que não o da construção de um mundo melhor.

Abel representa a lógica do cuidado, da partilha e da reciprocidade com a natureza, enquanto Caim simboliza as atividades humanas desconectadas de seu sentido profundo, convertendo o trabalho em uma busca incessante de acumular. O assassinato do irmão expressa o ponto extremo dessa ruptura: quando o trabalho se torna instrumento de competição, ele não apenas elimina o outro, mas fere a própria terra. Metaforicamente, como na época em que o texto foi escrito, Abel e Caim continuam simbolizando, nas realidades contemporâneas, o contraste entre modos de vida orientados pelo afeto e pela coletividade e aqueles voltados para a produtividade, o lucro e a superação do outro.

Ter, na comunidade, uma presença materna, sempre alerta, que pergunte “Onde está teu irmão?”, coloca em evidência o desafio ético diante das desigualdades que atravessam o mundo⁸, e também as relações de trabalho.

O trabalho entre precariedade e realização

Falar sobre trabalho é falar de vocação, oportunidades, projetos de vida e condições concretas de existência. Ele organiza o tempo, ajuda a conquistar autonomia financeira, influencia relações, fortalece identidades e pode abrir caminhos, mas também pode criar barreiras aos sonhos. Compreender como as juventudes se inserem no mundo do trabalho, especialmente em situações de precarização, é essencial para pensar o desenvolvimento e a justiça social. Sem essa reflexão, corre-se o risco de naturalizar injustiças e perpetuar exclusões.

Em 2003, o projeto *Juventude*, do Instituto Cidadania, pesquisou jovens de 15 a 24 anos, mostrando que 36% estavam trabalhando; 24% nunca havia trabalhado nem procurado emprego; 32% já havia trabalhado e buscava nova colocação; e 8% não trabalhava, mas procurava emprego. Esses dados indicam que a juventude brasileira não apenas deseja trabalhar, mas precisa ingressar cedo no mercado. Para jovens de baixa renda, o trabalho raramente representa realização; é, sobretudo, meio de sobrevivência e contribuição para a renda familiar.

Dizem que o ingresso no trabalho marca a maturidade do jovem, simbolizando autonomia e pertencimento social. Contudo, o modelo fordista, que apresentava um pouco mais de estabilidade, foi fragilizado desde os anos 1970 por reformas, globalização e políticas neoliberais, dando lugar a jornadas instáveis, contratos intermitentes, empreendedorismo forçado e informalidade. A segurança

8 Confira a canção de Santiago Benavides *Mira dime dónde* que aborda a temática de modo absolutamente atual e numa perspectiva cristológica necessária: https://www.youtube.com/watch?v=FK90kUy7O_A

cedeu espaço à adaptação, e os jovens pagam o preço dessa instabilidade. No Brasil, a maioria precisa conciliar estudo e trabalho, enfrentando longas jornadas, deslocamentos e cansaço, o que aumenta a evasão escolar e diminui o ingresso no ensino superior. A experiência juvenil caracteriza-se por rotatividade entre empregos temporários e “bicos”, acumulando vivências fragmentadas e sem progressão, fenômeno chamado de “multiatividade nômade”, até porque se torna impossível manter-se financeiramente com apenas um trabalho. Essa precarização afeta mais intensamente os jovens, gerando desânimo e sensação de improdutividade social; e a sociedade, em seus conceitos estabelecidos, responsabiliza os próprios jovens por se sentirem assim. Quem nunca ouviu: “... jovem não quer nada com nada! ...não tem responsabilidade! ...preguiçosos! ...na minha época, ou, quando eu tinha a sua idade...”?

A crise econômica de 2016 intensificou o desemprego entre jovens, alcançando taxas superiores a 31% na faixa de 18 a 24 anos, afetando de forma mais aguda famílias de baixa renda. Nessas situações, surgem estratégias coletivas de sobrevivência, como a redistribuição de tarefas, a entrada precoce de filhos no mercado de trabalho e o aumento da informalidade. Pesquisas indicam que o desemprego familiar aumenta em até 50% a probabilidade de crianças e adolescentes ingressarem no trabalho, comprometendo sua educação e perpetuando ciclos de pobreza.

Nesse cenário, o fenômeno da uberização evidencia a precarização contemporânea, com jornadas exaustivas, baixos pagamentos, ausência de direitos trabalhistas e insegurança financeira; atingindo principalmente jovens negros de periferias. Esse fenômeno é caracterizado pelo processo de reorganização do trabalho mediado por plataformas digitais, caracterizado pela intermediação algorítmica, pela remuneração por tarefa e pela ausência de vínculo empregatício formal. Trata-se de um modelo que flexibiliza a oferta de serviços, mas acentua a precarização laboral e a transferência de riscos ao trabalhador. A plataformação, que é o processo em que atividades econômicas e relações de trabalho passam a ser mediadas por plataformas digitais, as quais organizam, controlam e distribuem tarefas por meio de algoritmos, somada à informalidade e terceirização, amplia a vulnerabilidade, enquanto a ideia de que “tudo depende do indivíduo” invisibiliza injustiças estruturais.

Outro aspecto é a taxa de subutilização, que é o indicador que soma desempregados, subocupados por falta de horas e pessoas disponíveis para trabalhar, mas que não buscaram emprego. Ela mede o grau ampliado de

ociosidade da força de trabalho no país. Essa taxa, entre jovens de 18 a 24, anos chega a 34%, incluindo desocupados, subocupados e desalentados, evidenciando incapacidade da economia em gerar empregos dignos.

Assim, o trabalho pode permanecer como eixo de identidade, oferecendo dignidade, mas ele pode também gerar frustração e adoecimento quando tornado em exploração. No campo, jovens enfrentam o êxodo rural, a mecanização, a dificuldade de acesso à terra e a pressão de monoculturas, mas protagonizam resistências com a agroecologia e o associativismo, preservando a cultura, a memória e a identidade. Na cidade, seguem firmes lidando com empregos temporários, enfrentando competitividade e impessoalidade, enquanto a meritocracia oculta as desigualdades históricas. Jovens urbanos e rurais compartilham a luta por reconhecimento, dignidade e justiça no trabalho.

Quais são as perspectivas?

O futuro do trabalho exige políticas públicas integradas: investimento educacional, assistência estudantil, combate ao trabalho infantil, fortalecimento da agricultura familiar, regulamentação das plataformas digitais, expansão das políticas de primeiro emprego, políticas de permanência escolar e democratização tecnológica. O Estado tem o papel de garantir a justiça social, evitando que o mercado transforme as juventudes em excedente descartável. O cuidado estrutural é condição para que as juventudes floresçam.

A pergunta bíblica — “Onde está teu irmão?” — nos convida a refletir: onde estão as juventudes invisibilizadas pelo modelo econômico? Quem responde pelas vidas soterradas pela precarização? Quem cuida da terra ferida pelo sangue da exploração?

A ausência de respostas ecoa como clamor, exigindo atenção, sensibilidade e ação política. As juventudes são atravessadas por sonhos, potências e criatividades. No campo ou na cidade, desejam viver com dignidade, estudar e trabalhar exercendo suas habilidades, vocações e desejos. Em tempos de incertezas, a resiliência delas persiste, mas não pode ser exigida como política pública; o que se espera são oportunidades, solidariedade, cuidado e direitos garantidos.

Assim como Abel, a juventude deseja ofertar o melhor de si. Mas o sistema, como fez com Caim, insiste em moldá-la pela competição e pela dominação: uma armadilha cruel. O desafio ético contemporâneo é transformar relações de trabalho em relações de vida: cultivar sem controlar, produzir sem destruir,

amadurecer sem carregar o peso da exclusão. Ressignificar a produtividade é colocá-la a serviço da vida, e não o contrário. O futuro do trabalho dependerá da capacidade da sociedade de responder à pergunta de Deus: “Onde está teu irmão?”. Sem cuidar do nosso irmão, da nossa irmã, a terra continuará clamando, exigindo mudanças estruturais.

A realidade da escala 6×1 evidencia a tensão entre trabalho e vida pessoal no Brasil. Jornadas de 44 horas semanais, com apenas um dia de descanso, comprometem estudos, relações sociais, participação cultural e lazer, que são dimensões essenciais de uma vida plena. As juventudes, longe de serem apenas estudantes ou adultos em formação, se veem imersas nas exigências do mercado, reforçando a necessidade de refletir sobre seus projetos de vida. O impacto vai além da exaustão física e mental, roubando tempo de aprendizado, reflexão e planejamento pessoal, limitando a capacidade de sonhar e decidir.

A parábola de Abel e Caim é uma metáfora potente para essas escolhas. Abel representa o trabalho digno, justo e que preserva o coletivo. Caim simboliza a submissão às pressões do trabalho extenuante, voltado apenas para a produção e o lucro. A narrativa questiona as juventudes contemporâneas: trabalhar longas jornadas sob exploração é viver como Caim? Ou há caminhos como os de Abel, que integrem trabalho, educação, lazer e propósito? A redução da jornada de trabalho, como propõe a Proposta de Emenda à Constituição n. 8 de 2025 (PEC 8/25), não é apenas reivindicação de diminuição laboral, mas medida de cuidado social, essencial para o desenvolvimento consciente e ético do projeto de vida juvenil.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. O que nossas comunidades podem fazer para compreenderem melhor a realidade das juventudes em relação às suas situações de trabalho?
2. Como podemos fazer com que as CEBs sejam um espaço de denúncia, proteção, segurança efetiva e empoderamento das juventudes em relação ao que enfrentam no mundo do trabalho?

9. Juventudes, Emergência Climática e a Casa Comum

Suzana Moreira

*Não sei se eu estou pirando
Ou se as coisas estão melhorando
Não sei se eu vou ter algum dinheiro
Ou se eu só vou cantar no chuveiro
Estou no colo da mãe natureza
Ela toma conta da minha cabeça
É que eu sei que não adianta mesmo a gente chorar
A mamãe não dá sobremesa.*

(“Mamãe Natureza”, Rita Lee)

A emergência multifacetada da crise climática

Todos os anos e, mais recentemente, todos os meses, vemos novos estudos e relatórios que mostram a gravidade das alterações climáticas e da degradação ambiental. Se não trabalharmos para mudar o contexto atual, em menos de uma década o aquecimento global será irreversível. Cuidar da ecologia implica cuidar do humano, porque o “ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta” (*Laudato Si*’, n. 48). Cuidar do bem viver, da saúde e da ecologia acaba sendo um imperativo moral.

Contudo, uma perspectiva ecológica integral sobre a saúde não é só pensar em terapia para quem sofre de ansiedade e trauma com desastres ambientais e climáticos, é também garantir qualidade de vida, vida digna para todas as pessoas. Não é só segurança alimentar, isso é o mínimo. É uma alimentação saudável com alimentos agroecológicos. Não é só direitos trabalhistas, isso é o mínimo. É a garantia do direito ao descanso, equidade no acesso a atividades físicas, eventos culturais, arte, acessibilidade dos transportes públicos. Não é só saneamento básico e gestão de resíduos, isso é o mínimo. É priorizar a melhoria dos serviços públicos em comunidades e regiões mais vulnerabilizadas, é tornar acessíveis as formações sobre lixo zero, compostagem, e acesso financeiro a produtos sustentáveis. Não é só punir as empresas mineradoras e petrolíferas criminosas,

isso é o mínimo. É fazer uma transição energética urgente que inclua a classe trabalhadora no planejamento estratégico de transição para que ninguém fique desempregado, nem seja culpado por aquilo que é da responsabilidade das áreas executivas e diretorias multimilionárias e bilionárias.

Lutar por uma sociedade que viva o bem viver, a saúde e a ecologia integral é lutar pela subversão do sistema capitalista neoliberal que nos obriga a depender do agronegócio e das indústrias de combustíveis fósseis, que nos obriga a viver para trabalhar, que nos cega e normaliza condições precárias trabalhistas e de serviços públicos, que reforça a lógica da meritocracia, que não reconhece a desigualdade de contextos e oportunidades. E mesmo diante de tão diversas e complexas crises, “sabemos que as coisas podem mudar” (*Laudato Si'* n. 13).

Para uma crise de múltiplas facetas, é necessária uma abordagem multifacetada, reconhecendo as particularidades locais dos desafios ecológicos, que consistem em uma realidade global. É necessário não apenas uma mudança de costumes e paradigmas para o desenvolvimento, mas também uma mudança de coração e mente. É necessário reconhecer o impacto da ação humana desenfreada, que leva as mesmas indústrias de sempre a continuarem investindo em seus projetos de exploração da Terra e lucrando com o marketing da desinformação e do negacionismo. A crise socioambiental e climática é uma crise moral, uma crise humana das nossas escolhas. Precisamos criticar e apontar os erros do tipo de civilização que construímos e o antropocentrismo, identificando a crise do capital como causa, para assim superar os modelos de desenvolvimento insustentável e desrespeitoso com a criação.

A emergência climática é uma emergência espiritual, e as consequências da lentidão das respostas concretas e audaciosas para podermos frear as consequências do colapso climático e ambiental caem — e continuarão caindo — sobre os nossos ombros: nós, pessoas jovens, crianças e aquelas que ainda estão por vir neste planeta. Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco é enfático na preocupação com os mais jovens “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?” (n. 160). Mais: que tipo de mundo já estamos sendo para nós que estamos crescendo em meio à crise?

Ao mesmo tempo que vivemos uma emergência espiritual, moral e social, vivemos também em tempos de instabilidade intergeracional. Por um lado, há uma adultização das crianças e, por outro, uma infantilização dos jovens. O abismo criado entre as gerações parece aumentar cada vez mais: jovens sem confiar nos mais velhos; os mais velhos com ciúmes dos jovens, e as crianças sem paciência

para ouvir sequer os jovens que já são vistos como velhos. Somos desafiados/as de todos os lados contra a luta pela justiça climática e intergeracional, diante de tantos discursos manipuladores e polarizadores da radicalização extrema. Tudo isto combinado com o ritmo desenfreado da sociedade capitalista, que afeta especialmente as pessoas mais jovens, como afirma Rocheli Koralewski, cientista social: “A aceleração do cotidiano, denunciada também na *Laudato Si*” (n. 225), faz com que jovens vivam numa urgência contínua, elemento que afeta diretamente a relação com o futuro e com a construção de um projeto de vida. Em um mundo que corre rápido demais, ‘fazer as pazes com o tempo’ se torna uma tarefa política: é preciso recuperar o ritmo da reflexão, o valor da pausa e a possibilidade de amadurecer o futuro”.

Mas afinal de contas, o que é ser jovem?

A categoria de juventude varia dependendo de qual referencial se usa. Para a ONU, por exemplo, o grupo etário é composto por pessoas entre 15 e 24 anos de idade. Já para a legislação brasileira, jovens são pessoas entre 15 e 29 anos. Porém, nos espaços sociais e eclesiais, não importa muito a idade, pois, se você tem cara de ser mais novo do que os mais velhos, vão te tratar como jovem. Somos uma geração que ao mesmo tempo que faz parte da classe trabalhadora, ainda não somos vistos como responsáveis o suficiente para ter nossas vozes representadas como iguais nas mesas de decisão política e eclesial. Além disso, sofreremos com os atravessamentos das mudanças climáticas na nossa vida cotidiana, mudanças que custam, inclusive, a nossa perspectiva de futuro. Ao mesmo tempo que herdamos as teologias, filosofias, teorias e práticas da libertação, herdamos também a precarização extrema da vida, as demandas do trabalho acima de tudo, raramente entregando o mínimo para nossa dignidade de vida, muito menos vida em abundância. Herdamos um mundo mais polarizado do que nunca. Herdamos um mundo em colapso ambiental, em ebulição.

Mas também herdamos o privilégio de ter acesso a uma educação nas escolas que inclui os dados mais atualizados sobre as questões climáticas e ambientais, mesmo que o acesso a esses dados e livros didáticos ainda não se dê de forma equitativa, devido às falhas estruturais da injustiça social no nosso país. A capacidade das juventudes de acessarem informações através da internet e das redes sociais também proporciona uma faca de dois gumes: por um lado, a desinformação e sobrecarga de informações; por outro, o acesso a fontes confiáveis e dados atualizados precisos sobre a emergência climática e suas consequências

no mundo de hoje. Tudo isso é o que ajuda a mobilizar diversos movimentos e ONGs liderados pelas juventudes, trazendo uma camada ética de coerência, seja no cristianismo, seja no ativismo, onde as pessoas jovens não só se informam, como atuam de acordo e ajudam a educar outras pessoas também. Rocheli nos mostra que

Apesar dos discursos que desqualificam a nossa atuação (“jovens não querem nada”, “jovens não se interessam”, “jovens não têm a experiência necessária), os dados mostram o contrário: boa parte da juventude brasileira reconhece as desigualdades produzidas pela crise climática, já mudou hábitos, participa da vida política e defende transformações estruturais (Juma, 2024). Essa disposição revela que as juventudes não são apenas vítimas da crise, mas protagonistas de processos decisórios que atravessam gerações. A perspectiva da justiça intergeracional reforça essa responsabilidade compartilhada: o direito dos jovens a um meio ambiente equilibrado implica também o dever coletivo de preservar as condições de vida para o futuro.

O perigo das generalizações e da mania de chamar uma cota jovem, sem mudar as estruturas de como as decisões são feitas e como os espaços de decisão são construídos, perpetua a deslegitimação das juventudes que têm atuado insistentemente pela justiça climática. São juventudes atentas aos sinais dos tempos em que vivem, que sabem escutar a voz dos mais velhos que alertam sobre a emergência climática, sabem aprender com os erros dos mais velhos que não agiram ou não agem pela justiça climática, e sabem construir vínculos de afeto e luta intergeracional. É uma sabedoria jovem, sinal de quem sabe escutar a força da ancestralidade ao longo das gerações e através da própria Terra. Jovens que conhecem sua própria história e sabem fazer memória — e isso serve também como alimento espiritual para a luta de resistência.

A casa comum de todas as gerações

São diversas as iniciativas cristãs que trabalham pela justiça socioambiental ao redor do mundo. No Brasil, para destacar algumas, temos o Movimento *Laudato Si'*, Nós na Criação, Renovar Nosso Mundo, Fé no Clima (ISER) e tantas outras iniciativas ecumênicas e interfê por justiça social, racial, de gêneros, assim como projetos socioambientais junto ao Conselho Mundial

de Igrejas, através do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, e projetos junto ao Conselho Nacional de Bispos do Brasil, como Pastorais de Ecologia Integral, Igrejas e Mineração, Pastoral da Terra, e o Conselho Indigenista Missionário. Em todas essas iniciativas, a presença das juventudes é de chamar a atenção, e ainda mais em um lugar de diálogo intergeracional que se dá naturalmente, pois é a missão pela justiça que une as pessoas na luta.

Garantir a preservação e o cuidado do planeta é também garantir a preservação e o cuidado das pessoas, aquelas que estão vivas e as que ainda estão por vir. Um planeta saudável é condição para que pessoas saudáveis existam e possam existir. Ninguém se salva sozinho e toda a criação geme e espera pela salvação em comunidade, pela promessa de vida em abundância para todo o cosmos. Deveríamos nos sentir interpelados por esta vida em abundância, contemplando a beleza da interligação cósmica à qual pertencemos. A contemplação nos ajuda a recuperar a admiração e o amor pela beleza da criação, assim como reconhecer as diversas formas como a estamos ferindo. “O melhor antídoto contra este mau uso da nossa casa comum é a contemplação” (Papa Francisco, 2020). Quanto mais contemplamos, mais aprendemos a amar. Quanto mais amamos, mais buscamos cuidar. Quanto mais cuidamos, mais nos damos conta de como ainda não cuidamos bem o suficiente.

Cuidar da criação é condição para poder cuidar da pessoa de forma integral. A utopia escatológica de justiça e de paz, que tentamos construir na nossa ação pastoral como fidelidade à missão de Cristo, precisa ser desenvolvida com especial atenção à estreita relação entre a dignidade humana e o cuidado da criação. O processo de sensibilização para as vulnerabilidades humanas leva-nos a reconhecer também as vulnerabilidades da criação. Falar sobre bem viver, saúde e ecologia integral, nos dias de hoje, precisa ser falar sobre ecojustiça em perspectiva de justiça racial, social e de gêneros. A questão ecológica gera um adoecimento mental que vai muito além da dimensão ambiental. Precisamos recuperar nossa compreensão de que pertencemos a uma comunidade cósmica. É preciso curar a ruptura causada pela visão de mundo antropocêntrica e androcêntrica.

Habitamos uma casa comum, da qual não somos proprietários, mas coabitantes com diversas outras criaturas e ecossistemas. Trabalhar pela conscientização ecológica e cultivar a cultura do cuidado é uma questão de ética, e isso deve ser feito reconhecendo a dignidade mútua entre as diversas gerações. Todas as pessoas podem aprender com a força profética das juventudes que, mesmo com uma perspectiva de futuro sombrio, carregando o fardo do trabalho,

e se mobilizando pela luta socioambiental e climática, ainda assim também encontram tempo para viver uma luta encarnada, cantada e encantada, nunca deixando a profecia cair — nem o esperar.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Como os jovens na sua comunidade têm sido afetados pela crise da emergência climática?
2. Como tem sido construídos na sua comunidade os espaços de partilha e decisão no que diz respeito ao cuidado com a casa comum?

Referências

- PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'*. *Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum*. Libreria Editrice Vaticana. 24 de maio de 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em 25 nov. 2025.
- KORALEWSKI, Rocheli. “Juventudes e a crise socioambiental: caminhos para fazer as pazes com o tempo” Anchieta num Magis Brasil. <<https://anchietanum.magisbrasil.org.br/juventudes-crise-socioambiental-futuro-justica-intergeracional/>> Acesso em 25 nov. 2025

10. Juventudes e Religiosidade: vivência e profetismo

Rosemary Fernandes da Costa

Livia Lages

*Não importa que doa:
é tempo de avançar de mãos dadas
com quem vai no mesmo rumo,
mesmo que longe ainda esteja
de aprender a conjugar o verbo amar:*

Thiago de Mello

Será que religião, religiosidade e fé são a mesma coisa? Essas expressões estão muito relacionadas, e as três possuem uma dimensão em comum: **todas se referem a uma experiência que relaciona a pessoa humana com uma realidade maior.** Na história da abertura para a dimensão religiosa, muitos nomes foram surgindo para falar dessa realidade. Conhecemos alguns, mas é provável que sejam poucos diante das múltiplas formas de se relacionar com o Transcendente. Então, podemos chamar de Absoluto, de Transcendente, de Mistério absoluto, de Realidade Última, de Deus, de Amor Divino. Segundo as tradições religiosas, ainda nos chegaram outros nomes: Olorum, Tao, Yahweh, El, Atma, Ala, Encantados — e ainda existem muitas outras formas de reconhecer o Mistério, em muitos outros caminhos de espiritualidade.

Sem querer definir uma única forma, mas apenas para nosso diálogo, vamos chamar essa Realidade maior de **Amor Divino.**

Para nos relacionarmos com o Amor Divino, criamos comunidades, ritos e símbolos, liturgias, práticas e doutrinas. São formas de nos organizarmos social e comunitariamente, mas também de acolhermos o que nos é revelado, de buscarmos compreender e nos mantermos fiéis a um caminho de espiritualidade. Estamos, portanto, diante do que são as religiões ou as tradições religiosas.

Elas reúnem a tradição e a comunidade, as fontes da revelação e a leitura dessas fontes para cada tempo e contexto, os caminhos de espiritualidade e liturgias que conduzem e orientam a existência pessoal e comunitária, a razão de ser e a continuidade para além do tempo presente.

E a religiosidade? É a dimensão mais profunda de cada pessoa. É a dimensão que nos diz quem somos, por que existimos e para onde caminhamos. É a dimensão que nos liga umas às outras, que nos liga a todos os seres e a toda a natureza. É ainda a dimensão que nos faz olhar para trás e reconhecer que viemos de longe, agradecendo e desejando honrar esse legado. Por isso, é também a dimensão que nos enraíza no tempo presente e nos faz desejar dar sentido à existência, mas não isolados, e sim caminhando como irmãs e irmãos que somos. É a dimensão que nos faz acreditar que nossa vida é parte de um todo que não sabemos inteiramente, mas que participamos e, por isso mesmo, vem o mais importante de tudo — não estamos sozinhos/as nesta existência, estamos conectados plenamente e abraçados pelo Amor Divino que tudo orienta incessantemente.

Nessa relação tão complexa e abrangente, algo interpela nosso ser mais profundo, como uma convocação que pede uma resposta concreta. Não é uma convocação entre tantas, é o próprio Amor Divino se comunicando e falando com cada um de nós. E então, sentimos a necessidade de responder — **é a fé — ato livre, decisão pessoal que orienta a própria vida, respondendo à convocação que ecoa de dentro e de fora do ser humano.** Ela ecoa nos fatos históricos, ecoa na contemplação da natureza e da caminhada existencial, ecoa nos sonhos e dilemas da humanidade. A fé nos chama para a ação, para a ética na vida concreta, para agir de acordo com os caminhos orientados pelo Amor Divino.

Será que religião, religiosidade e fé estão sempre juntas? Sim, deveriam, mas nem sempre estão. Infelizmente, há situações em que a religião fica mais preocupada com o aspecto físico e institucional, que perde suas fontes, sua inspiração Divina e não dialoga com a comunidade e com a história. Ou seja, é possível que a religião se perca de sua própria razão de existir. Também a religiosidade pode ser apenas uma experiência intimista, de contemplação distante da ação, de individualidade sem comunidade e sem escuta do Amor Divino. E ainda, a fé pode deixar de ser um diálogo com o Amor Divino e achar que se basta, que não precisa mais da intimidade comunitária, litúrgica, da oração e da orientação que vem das fontes sagradas e da sua tradição.

Mas, para isso precisamos estar bem atentas, pois muita coisa pode realmente nos distrair e nos fazer separar estas três dimensões — a religião, a religiosidade e a fé.

Como podemos manter essa integração?

Uma primeira observação é que talvez o que nos falte seja **a escuta**: escutar o que o Amor Divino fala em nós mesmos e, em especial, em um tempo tão desafiador, procurar ter uma escuta mais atenta às juventudes, estando atentos/as em como elas se expressam através de seus corpos, vozes, indagações e silêncios. Escutar os diferentes modos de celebrar, as diversas linguagens simbólicas, as dores e esperanças. Escutar, sobretudo, as formas de se conectarem com a vida.

As juventudes vivem um tempo de múltiplas ofertas, tanto materiais quanto espirituais — uma constante dualidade. Há caminhos que convidam a olhar para dentro e refletir, ao mesmo tempo em que há caminhos em que gritar parece ser a única solução. Há grupos que se organizam em torno da arte, da ecologia, da defesa dos direitos humanos, da ancestralidade, das culturas e de um olhar voltado à coletividade. Mas há também grupos que parecem dominantes, e que incentivam o “ter” acima do “ser”, que prometem soluções rápidas e individuais, ou que reduzem a fé a um moralismo sem compaixão. Nestes grupos, muitas vezes é mais importante o uso de vestes suntuosas, uma ocupação que dê destaque, do que olhar e se comprometer com a própria comunidade.

Contudo, nesse emaranhado de opções, no caminho encontramos muitos jovens que buscam a comunhão de corpo, mente, emoção e compromisso, ou seja, que sua vida esteja integrada em todas as dimensões: jovens que assumem uma fé encarnada na vida concreta e com as causas do mundo; jovens que buscam e cultivam experiências de espiritualidades que não separem o Sagrado do cotidiano e reconheçam o Amor Divino presente na luta pela justiça, na defesa da natureza, na ternura com os pobres e na alegria de viver.

É aí que **as Comunidades Eclesiais de Base devem existir e resistir**. As CEBs estão fundadas em uma espiritualidade de encarnação e de comunhão. Nelas, a integração entre religião, religiosidade e fé está presente e se mantém com zelo pedagógico e místico, através dos processos de formação, das coordenações, das práticas comunitárias em cada região de nosso chão comum. Ou seja, nas experiências comunitárias das CEBs, o Amor Divino se revela nas relações fraternas, na leitura orante da Palavra de Deus, na partilha do pão e no compromisso com a transformação social. É uma espiritualidade que não separa a fé da política, a oração da ação, o silêncio do grito profético.

Nos caminhos trilhados pelas Comunidades Eclesiais de Base, as juventudes devem encontrar solos férteis onde possam brotar e desabrochar como sujeitos da fé e não como espectadores; onde possam ler e acolher — e também ser acolhidas — pela Palavra; onde, juntamente com as outras gerações, possam buscar e construir

um jeito libertador de ser Igreja. A mística que estrutura os encontros deve ser libertadora, reconhecendo o Amor Divino que caminha lado a lado com um povo que quer ter voz, vez e lugar; especialmente junto aos pobres. A espiritualidade das CEBs leva-nos ao incômodo diante das duras realidades, sem nos deixar perder a esperança, pois nos convoca a viver a fé cristã na história, com ternura, coragem, estratégia e na certeza-espérance de transformarmos as realidades em busca do Bem Viver para todos os povos.

Porém, chegamos a mais uma grande questão: como mostrar esse caminho?

A resposta está na **presença concreta, na ação compartilhada, no testemunho diário**. Mostrar é viver junto, caminhar junto: participar das pequenas e grandes decisões da comunidade, sentar-se à mesa em comunhão, levantar a voz diante das injustiças, cantar, rezar e celebrar como um só corpo. É dar voz às juventudes, mas também guiar com ternura e sabedoria. É criar espaços de diálogos onde, sem julgamentos, todos/as possam expressar suas perguntas e inquietações e onde as gerações que já passaram por esse período troquem experiência.

Para promover essa integração, sugerimos em alguns caminhos práticos:

- Organizar rodas de conversa intergeracionais em um diálogo no qual todos/as possam expressar dúvidas, sonhos e inquietações sobre fé e vida cotidiana.
- Fortalecermos os vínculos nas nossas comunidades de fé. É nosso legado e reverência ao caminho, mas é também a força do amor *Ágape*; é nosso ponto de convergência e envio para a missão sempre nova e desafiadora.
- Sempre trazer os fundamentos da espiritualidade que integra vida e fé, sejam as fontes das Escrituras Sagradas, palavras da Igreja, narrativas de referência, estudos bíblicos e teológicos, que nos ajudem a firmar o pé nas fontes e, ao mesmo tempo, dialogar com cada realidade.
- Promover experiências de espiritualidade libertadora, integrando artes, músicas, poesias, teatros, culturas e corporeidades.
- Criar grupos de ação comunitária, como hortas, mutirões e campanhas de solidariedade, unindo a mística e a militância, a oração e a prática sociocomunitária.
- Acompanhar as juventudes nos seus projetos de vida, em suas decisões, com presença e orientação sem imposição.
- Usar redes sociais e plataformas digitais para compartilhar mensagens de fé encarnada, experiências de justiça e iniciativas comunitárias.

- Celebrar rituais simples e significativos juntos, de modo inclusivo, que reconheçam a diversidade e a pluralidade interna a cada comunidade, bem como nas proximidades geográficas, afetivas e culturais.
- Visitar, conhecer e dialogar com as tradições religiosas de seu contexto, aprendendo e vivenciando juntos/as experiências de espiritualidade libertadora e práticas sociocomunitárias.

Somos chamadas e chamados à vivência integradora e à profecia. A espiritualidade libertadora nos insere na caminhada eclesial e histórica e, por isso mesmo, nos convoca ao profetismo em cada tempo. Significa lermos, nos sinais dos tempos, as pegadas do Amor Divino conosco, nos orientando e demarcando os sinais do Reino já conosco. Significa também lermos, nos tempos em que vivemos, os sinais de injustiça, de abusos, de mentira, de ausência de paz e de saúde integral, de fechamento ao diálogo e de culturas de intolerância e de ódio, e nos pronunciarmos, avançarmos em muralhas que impedem a comunhão e cuidado comum, e denunciarmos profeticamente tudo que nos afasta da comunhão que nos orienta e convoca.

Se assim mantivermos os caminhos pessoais e comunitários, iremos integrar a religião, a religiosidade e a fé. Não há caminhos isolados, eles são contínuos, mas dependem do cotidiano de escolhas que refletem e testemunham a fé vivida de forma pessoal e comunitária.

A Espiritualidade das CEBs não trata de um cumprimento de códigos, ritos e doutrinas estabelecidos pelo sistema religioso, pois ela encontra seu alimento na caminhada coletiva, especialmente com os que sofrem os processos de desumanização em nossa realidade. Caminhar com os pés nos mais diversos lugares: no bairro onde moramos, na família, no trabalho, na sala de aula, nas comunidades periféricas e nos encontros onde expressamos nossa fé.

Acolher, partilhar e transformar é fazer da vida um espaço sagrado, onde o Amor Divino é abraçado a cada encontro. No encontro entre gerações, nas alegrias e nos desafios, nas lutas e nas celebrações, a espiritualidade das CEBs se manifesta como um convite constante: levantar-se, caminhar e afirmar que cada pessoa é chamada a ser parte viva desse Reino que se constrói todos os dias, aqui e agora. É firmar no caminho os passos que nos antecederam e nos darmos conta de que não estamos sós. Podemos estar espalhados, em diáspora, mas cuidando das redes de relações através de encontros que tecem e alinham cada experiência pessoal e cada experiência comunitária. Atenção às tecnologias digitais, pois elas podem ser armadilhas terríveis na desumanização e na desconexão com a Casa Comum

através de promessas vazias. Mas, aprendamos suas artimanhas para que possamos usá-las como ferramentas que sirvam para aproximar as pessoas que desejam seguir esse caminho e espalhar essa fé encarnada e real.

Manter integrada a religião, a religiosidade, e a fé não partirá de doutrinas engessadas, mas de corações inspirados pela criatividade e ousadia, dons tão presentes nas juventudes. E assim, seguir construindo lado a lado com pessoas de todas as gerações, num diálogo constante e fecundo. Com as juventudes, vamos encontrar a teimosa esperança, a fé ardente e o amor inflamado que vai em direção à contemplação da compaixão e do cuidado.

Quando esses três eixos caminham juntos, as juventudes encontram um espaço seguro e fértil para crescerem e caminharem. Assim, o Amor Divino que não cansa de se revelar e nos orientar, pode ser acolhido de muitas formas. O Amor Divino é comunhão, nos tira do individualismo e, por isso mesmo, nos pede uma comunidade que escuta, aprende e caminha junto; uma comunidade que dá voz a todos/as os/as que vivem em nome do Amor e da Justiça, que se renova na Esperança e que encontra, nas Juventudes, o brilho de um novo amanhecer. Como nos disse Faustino Teixeira, em seu livro *Os Encontros Intereclesiais de CEBs no Brasil* (1996, p. 196):

As comunidades imitam de perto a comunidade dos primeiros cristãos na alegria, na partilha, no serviço. Como eles, são ‘assíduas ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e à oração’ (At 2,42). Renovam a Igreja pela base e são um sinal do reino para nós, povo empobrecido da América Latina.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Como podemos integrar religião, religiosidade e fé em espaços nos quais essas dimensões aparecem separadas?
2. Qual o papel da profecia na espiritualidade vivida pelas Juventudes?
3. Como podemos aproximar o diálogo intergeracional diante da espiritualidade vivida pelas Juventudes hoje?

11. Juventudes e comunicação: comunicar como gesto de encarnação

Ricieri Benedetti

Falar sobre comunicação é sempre um exercício amplo e multifacetado. Trata-se de um campo que atravessa técnicas, relações, afetos, linguagens, espiritualidades e projetos de sociedade. Por isso, qualquer tentativa de abordar esse tema é sempre um ensaio, não por superficialidade, mas por humildade diante de sua vastidão.

O que apresento aqui é um primeiro olhar: um conjunto de provocações, desafios, oportunidades, pistas e intuições que precisam ser aprofundadas pelas comunidades, especialmente no diálogo com as juventudes. Ao longo do texto, apresento perguntas que acompanham a leitura e ajudam a ampliar caminhos de discernimento no processo de preparação para o 16º Intereclesial das CEBs. Este texto é, portanto, um convite para abriremos, juntos e juntas, as portas do tema “Juventudes e comunicação” e reconhecermos sua importância para a missão das Comunidades Eclesiais de Base neste tempo.

Comunicar é partilhar

A comunicação tornou-se uma das pautas mais sensíveis e urgentes de nosso tempo. Em praticamente todos os espaços — das universidades às comunidades, das estratégias de governo às igrejas — cresce a consciência de que comunicar bem é fundamental para construir sentidos, fortalecer vínculos, disputar narrativas e manter viva a presença pública de nossas organizações e da própria Igreja. Vivemos em um contexto em que comunicar não é apenas divulgar conteúdos, mas participar de uma disputa simbólica que atravessa afetos, identidades e projetos de sociedade.

Essa relevância que a comunicação ganhou em nosso tempo, no entanto, só pode ser entendida quando compreendemos que ela tem raízes muito mais antigas. Desde os primeiros registros da humanidade, comunicar sempre foi um gesto de sobrevivência e de sentido (HARARI, 2015). Não por acaso, a própria palavra comunicação, do latim *communicare*, significa colocar em comum, partilhar, tornar de todos (GUARESCHI, 1991). Muito antes de ganhar nome, técnica ou qualquer mediação tecnológica, comunicar já era (e ainda é) o modo pelo qual

nós, seres humanos, criamos vínculos, transmitimos memória, organizamos a vida e construímos comunidade. Uma necessidade vital das pessoas e dos grupos, tão fundamental quanto cultivar a terra, celebrar a fé ou defender a dignidade da vida. E talvez seja justamente isso que nos convida a olhar a comunicação não só como um tema técnico ou assunto para especialistas, mas como parte da maneira como existimos e caminhamos juntos.

De outro modo, isso também não está distante da fé que professamos. O próprio Evangelho conta a história de um Deus que se comunica assim, se aproximando da vida concreta de seu povo — “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Aquilo que a etimologia revela (partilhar, colocar em comum) encontra seu horizonte mais profundo no modo como Deus escolhe falar a partir da nossa própria experiência humana, no tecido da vida, nos encontros, gestos e relações que vivemos. O Verbo, que se expressou na criação e na aliança, assume a nossa condição e torna a vida concreta o lugar onde comunica o projeto do Reino como revelação. Assim, a memória da encarnação também nos ajuda a perceber que comunicar é aproximar vidas, gerar sentido e tornar visível, nos gestos e nas relações do cotidiano, aquilo que o Evangelho quer anunciar.

Quando entendemos a comunicação dessa forma, torna-se inevitável olhar para a maneira como a vida se (re)organiza. Uma vez que “comunicar é aproximar vidas e gerar sentido no cotidiano”, esse cotidiano — com os desafios e oportunidades de seu tempo — precisa entrar na nossa reflexão. Ao fazer isso, percebemos algo que vimos muitas vezes, antes mesmo de nomear: a vida já não circula somente pelos lugares que moldaram nossa caminhada comunitária. Os encontros, as conversas, as buscas e até os conflitos que antes aconteciam quase sempre no mesmo território (a praça, a escola, o salão paroquial, a celebração, o círculo bíblico etc.), hoje se espalham por outros caminhos. Parte importante da convivência se deslocou para ambientes digitais: plataformas, aplicativos, mensagens, vídeos e imagens que circulam em um ritmo acelerado e atravessam as fronteiras com uma força jamais vista.

As redes digitais se tornaram mais do que meros canais de comunicação: elas se configuram como um verdadeiro território, onde a vida se expressa e se disputa. Nelas, circulam afetos, medos, memórias, aprendizados, espiritualidades e, inclusive, perspectivas políticas. São uma nova praça pública, onde ideias se confrontam; um novo pátio de escola, onde identidades são moldadas; uma casa sempre aberta, onde todos entram e saem ao mesmo tempo; um campo de batalha simbólico, onde projetos de sociedade competem por sentido, visibilidade e adesão.

Como todo território, as redes têm disputas internas, regras próprias, poderes que se organizam e narrativas que tentam prevalecer. Ali se definem visões de mundo, se reforçam crenças, se produzem consensos e se espalham desinformações, com mais intensidade e velocidade do que nos espaços tradicionais.

Nesse ambiente, as juventudes ocupam um lugar central. Como categoria social, não aparecem apenas como usuárias ou receptoras, mas como sujeitos que moldam suas linguagens, ritmos e formas de interação. Segundo dados oficiais, no Brasil, cerca de 93% das pessoas entre 9 e 17 anos estão conectadas à internet, e mais de 80% dessa faixa etária mantém perfis ativos em redes sociais. É ali que muitos adolescentes e jovens constroem pertencimento, formam identidade, participam de debates, buscam referências, informam-se, divertem-se e até vivem experiências de fé. Para essa geração, as redes não são um apêndice da realidade, mas um de seus principais espaços de convivência e expressão “[...] uma experiência “onlife”, uma vida em constante conexão, na qual a conectividade digital emerge como uma verdadeira dimensão existencial” (SBARDELOTTO, 2024). Por isso, esse segmento juvenil não apenas habita o território digital; ele o configura, criando linguagens, códigos e formas de presença que reinterpretam o mundo e desafiam quem deseja dialogar com essa geração.

Contraditoriamente, esse mesmo território que oferece espaço de criação e expressão também coloca as juventudes diante de vulnerabilidades profundas. A rapidez das interações, a lógica dos algoritmos e a pressão por visibilidade produzem ambientes em que a superexposição, a comparação e a ansiedade se tornam parte da rotina. Aqui nos referimos, especialmente, à superexposição de si — a prática da própria pessoa se colocar e se expor no ambiente digital sem filtros, movido pela busca de visibilidade e pertencimento. Não se trata, portanto, da exposição indevida de outras pessoas, tema que é preocupante também e especialmente sensível no caso de crianças e adolescentes. Circulam ali discursos de ódio, violências simbólicas, manipulações afetivas e religiosas, além de uma avalanche constante de informações, nem sempre verdadeiras (AHMMAD et al., 2025, p. 3). Diversas pesquisas apontam que adolescentes e jovens são especialmente impactados por conteúdos sensacionalistas, desinformação, ataques à autoestima e estratégias de captura emocional que exploram seus medos e fragilidades.⁹ Nesse cenário, o território digital não apenas amplia

9 PLAN INTERNATIONAL. *Verdades e mentiras: as meninas na era da desinformação e das fake news*. São Paulo: Plan International Brasil, 2021. Disponível em: <https://plan.org.br/noticias/pesquisa-87-das-meninas-acreditam-que-as-fake-news-causam->

possibilidades, mas também intensifica riscos, exigindo cuidado, discernimento e presença responsável de toda a sociedade, inclusive da Igreja.

Além desses riscos individuais, há desafios estruturais que moldam a experiência juvenil no ambiente digital. As plataformas operam por meio de algoritmos¹⁰ que priorizam velocidade, emoção, conflito e engajamento, e isso cria um cenário em que conteúdos extremos e discursos de ódio ganham mais visibilidade do que processos de diálogo, escuta e construção coletiva (AHMMAD et al., 2025, p. 13) A lógica da performance constante, da autopromoção e da vigilância mútua, pressiona os/as jovens a corresponderem a expectativas irreais, enquanto a superconexão¹¹ dificulta pausas, reflexão e cuidado de si. Soma-se a isso a presença crescente de atores políticos, econômicos e religiosos que competem pela atenção juvenil, manipulam afetos e exploram incertezas. Assim, o território digital não apresenta apenas riscos pontuais, mas uma estrutura que tende a amplificar inseguranças, polarizações e formas de controle simbólico especialmente entre os mais jovens (SÍNODO DOS BISPOS, 2024, n. 113).

Uma parada para refletir:

1. *O que enxergamos quando olhamos para o mundo digital?*
2. *Com que frequência enxergamos nesse ambiente ameaça e perigo, ou sinais de vida, solidariedade e esperança?*
3. *Qual é a sensação que nos atravessa ao pensar nisso?*

efeitos-negativos-em-suas-vidas/. Acesso em: 10 nov. 2025. ; DESINFORMANTE. *Nove em dez adolescentes disseram que as fake news afetaram negativamente suas vidas, aponta pesquisa*. Desinformante, 2021. Disponível em: <https://desinformante.com.br/nove-em-dez-adolescentes-disseram-que-as-fake-news-afetaram-negativamente-suas-vidas-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 10 nov. 2025. ; FORBES BRASIL. *Adolescência: o perigo invisível das redes sociais para os jovens*. Forbes Tech, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2025/04/adolescencia-o-perigo-invisivel-das-redes-sociais-para-os-jovens/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

10 “Um algoritmo é um conjunto de instruções finitas aplicado de forma automática para resolver um problema, operando de modo sistemático e sem intenção própria.” Para aprofundamento, ver: FANJUL, Sergio C. “Na verdade, o que é exatamente um algoritmo?”. El País, 30 mar. 2018.

11 O termo “superconexão” refere-se à dificuldade de desconectar-se do fluxo contínuo de notificações, estímulos digitais e demandas de interação, fenômeno que pode comprometer atenção, regulação emocional e autocuidado. Para aprofundamento, ver: CLAUDIA. Quando a superconexão se torna dependência digital. Revista CLAUDIA, 2023. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/saude/quando-a-superconexao-se-torna-dependencia-digital/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

4. *Que outras vulnerabilidades e desafios percebemos que atravessam a vida das juventudes nesse cenário de comunicação?*
5. *E onde nós, CEBs, estamos diante desse novo território comunicacional?*

A ação comunicativa das juventudes

Apesar das tensões e riscos, o ambiente digital também se tornou para muitas juventudes um espaço de respiro, descoberta e pertencimento. Ali, adolescentes e jovens encontram referências, apoio emocional, partilha de experiências e caminhos para reconstruir autoestima, especialmente quando seus territórios físicos são marcados por silêncio, estigma ou falta de oportunidades.¹² No digital, eles testam vocações, elaboram dores, encontram redes de solidariedade e fazem emergir expressões de espiritualidade que dialogam com sua realidade concreta e com as questões que atravessam sua vida. Aqui, a comunicação não é fuga: é sobrevivência, criação e possibilidade.

A presença das juventudes nos territórios digitais se transforma em ação criativa e política. Mais do que apenas participar desses espaços, elas imprimem sua marca. Criam linguagens, signos, estéticas e modos de contar a vida que atravessam fronteiras físicas e simbólicas, indo para além dos limites sociais dos quais fazem parte ou teriam acesso, e alcançam milhões de pessoas. A partir de suas realidades (periferias, comunidades, escolas, universidades, igrejas, grupos etc.), jovens comunicadores/as têm revelado dignidade onde o sistema vê risco, devolvendo humanidade a rostos e histórias que muitas vezes só aparecem no noticiário como ameaça. Ao defenderem a cultura popular, sustentam tradições, memórias e saberes que nascem de suas comunidades e que, diante da criminalização, funcionam como teimosas sementes de resistência e pertencimento.

Entre a diversidade de vozes juvenis que habitam o ambiente digital, é possível reconhecer também jovens católicos que, longe dos modelos mais visíveis ou hegemônicos de influência religiosa, têm comunicado a fé a partir de suas comunidades, experiências e responsabilidades concretas. São presenças que muitas vezes passam despercebidas, mas que expressam, com simplicidade e

12 Pesquisas como a TIC Kids Online Brasil mostram que 32% de adolescentes já buscaram apoio emocional na internet, evidenciando que as redes funcionam como espaço de confiança, partilha e companhia quando o mundo offline não oferece acolhimento, ver: ALVES, Januária Cristina. “Jovens e redes: uma relação de companhia e pertencimento”. Nexo Jornal / NIC.br, 1 set. 2022.

profundidade, uma espiritualidade sinodal e encarnada que nasce do cotidiano, do serviço, da escuta e das lutas por justiça socioambiental. Em vídeos curtos, músicas, podcasts, análises ou gestos de solidariedade, a juventude faz da comunicação um espaço de mobilização, crítica e esperança. Assim, a ação comunicativa das juventudes (em suas múltiplas expressões) abre caminhos novos para a Igreja e para a sociedade, nos convidando a reconhecer, discernir e aprender com o que brota desses territórios.

Outra parada para refletir:

- 1. Que horizontes de vida e de fé podemos enxergar quando reconhecemos a criatividade e a força com que as juventudes transformam a comunicação?*
- 2. Como nossas comunidades acolhem, discernem e aprendem com as novas linguagens, narrativas e formas de expressão que as juventudes criam nas redes?*
- 3. O que o modo juvenil de comunicar nos revela sobre os caminhos possíveis para anunciar o Evangelho e mobilizar para uma vida mais digna?*

O dom da comunicação presente nas CEBs

Ao reconhecer essa potência criativa das juventudes, podemos perceber que ela se tornou objeto de forte disputa. O território digital, com sua velocidade e alcance, se tornou espaço onde diferentes projetos políticos, econômicos, culturais e religiosos competem pela atenção e pelo imaginário social. Grupos altamente organizados, com recursos técnicos e financeiros, produzem conteúdos que buscam capturar medos, simplificar complexidades e moldar comportamentos; narrativas religiosas são apropriadas para justificar exclusões, atacar territórios populares ou reforçar moralismos que empobrecem as experiências com o Evangelho. Enquanto isso, iniciativas comunitárias, eclesiais e de base (pastorais sociais, Ceb's, CNLB, etc) encontram dificuldades para ocupar esse espaço com a mesma força, seja por falta de investimento, metodologias, conhecimento técnico, resistências geracionais ou por linguagens que não dialogam mais com o ritmo das redes e das juventudes. É nesse campo complexo, que somos chamados/as a discernir como comunicar.

Diante desse território em transformação, as CEBs carregam um dom e uma responsabilidade singulares. Desde sua origem, elas nasceram da escuta, da partilha e do encontro concreto com a vida do povo, justamente os elementos que mais faltam no ambiente digital, marcado por desgraças, velocidade e polarização. No entanto, nossa presença nesse território ainda é tímida: muitas comunidades,

pastorais e organismos carecem de formação, de equipes, de investimento, de metodologias, e sobretudo, de uma espiritualidade que reconheça a comunicação como parte da missão. Em vários lugares ainda prevalece a ideia de que comunicar é “divulgar atividades”, quando, na verdade, comunicar é gerar processos, criar vínculos, fortalecer lutas e oferecer narrativas que façam florescer vida onde a lógica das redes insiste em produzir medo. Assim, o desafio não é apenas a “ocupação do território digital”, mas um discernimento profundo: como as CEBs podem levar para as redes aquilo que constitui sua própria alma — a leitura da realidade, o cuidado com os pequenos, a opção pelos pobres, o espírito sinodal e a esperança teimosa no Evangelho?

Em sua mensagem “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”, para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais, publicada em 2016, o Papa Francisco nos provocou: “A comunicação tem o poder de criar pontes”. Talvez esse seja o chamado mais urgente para este tempo em que o território digital se tornou espaço de encontros, tensões, buscas e disputas profundas que atravessam especialmente a vida das juventudes. Construir pontes, hoje, significa apostar na comunicação como lugar de proximidade, escuta e humanização, contrariando a lógica da desgraça, da hostilidade e da desinformação que tantas vezes domina as redes. Significa reconhecer que ali, onde a vida pulsa de modos novos, a Igreja também é chamada a estar presente de forma generosa, sensível e comprometida, oferecendo narrativas que alimentem esperança e impulsionem mobilizações por justiça e vida digna.

Ousamos sonhar que a missão das CEBs neste tempo não é inventar o novo, nem repetir fórmulas antigas “*daquilo que sempre se fez*”, “*daquilo que outrora deu certo*”, mas reacender sua vocação original em diálogo vivo com as juventudes; reacender o que sempre sustentou sua caminhada: a leitura comunitária da realidade, a escuta das dores e esperanças do povo, a partilha da fé como caminho de libertação e a teimosia de cultivar sonhos onde a vida é ferida.

As juventudes, com sua criatividade e ousadia, já vêm abrindo novas veredas, inovando linguagens e práticas que revelam caminhos que muitas vezes ainda não conseguimos acompanhar. São expressões que nos desafiam a rever ritmos, certezas e modos de estar, são sinais que nos pedem não controle, mas abertura; não repetição, mas disponibilidade para aprender o que o Espírito já faz nascer nelas. Cabe a nós caminhar com elas, reconhecer seu protagonismo e permitir que seu modo de comunicar ilumine o nosso. Assim, comunicar volta a ser um gesto de encarnação: anunciar, também nas redes, que Deus permanece

próximo, fazendo morada entre nós e chamando seu povo a tecer sinais de justiça, ternura e vida nova.

Referências

AHMMAD, Mukhtar et al. *Trap of Social Media Algorithms: A Systematic Review of Research on Filter Bubbles, Echo Chambers, and Their Impact on Youth*. Societies, v. 15, n. 301, 2025, p. 3.

GOVERNO FEDERAL. *Crianças, adolescentes e telas: guia sobre usos de dispositivos digitais*. Brasília: SECOM, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/uso-de-telas-por-criancas-e-adolescentes/guia/recursos-extras/pesquisas-e-outros-numeros>. Acesso em: 10 nov. 2025.

GUARESCHI, Pedrinho A. (coord.). *Comunicação e controle social*. Petrópolis: Vozes, 1991

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2015.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem para o 50º Dia Mundial das Comunicações Sociais: “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”*. Vaticano, 08 mai. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20160124_messaggio-comunicazioni-sociali.html. Acesso em: 10 nov. 2025.

SBARDELOTTO, Moisés. *Missionários no ambiente digital: em nome de quem?* São Paulo: Paulinas, 2024.

SÍNODO DOS BISPOS (XVI). *Documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sinodo dos Bispos: Para uma Igreja sinodal – comunhão, participação, missão*. Vaticano: Santa Sé, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/index_po.htm Acesso em 30/11/2025.



JULGAR/ILUMINAR

“Fascinar-se pelas juventudes,
discernir com as juventudes”.



12. Juventudes em saída, iluminadas pela esperança

Dom Luiz Fernando Lisboa

O profeta Isaías ergue a voz em meio às ruínas de Jerusalém para pronunciar uma das frases mais inspiradoras da Escritura: “Levanta-te, brilha, pois chegou a tua luz!” (Is 60,1). A cidade ainda carrega as marcas do exílio e o peso do desencanto. Contudo, a Palavra de Deus não permite que o povo se conforme com a sombra. Isaías proclama que a aurora chegou: Deus mesmo é a luz que renasce sobre o seu povo e o convida a reerguer-se.

Essa página bíblica é um hino à esperança ativa, que não espera passivamente que algo aconteça, mas desperta a coragem de caminhar, reconstruir e acender o brilho da fé, mesmo em meio à escuridão. É um chamado a olhar para o futuro sem medo, pois a glória de Deus não se revela apenas no templo reconstruído, mas no coração do povo que volta a sonhar.

O lema escolhido para o 16º Intereclesial das CEBs — “Levanta-te, brilha, pois chegou a tua luz!” — é hoje dirigido às juventudes que caminham com e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Vivemos tempos em que a fé é frequentemente minimizada e a exclusão social se intensifica, mas o convite do profeta ressoa como um sopro do Espírito: levantar-se é resistir; brilhar é testemunhar; a luz que chega é Cristo, o Sol que nunca se apaga.

A juventude como aurora do Reino

A juventude não é o futuro distante da Igreja, mas o presente luminoso que dá rosto novo ao Evangelho. Quando Isaías diz “Levanta-te”, fala a um povo ferido, mas portador da promessa. Da mesma forma, os/as jovens de hoje — com sua sensibilidade e sede de sentido — são portadores/as de luz.

Muitas vezes, a sociedade tende a caracterizar a juventude como “acomodada” ou “alienada”. Mas essa leitura é injusta. As juventudes das CEBs revelam o contrário: querem ser parte ativa da Igreja, construir justiça e viver uma espiritualidade libertadora. O Papa Francisco, em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre os jovens e o discernimento vocacional, a *Christus Vivit*, lembra que “os jovens podem ajudar a manter viva a Igreja, mostrando que o Evangelho continua jovem e sempre atual”.

As CEBs, com seu jeito comunitário e participativo, são o terreno fértil

onde essa luz floresce. Ali, a juventude encontra espaço para discernir, servir e crescer na fé. Como recorda o Documento da Conferência Episcopal Latino-Americana de Aparecida (n. 178), “as comunidades eclesiais de base são um dos grandes sinais da vitalidade da Igreja na América Latina” Nelas, os/as jovens aprendem que a fé se vive em comunhão e compromisso, não em isolamento.

“Levanta-te”: a coragem de recomeçar

Levantar-se é o primeiro movimento da fé. É o verbo da Ressurreição, o mesmo que Jesus dirige à filha de Jairo: “Menina, eu te digo, levanta-te!” (Mc 5,41). Cada vez que alguém se ergue da apatia ou do medo, a Páscoa acontece novamente.

As juventudes das CEBs são chamadas a esse gesto: levantar-se diante da desesperança, diante de uma sociedade que produz descartáveis humanos. Levantar-se é resistir à lógica da indiferença e afirmar que a vida é sagrada.

O Documento de Aparecida (n. 385) recorda que “não podemos ficar de braços cruzados diante da pobreza e da exclusão social, que atentam contra a vida dos filhos de Deus”. O ato de se levantar, portanto, é profundamente pastoral e político. É a resposta dos discípulos e discípulas missionários/as que não se conformam com a injustiça.

Nas CEBs, levantar-se significa agir juntos: organizar, cuidar, visitar, escutar, partilhar e proclamar a Palavra de Deus. É na comunhão que o povo se reergue, se reorganiza, reclama seus direitos, se manifesta. É o Espírito que sustenta a coragem dos que sonham com um mundo mais justo.

“Brilha”: o testemunho que ilumina as sombras

“Brilhar” não é ser o centro das atenções, mas tornar-se reflexo da luz de Deus. Isaías fala de uma Jerusalém que ilumina porque foi iluminada. O brilho não nasce da vaidade, mas do encontro com o Senhor.

As juventudes que participam das CEBs iluminam o mundo com gestos concretos: a solidariedade com os empobrecidos, a defesa da vida, o compromisso com a ecologia integral. “O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político”, ensinou o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'* (n. 231).

O brilho verdadeiro não é o das telas digitais, mas o da fé encarnada que ilumina a escuridão do sofrimento humano. As CEBs são esses espaços onde o Evangelho se traduz em atitudes concretas. O Papa Bento XVI, em sua Encíclica

Deus Caritas Est (n. 39), afirma que “o amor é a luz que sempre ilumina um mundo em trevas e nos dá a coragem de viver e agir”.

Brilhar, portanto, é irradiar o amor que vem de Deus e se transforma em serviço. É testemunhar que, mesmo entre sombras, a luz do Reino já desponta.

“Pois chegou a tua luz”: espiritualidade libertadora e encarnada

A luz anunciada por Isaías é a presença de Deus que renova a história. Depois do exílio, o povo descobre que o poder não salva — só a fidelidade ao Deus da vida liberta. Essa luz é Cristo, “a verdadeira luz que ilumina todo ser humano” (Jo 1,9).

As juventudes das CEBs encontram aí o fundamento de sua espiritualidade: libertadora, encarnada e alegre. Uma espiritualidade que não se refugia na sacristia, mas que se encarna na luta do povo, na defesa da dignidade e na construção do bem comum.

O Documento de Aparecida (n. 356) define essa experiência como “fé que se traduz em compromisso transformador da sociedade”. E a Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, a *Evangelii Gaudium*, escrita pelo Papa Francisco, recorda que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus”.

A luz que chega não é fuga, mas envio. Ela desperta a missão e impulsiona à saída esperançosa. O jovem que reza e luta pelo Reino é o novo Isaías de nosso tempo: portador de uma Palavra que reacende a esperança dos pobres.

Em saída esperançosa: CEBs e juventudes em missão

“Levanta-te e brilha” é também um imperativo missionário. As CEBs vivem e anunciam o Evangelho nas fronteiras da vida. Elas são a presença da Igreja que se faz próxima, solidária e profética.

O Papa Francisco, na mesma *Evangelii Gaudium* (n. 24), pedia uma Igreja “em saída”, que não tivesse medo de “sujar os pés na poeira das estradas”. Essa é a missão das CEBs: ir onde o povo vive, sofre e resiste.

A juventude é chamada a ser protagonista dessa saída. Com sua energia e criatividade, pode renovar a pastoral, as linguagens e os modos de comunicar a fé. A *Christus Vivit* (n. 178) afirma que “os jovens são o agora de Deus”, e não podem ser deixados à margem da Igreja.

Em tempos de crises e incertezas, a missão das CEBs é continuar acendendo pequenas luzes. Cada gesto de solidariedade é um raio do Reino que

se aproxima. Cada jovem comprometido é uma aurora de fé.

A luz que nunca se apaga

“Levanta-te, brilha, pois chegou a tua luz” é mais que um lema: é um estilo de vida cristã. É o Evangelho vivido no chão da história.

As CEBs, caminhando com as juventudes, são lamparinas que não se apagam na noite da humanidade. A luz que carregam é a presença do Ressuscitado. Levantar-se é resistir à apatia; brilhar é irradiar compaixão; servir é tornar o Evangelho visível.

Como nos ensina o Concílio Vaticano II, em sua Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, a *Gaudium et Spes* (n. 1): “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças dos discípulos de Cristo”.

Os pobres nos evangelizam e os jovens têm grande sensibilidade social. “Com frequência, o bem-estar torna-nos cegos, a ponto de pensarmos que a nossa felicidade só pode ser alcançada se conseguirmos viver sem os outros. Nesse sentido, os pobres podem ser para nós como mestres silenciosos, reconduzindo o nosso orgulho e a nossa arrogância a uma conveniente humildade”. Assim nos ensina o Papa Leão XIV, na Exortação Apostólica sobre o Amor para com os Pobres, a *Dilexi Te*.

Que o Espírito Santo renove em nossas comunidades o ardor missionário. Que as juventudes, de mãos dadas com as CEBs, continuem a proclamar, com a vida e a fé:

“Levanta-te, brilha, pois chegou a tua luz, e a glória do Senhor nasceu sobre ti!”

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Onde e em quais espaços a juventude está brilhando hoje, e de que maneira?
2. De que forma as juventudes podem ajudar as CEBs a manterem o seu brilho?
3. Como as CEBs podem ser mais missionárias, contando com a participação efetiva das juventudes?

Referências

CELAM. *Conferência de Aparecida. Documento Final*. São Paulo: Paulinas, 2007. Também disponível em <https://anec.org.br/biblioteca/documento-de-aparecida-2007/> Acesso em 28/11/2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* – Constituição Dogmática sobre a Igreja. 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em 28/11/25.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et Spes* – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje. 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html Acesso em 28/11/25.

PAPA BENTO XVI. *Deus Caritas Est* – Carta Encíclica sobre o amor cristão. Vaticano, 25 dez. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html Acesso em 30/11/2025.

PAPA FRANCISCO. *Christus Vivit* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre os jovens e o discernimento vocacional. Vaticano, 25 mar. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em 28/11/25.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'* – Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 24 maio 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em 30/11/2025.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium* – Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

PAPA LEÃO XIV. *Dilexi Te* – Exortação Apostólica sobre o Amor para com os Pobres. São Paulo: Paulus, 2025. Também disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html Acesso em 30/11/2025.

13. A face jovem dos profetas e profetisas na história do povo de Deus

Celso Loraschi

Em nosso tempo, especialmente no meio juvenil, cresce a consciência da necessidade de um outro mundo possível, para além da pertença a determinada religião. Uma nova visão de mundo move um novo jeito de viver e de conviver, baseado no reconhecimento de que somos todos seres humanos, aprendizes uns dos outros, interdependentes. Temos desafios comuns a serem enfrentados com urgência tendo em vista a sobrevivência neste planeta terra, nossa casa comum. Não se admite a acomodação e a indiferença diante das ameaças à vida e à dignidade dos seres humanos e de toda a criação.

A Bíblia nos oferece o testemunho de muita gente que se movimenta com o objetivo de promover as condições básicas para a vida de todos. Muitas pessoas são chamadas para missões específicas. Entre elas encontram-se jovens de todas as condições sociais com testemunhos de fidelidade, de coragem, de sabedoria e de entrega amorosa, promovendo novas relações sociais fundamentadas na justiça e no amor mútuo. Há profetas e profetisas, sábios e sábias que resistem até a morte por fidelidade às suas convicções de fé e de compromisso por um mundo segundo os desígnios de Deus. O modelo por excelência é Jesus de Nazaré, em cujos passos entraram muitos discípulos e discipulas até hoje.

Deus não abandona seu povo

Na tradição bíblica Deus revelou-se a partir de uma situação de escravidão em que vivia o povo no Egito, conduzindo-o para uma “terra onde corre leite e mel”: uma sociedade onde a economia seja baseada na partilha segundo a necessidade de cada pessoa (Ex 16,1-36); a política seja descentralizada e exercida na corresponsabilidade a partir das organizações de base (Ex 18,13-27); a religião seja promotora de relações igualitárias e fraternas (Êx 20,1-21). É o que corresponde ao projeto de Deus. Sempre que o povo se encontra numa situação de injustiça e opressão — como aconteceu com a introdução do regime monárquico (ao redor do ano 1.000 a.C.) — Deus chama homens e mulheres que ouvem a sua voz e seguem a sua vontade, como os profetas e profetisas: pessoas que assumem, com todo risco, um posicionamento junto às vítimas dos que

detêm o poder. Assim foram os profetas Elias e Eliseu, solidários com as pessoas necessitadas e comprometidos com a solução dos problemas que afetam o seu cotidiano (1 Rs 17,7-16; 2 Rs 4, 42-44). Assim foram os profetas Amós, Isaías (cap. 1-39), Miqueias e Oseias: suas denúncias dirigem-se aos que se deixam devorar pela ganância, privando os trabalhadores dos seus bens mais elementares (Is 5,8-14); dirigem-se aos ricos folgazões que esmagam os fracos e oprimem os pobres indefesos (Am 8,4-8); aos juízes e sacerdotes que se deixam subornar (Mq 3,9-11). Em Oséias encontra-se a indicação do que verdadeiramente agrada a Deus: “Quero a misericórdia e não o sacrifício” (Os 6,6).

A missão profética é assumida ainda na idade juvenil. Isaías Primeiro (Is 1-39) é um exemplo. Inicialmente exerceu a função de conselheiro do rei, beneficiando-se dos privilégios de quem se junta aos poderosos, até o dia em que tomou consciência da situação enganosa em que se encontrava. Tinha aproximadamente 25 anos. Na narrativa de sua conversão, no capítulo 6, narra como seus lábios foram purificados e ouviu a voz do Senhor que dizia: “Quem enviarei eu? E quem irá por nós?”. Responde Isaías: “Eis-me aqui, envia-me”. A partir dessa experiência de encontro com o Senhor, Isaías muda de foco. Convicto da grandeza e da santidade de Deus, denuncia corajosamente as atitudes dos juízes que agem por suborno, elaboram leis injustas e abandonam os marginalizados, como os órfãos e as viúvas; denuncia também os grandes proprietários de terra, o rei, os príncipes, os chefes militares, os líderes religiosos, os impérios estrangeiros...

Jeremias é outro profeta chamado por Deus ainda muito jovem. Ele relata a sua vocação, dizendo que Deus lhe dirigiu sua palavra nestes termos: “Antes que no seio materno fosses formado, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado e te havia designado profeta das nações. E eu respondi: ‘Ah! Senhor Yahweh, eu nem sei falar, pois sou apenas uma criança’. Replicou, porém, o Senhor: Não digas: ‘Sou apenas uma criança’; porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar. Não deverás temê-los porque estarei contigo...” (Jr 1,4-8). Jeremias confessa: “Vossa palavra constitui minha alegria e as delícias do meu coração” (Jr 15,16)... Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir” (20,1).

Nesta mesma linha atuaram vários outros profetas e profetisas como nos apresenta a Bíblia. Entre eles está a profetisa Hulda, moradora da periferia de Jerusalém, reconhecida como conselheira para quem desejasse consultar a Deus (2Rs 22,11-20).

Ação animada pela esperança de uma vida nova

No período do Exílio da Babilônia (587-539 a.C.), aparecem dois profetas com forte influência: Ezequiel e o Segundo Isaías (Is 40-55). Com menos de 30 anos de idade, no meio dos exilados, Ezequiel é chamado por Deus para a missão profética (Ez 2-3). Um dos temas principais de sua profecia é a esperança militante. O povo exilado assemelhava-se a ossos secos e dispersos. Dessa situação calamitosa poderá surgir algo novo? Sem dúvida que pode, responde Ezequiel. Tudo pode mudar sob o sopro do Espírito de Deus (Ez 37). Da organização popular emerge a energia transformadora. O povo abandonado pelos seus líderes não será esquecido por Deus. Como bom pastor, Deus vai cuidar de suas ovelhas, curar as doentes, reunir as dispersas e garantir-lhe pastagem e vida em abundância (Ez 34). Ezequiel revela-se como uma pessoa portadora de ânimo aos desanimados, de esperança aos desesperançados, de força aos enfraquecidos e de união e organização aos dispersos. Nesta mesma trilha caminham muitos jovens de hoje, engajados nas organizações e movimentos populares, em pastorais sociais, nas Comunidades Eclesiais de Base etc.

A segunda parte do livro de Isaías (cap. 40-55) apresenta a atuação de outro profeta: o Segundo Isaías. É um apaixonado pela liberdade e pela vida digna de toda a gente. Faz ecoar a voz dos silenciados e oprimidos, dando atenção especial às suas aspirações e aos seus direitos. Distanciando-se da visão triunfalista própria dos poderes deste mundo, apresenta a teologia do servo sofredor. Os exilados, em situação de sofrimento, tomam consciência de serem um povo escolhido e amado por Deus, com a missão especial de ser luz para todos os povos: “Eu te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te pus como aliança do povo, como luz das nações...” (Is 42,1-7). É nesta teologia do servo sofredor que Jesus de Nazaré vai pautar sua vida e fundamentar sua prática.

Caminhos abertos pelo movimento sapiencial

No período do pós-exílio (539 até a vinda de Jesus), com o povo governado por impérios estrangeiros (Persa, Grego e Romano) num sistema tributarista, reaparecem as classes sociais: os trabalhadores são obrigados a vender a sua força de trabalho, e os jovens são escravizados (Ne 5,1-5). Aprofunda-se a injustiça e a violência, mesmo diante da aparência de humildade manifestada nos cultos, jejuns e sacrifícios. Surge, neste contexto, o profeta apresentado na terceira parte

do livro de Isaías - o Terceiro Isaías (cap. 56-66): denuncia as atitudes orgulhosas das lideranças políticas e religiosas e anuncia o caminho da mudança social: a prática do direito e da justiça; insiste que as relações com Deus são determinadas pelas relações de amor para com o próximo. O que importa não é “ser justo” pelo caminho do legalismo e sim “fazer justiça” promovendo as condições de vida digna para todos. Deus, então, concederá a graça de um “novo céu e uma nova terra” (65,17-25).

As maiores vítimas do sistema religioso oficial desta época do pós-exílio são as mulheres: consideradas impuras e excluídas de qualquer instância decisória, inclusive sendo-lhes imputada a culpa pela introdução do pecado no mundo (Ecl 25,33). A indignação diante deste sistema excludente fez surgir o movimento sapiencial. Diversos escritos da época expressam a mobilização de pessoas oprimidas apontando caminhos alternativos: Ester e Judite são jovens, lindas, inteligentes e sagazes; defendem, com criatividade, os direitos do povo; e usam de estratégia para derrubar os poderosos de seus tronos, confiando na força divina. Também Rute, uma jovem estrangeira, solidariza-se com sua sogra, Noemi, sem abandoná-la em sua condição de viúva e assumindo o seu povo, a sua cultura e a sua fé: “O teu povo é meu povo, o teu Deus é meu Deus” (Rt 1,16). Os livros sapienciais, próprios desse período, são faróis que indicam um jeito de viver baseado na sabedoria. É aos simples e pequeninos que Deus revela seu plano maravilhoso de vida em abundância, sem exclusão. É o que o jovem Jesus de Nazaré vai anunciar com palavras e ações.

Jesus de Nazaré: profeta e sábio

Jesus, em sua infância e juventude, viveu com seus pais em Nazaré da Galileia: “Crescia em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e das pessoas” (Lc 2,52). Sua mãe, Maria, ainda muito jovem, assumiu a proposta de Deus, aceitando ser a sua serva. Gerou Jesus em seu seio, enfrentando com coragem os preconceitos da sociedade de sua época. Anunciou que a misericórdia divina se estende de geração em geração para todas as pessoas que o temem; anunciou que Deus dispersa os homens de coração orgulhoso, derruba do trono os poderosos e exalta os humildes... (Lc 1,51-52). Também José, “homem justo”, transgredindo as leis oficiais de sua época, aceitou ser esposo de Maria e pai adotivo de Jesus. O filho de Deus nasceu e cresceu no meio de gente simples, trabalhadora e de profunda fé.

Jesus iniciou seu ministério público com a idade aproximada de 30 anos. Seus ensinamentos e sua prática revelam que segue a linha dos profetas e dos sábios, a partir da observação do dia a dia das pessoas, do seu trabalho, de suas alegrias e tristezas, de suas aspirações e angústias; da contemplação da natureza, dos pássaros, dos campos, dos trigais, das figueiras e das vinhas. Suas palavras e suas ações demonstram que cresceu com espírito crítico frente às instituições políticas, econômicas e religiosas de sua época, assim como muitos jovens de hoje. Interpretou a Sagrada Escritura a partir da ótica dos pequenos e pobres anunciando-lhes o Reino de Deus: um mundo justo, fraterno e solidário. Para a realização deste programa escolheu um grupo para segui-lo e para ensiná-los a continuar a sua missão; dedicou-se especialmente em libertar as pessoas dos espíritos que impedem de serem livres para amar e serem amadas. O programa por ele abraçado está nitidamente esclarecido na parábola do samaritano solidário (Lc 10,25-37): corresponde à prática do mandamento do “amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Toda a Escritura está condensada neste mandamento. Observando atentamente o que faz o samaritano, percebe-se a prática do próprio Jesus, caminho para todos os seus discípulos e discípulas de todos os tempos. Diante de um ser humano extremamente necessitado de ajuda, o sacerdote e o levita “veem e passam adiante”; o samaritano, porém, “chegou junto dele, viu-o, moveu-se de compaixão, aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramou óleo e vinho, colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria, dispensou-lhe cuidados, tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro, dizendo: cuida dele e o que gastares a mais, te pagarei...”. Estes verbos indicam, com toda a clareza, dois tipos de atitudes que podem ser tomadas em qualquer lugar e em qualquer tempo.

A maioria das pessoas no tempo de Jesus (também no nosso tempo), deixa-se contaminar pela ideologia do poder que nos estimula a “ver e passar adiante”. É o pior tipo de cegueira. Jesus fez um grande esforço para libertar os discípulos desta cegueira em que estavam mergulhados. É o caminho traçado pelo Evangelho de Marcos entre a cura do cego de Betsaida (Mc 8,22-26) e a cura do cego de Jericó (10,46-52). Por este caminho, Jesus ensina a segui-lo no caminho da cruz, superando a tendência de conquistar fama e poder e optando pelo serviço abnegado pelo Reino de Deus. Sob o impulso do Espírito Santo, foi isso que fizeram inúmeras pessoas após sua morte e ressurreição, tanto nas comunidades primitivas como também ao longo da história da Igreja, até nossos dias.

Cumpre-se, assim, o que já havia sido anunciado pelo profeta Joel e

retomado pelo apóstolo Pedro em seu primeiro discurso após Pentecostes, demonstrando que o Espírito Santo é dom de Deus derramado sobre todos, rompendo as barreiras de idade, de sexo e de classe social: “Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos anciãos terão sonhos; vossos jovens terão visões. Até sobre os meus servos e minhas servas derramarei o meu Espírito” (At 2,17-18 = Jl 3,1-2).

E os jovens hoje?

Ao ler os textos bíblicos, constatamos que Deus, para a realização de seu Projeto de amor e de salvação para toda a humanidade, conta com a adesão de uma multidão de pessoas, entre elas muitos jovens. A partir dos exemplos resgatados acima, percebemos vários traços positivos que caracterizam a missão abraçada por essa gente: paixão pela Palavra de Deus; abertura para ouvir a voz de Deus e disposição para seguir a sua vontade; atenção e análise da realidade em que vivem; indignação diante das injustiças; coração compassivo diante do sofrimento alheio; coragem para testemunhar a fé em meio a perseguições; perseverança no caminho do direito e da justiça; opção decidida em favor da vida e da dignidade das pessoas que sofrem; ousadia em assumir tarefas difíceis e criatividade em executá-las; sabedoria apreendida no convívio com os pobres; entusiasmo em perseguir o ideal de “um novo céu e uma nova terra”...

Os/as jovens de hoje, inspirados/as nos exemplos dos jovens na Bíblia, estão em toda parte, empenhando-se na defesa e na promoção dos direitos humanos e de toda a criação. A cada um destes jovens comprometidos com um mundo solidário, justo e fraterno, valem as palavras dirigidas a Josué que herdou a tarefa de continuar a missão de Moisés no processo de libertação do povo: “O Senhor irá à tua frente. Ele estará contigo! Nunca te deixará, jamais te abandonará! Não tenhas medo, nem te apavores” (Dt 31,8). Valem também as palavras dirigidas a Timóteo, herdeiro da missão de Paulo: “Que ninguém te despreze por seres jovem. Torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade. Aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino...” (1Tm 4,12-13).

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Qual dos trechos bíblicos citados ao longo do texto chamou mais a atenção de vocês? Por quê?

2. Como o ensinamento bíblico coopera com as lutas e o enfrentamento dos desafios das CEBs e das juventudes?

Dicas de leitura para aprofundar os debates:

GALLAZZI, Sandro. *Por uma terra sem mar; sem templo, sem lágrimas*. Introdução a uma leitura militante da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1999.

LORASCHI, Celso. Dos jovens da Bíblia para os jovens de hoje, in: *Vida Pastoral*, n. 288, janeiro/fevereiro de 2013. São Paulo: Paulus, p. 3-14.

LORASCHI, Celso. A profecia na Bíblia. *Quando a palavra encanta* – Um tributo ao Pe. Nelson Isidoro Tonello. Passo Fundo: ITEPA, 2008, p. 147-202.

MESTERS, Carlos. Juventude: vocação e compromisso à luz da Palavra de Deus. *Curso de Verão* – Ano XXI. São Paulo: CESEP; Paulus, 2007, p. 87-171.

SANTOS OLIVEIRA, Eliezer dos. As juventudes na Bíblia e na vida. *Estudos Bíblicos*, vol. 28, n. 110, abril-junho 2011. Petrópolis: Vozes, p. 9-27.

14. Saber escutar, aprender e dialogar com as juventudes: o exemplo de Jesus nos Evangelhos

*Pastor Claudio Ribeiro
Pastora Luciana Petersen*

Ao longo de sua vida e ministério, Jesus conviveu com pessoas em todas as suas diversidades. Desde menino, circulava entre ciclos de diversas idades, gêneros, etnias, territórios, espiritualidades e níveis de estudo. Nosso mestre galileu, segundo contam os evangelhos, sabia modular as narrativas e se comunicar com maestria com quem fosse necessário, da criança ao mestre da lei. Ele, como jovem que era, dialogava com outros jovens e com pessoas de todas as idades, dando um exemplo potente de saber escutar, aprender a respeitar, conviver com as diferenças e dialogar.

As comunidades de hoje, assim como todas as juventudes, são chamadas a aprender desse exemplo, que não foi teórico, mas concreta e efetivamente vivido, com muita sabedoria, por Jesus. Será essa uma possibilidade difícil?

Vejamos os passos de Jesus

Desde sua adolescência, Jesus estava acostumado a habitar ambientes adultos e a questioná-los. Conta o texto bíblico que aos 12 anos, durante a Páscoa em Jerusalém, Jesus se perdeu de sua família e comunidade, sendo encontrado no Templo, discutindo entre os mestres da lei. “Três dias depois, o acharam no Templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que o ouviam muito se admiravam da sua inteligência e das suas respostas” (Lucas 2:46-47). Em um ambiente em que crianças e adolescentes não eram considerados pessoas de mesma categoria que os homens adultos, o menino Jesus desloca a ordem do poder religioso e da centralidade no adulto ao revelar que o poder de Deus se manifesta em corpos jovens, de modo a inquietar até mesmo os mestres e doutores, impressionados com a sabedoria daquele que os ouvia e questionava.

Ao longo de seu ministério, desenvolvido na juventude, Jesus continuou

deslocando a teologia dos doutores e peritos, fariseus e saduceus. Certa vez, um perito na lei foi ao encontro do jovem galileu com a intenção de o pôr à prova (Lucas 10:25), em uma idade em que Ele já reunia discípulos, mobilizava multidões e continuava gerando burburinhos em Jerusalém. Não sabemos o nome daquele sujeito nem sua história, mas sabemos que era um mestre da lei, o que exigiria dele anos de estudos das Escrituras e uma longa caminhada religiosa. Ele, talvez, portando alguma ironia, denomina Jesus como “Mestre” e o indaga sobre o caminho para herdar a vida eterna. Jesus, então, resolve devolver a questão com duas outras perguntas: “O que está escrito na lei? — respondeu Jesus. — Como você a interpreta?” (Lucas 10:26).

Jesus sabia que o lugar de onde falamos molda a forma como lemos o mundo, a vida e a Escritura. Ele se mostra interessado na diversidade de interpretações do mundo, sabendo que a leitura do Império, que ele sempre contestava, destoava da leitura da Galileia, território que ele conhecia bem. Toda espiritualidade é construída a partir de onde os pés pisam.

Sabemos que a Galileia, mais do que um espaço geográfico, é um lugar espiritual, teológico e histórico para onde somos, concretamente, enviados/as para encontrar Jesus. São passos encarnados, assim como o do jovem Jesus. A Galileia é o lugar onde é possível ver e ouvir Deus falando ao mundo, às igrejas e a todas as comunidades. Ao lembrarmos das palavras e atitudes de Jesus, nossos olhos vão se abrindo para ver as juventudes como sujeitos de direitos. Desta forma, podemos identificar as “galileias” representadas na vida das mulheres jovens, das juventudes negras, indígenas, da comunidade LGBTQIAPN+, e na de tanta gente lutadora das áreas rurais e das periferias urbanas do nosso país, e em outras situações de marginalização, sofrimento e luta.

Assim, com o olhar gracioso e justo de Jesus, podemos ver e sentir o divino no jovem, compreender as juventudes também como lugar sagrado e como protagonistas da missão das igrejas. Assim, também podemos reconhecer a multiplicidade de olhares e valorizar pontos de vista diferentes sobre o texto e a vida. Isso nos aproxima da diversidade do Reino de Deus, em que todas as pessoas são iguais em Cristo. É como está escrito: “Pois todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisso não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gálatas 3:26–28).

As juventudes querem viver

Jesus desloca mais ainda as lógicas de poder geracional em seus encontros com crianças. No texto do Evangelho de Mateus Cap. 18, quando os discípulos discutiam e perguntavam quem poderia ser o maior entre eles e como acessar tal posição, o jovem mestre responde com um outro gesto: afastar os adultos e aproximar uma criança, colocando-a no centro, complementando com palavras “Em verdade vos digo: se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus”.

Passados todos esses séculos, crianças e jovens ainda ocupam as periferias do poder eclesiástico, com pouco espaço em nossas estruturas religiosas para existir em sua totalidade, e construir a Igreja de agora. A elas, destinamos o que sobra do tempo; a salinha dos fundos; as migalhas da mesa. Jesus, porém, nos convida a conspirar contra as lógicas adultocêntricas, deixando o adulto de lado e nos tornando como crianças para entrar no Reino dos céus. Às crianças, tudo que se pode aproveitar da vida é a brincadeira. Aos jovens, todo sonho diante de nós parece possível. A estrutura de nossa sociedade, entretanto, nos violenta diariamente e rouba de nós a possibilidade de sonhar.

Na semana em que escrevemos esse texto, no final do mês de outubro de 2025, a cidade do Rio de Janeiro vivia a chacina policial mais letal de sua história. A cena que vimos nos jornais e na internet é de corpos de jovens, em sua maioria negros, enfileirados na praça pública de uma favela, fruto de uma política de genocídio de Estado que mata antes de perguntar, invade casas de moradores e contabiliza o sucesso de uma operação pelo número de pessoas assassinadas. O chão em que pisamos hoje está cheio de sangue de pessoas, a maioria jovens, algumas delas conheceram e caminharam com Jesus e, como ele, tiveram a vida interrompida pelo Império, assassinadas apenas por habitar um território periférico. A teologia que se produz nas favelas do Rio de Janeiro e nas periferias do Brasil afora tem corpo, raça e corre o risco de morrer antes de se tornar adulta.

Diante de situações tão complexas e desafiadoras como essa, como as juventudes de nosso tempo interpretam a Bíblia, sobretudo as palavras de Jesus, que viveu para nos dar vida e vida em abundância” (Evangelho de João 10.10)? Como as diversas juventudes brasileiras vivem e interpretam a vida? Como elas e todos nós podemos aprender a escutar e dialogar, como fez o jovem Jesus há dois mil anos?

Os sonhos estão pelo caminho

Estamos na caminhada rumo ao 16º Encontro Intereclesial das CEBs, que será realizado em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo. Convidamos todas as comunidades espalhadas pelo Brasil, e todas as juventudes, que amam e lutam pela vida, para abrirem os seus corações e mentes para cooperar nesta grande roda de esperança, de aprendizado e diálogo.

O nosso tema nos desafia: “CEBs - caminhando com as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino”. Como podemos aprender com as juventudes, de Norte a Sul do país, a servir com alegria, mesmo em meio a tantas dores, sofrimentos, lutas e discriminações? Como caminhar com as juventudes? O que elas nos ensinam? O que podemos partilhar nesta caminhada com tantos aprendizados e saberes? Quais são os sonhos que podem ser tecidos em conjunto? São perguntas que ecoam no chão da vida e nos fazem caminhar.

A visão bíblica da profecia e os conflitos de ontem e de hoje

Como é potente perceber o caráter amoroso, didático e de diálogo que marca os ensinamentos de Jesus, que morreu ainda tão jovem. A forma como ele escutava as pessoas e aprendia com elas, sobretudo com as pobres e marginalizadas do seu tempo, é algo surpreendente e inquietante! É fato que o seguimento de Jesus, embora fosse uma fonte geradora de alegria, aprendizado e satisfação, também era uma base inevitável de conflitos. O diálogo que ele estabelecia com as pessoas gerava intensos desafios, empoderamentos, novas formas de vida e um questionamento a todas as formas de opressão e discriminação, sobretudo das pessoas mais pobres, sofredas e desvalidas.

Alguns beberam dessa fonte cristalina que jorrava das palavras e atitudes de Jesus. Outros, não. Os discípulos e discípulas, mesmo em suas limitações e contradições, estiveram ao lado dele e beberam dessa fonte. Quando conviveram com ele eram pessoas muito jovens. Os estudiosos da Bíblia afirmam que João, o discípulo amado, deveria ser um adolescente de 15 ou 16 anos, quando largou tudo, inclusive a sua família, e foi caminhar com Jesus. O testemunho deles e delas, registrado em vários textos da Bíblia, e fortemente presente na memória de nossas comunidades até hoje, são, certamente, uma iluminação para as situações de conflitos e enfrentamentos nas opções das juventudes nos dias de hoje.

Na Bíblia encontramos, não somente os relatos de jovens no movimento

de Jesus, e o encontro de Jesus com eles, mas também a visão bíblica da profecia exercida por muitos deles, homens e mulheres, que na juventude deram o testemunho de justiça e de amor e proferiram vozes e atitudes de sabedoria, alguns deles jovens profetas em situação de êxodo ou de exílio, perdendo suas terras e famílias. Há uma face jovem dos profetas e profetizas na história do povo de Deus. A luta pela justiça não é de hoje...

E aí nos vêm à mente tantos aspectos da violência sistêmica e da marginalização social que tomam conta da realidade de hoje. São formas de exclusão sociocultural e de racismo estrutural; perpetuação do machismo em diferentes níveis; dificuldades de acesso a direitos; desigualdades econômicas; entraves nas lutas pela paz e por justiça social e no empenho por políticas públicas justas e inclusivas.

Não estamos acomodados, mas precisamos de mais força.

O lema que nos motiva é: “Levanta-te, brilhe, pois chegou a tua luz!” (Is 60,1). Sabemos que, em meio às juventudes, há uma sede de vida e de justiça, e também uma rica vivência de espiritualidades libertadoras, que devem inspirar todas as comunidades. Quais são os desafios para se “levantar” numa sociedade excludente, que até mesmo minimiza a fé na humanidade, nas pessoas pobres, na justiça e na paz do Reino de Deus? Esse lema bíblico é uma visão iluminadora de nossa fé, é lançar-se para frente, “em saída”, de forma esperançosa e corajosa. As juventudes não são acomodadas. As comunidades também não são. Claro que há setores paralisados e sinais de desânimo em alguns cantos! Porém, elas, juntas, convidam a todas as outras, comunidades e juventudes a não ficarem na dispersão, mas se unirem pela paz e pela justiça para este mundo.

Essa caminhada conjunta, inspirada nos passos de Jesus, deve cooperar para a superação das formas de invisibilização das juventudes nas igrejas e de cerceamento do protagonismo delas nos processos de gestação e de decisões eclesiais, visando ao testemunho profético no mundo. Sabemos que tais problemas são gerados por um adultocentrismo, como muito se tem falado, por vezes causado pelas práticas do clericalismo, nas quais os jovens são bem-vindos apenas para ajudar, para cumprir tarefas, mas não para pensar e decidir juntos aspectos da vida eclesial. Como Jesus se comportaria nestas situações? Como aprender com os ensinamentos dele?

Olhando o quadro das juventudes em nosso país — sobretudo as marcas

de sofrimento e de lutas, mas também as realizações, empoderamentos e conquistas de justiça —, muitas imagens vêm à nossa mente. Nós queremos vida em abundância, mananciais de águas vivas. Queremos poder sonhar com dias melhores. Queremos ver e experimentar as maravilhas da Criação, na alegria do Evangelho. Queremos celebrar com os nossos e festejar a vida. Queremos estar vivos, e quem sabe envelhecer sem ter nossas vidas interrompidas.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Quais são os ensinamentos de Jesus que nos ajudam e nos incentivam a caminhar com as juventudes?
2. Jesus, como jovem que era, dialogava com outros jovens e com pessoas de todas as idades, dando um exemplo de saber escutar, respeitar, conviver com as diferenças e dialogar. Quais os exemplos disso nos vêm à mente?

15. AMAR E DEFENDER A VIDA: O COMPROMISSO DA IGREJA COM AS JUVENTUDES

Luis Duarte Vieira

As Comunidades Eclesiais de Base do Brasil, nos embalos do 16º Intereclesial, se propõem a caminhar com as juventudes na alegria do Evangelho e no serviço do Reino. Para tal, o próprio Jovem de Nazaré faz dois profundos chamados às nossas comunidades na missão com as juventudes. Podemos, inclusive, afirmar que, na missão com as juventudes, duas são as vocações fundamentais de nossas comunidades: nos passos de Jesus, amar e defender a vida. Como recorda o amado Papa Francisco em sua Exortação Apostólica Pós-Sinodal, *Christus Vivit* (CV, n. 112 e n. 1), à todos/as os/as jovens: “Deus te ama”, “Cristo Vive e te quer vivo!”

O primeiro grande chamado que o Senhor faz aos seus seguidores e suas seguidoras é o Amor: um amor irrestrito e incondicional às juventudes. Sejam nossas Comunidades esse espaço onde, de fato, as juventudes sejam profundamente amadas. Sejam nossas comunidades espaços deste amor irrestrito e incondicional, que escuta, abraça, acolhe e acompanha as juventudes. Todas elas sejam abraçadas, amadas, acolhidas e respeitadas em nossas Comunidades. Com o Papa Francisco aprendemos que “na Igreja há lugar para todos! Todos! Todos!” Sejam nossas comunidades, amor para todas as juventudes. Amemos todas as juventudes. Todas. Todas. Que nenhuma das muitas, múltiplas e diversas juventudes se sintam apartadas desse amor. Lembremos sempre, com o Papa Francisco, que “todos os jovens, sem excluir nenhum, estão no coração de Deus e, consequentemente, também no coração da Igreja” (CV, n. 235).

A segunda grande e radical vocação de nossas Comunidades Eclesiais de Base junto às juventudes é o compromisso com a vida. Nos passos de Jesus, o Bom Pastor, que dá a vida pelas suas ovelhas e que deseja vida plena e abundante para todos e todas (Jo 10,10), nossas Comunidades devem empenhar-se e comprometer-se radicalmente na defesa da vida e dos direitos das juventudes. Que o grito das juventudes marginalizadas, excluídas, feridas e chagadas pelo racismo, pela LGBTQIAfobia, pelo sexismo, pelo machismo, pelo feminicídio e por tantas formas de violência não nos seja indiferente! Como cantamos na canção de León Gieco e Raul Ellwanger, “*eu só peço a Deus que a dor não*

me seja indiferente”. Que a dor das juventudes não nos seja indiferente! Que nossas comunidades sejam radicalmente lugares de vida e de defesa da vida. Ao apresentar Jesus, Caminho, Verdade e Vida, sejam nossas Comunidades, este espaço. Que nossas comunidades estejam com as juventudes na luta por seus direitos!

Estas duas vocações das Comunidades Eclesiais de Base — no amor e na defesa da vida, com as juventudes — foram expressas pela Igreja Católica no Brasil, na América Latina e Caribe e no magistério do Papa Francisco, de diferentes maneiras ao longo dos anos. Assim sendo, são diversos e múltiplos os compromissos que a Igreja, em variados documentos, assume nessa vivência do amor e da defesa da vida das juventudes. Nestas linhas, apresentamos alguns desses compromissos fundamentais que devem mobilizar nossas comunidades. Mas muitos outros são os compromissos que devem tornar-se práticas cotidianas entre nós. Fica, portanto, o convite para que possamos conhecer, meditar, rezar e viver todas as orientações desses documentos. Trata-se da expressão, nas trilhas da história, de uma Igreja cada vez mais fiel ao Reino e que, dia após dia, vai alargando o amor às juventudes e engajando-se, mais e mais, na defesa de suas vidas.

A palavra do Concílio Vaticano II e dos bispos na América Latina

No Concílio Vaticano II (1962-1965), sob ação do Espírito Santo de Amor, afirmamos que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (*Gaudium et Spes* n. 1 – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje). Nesse caminho de vivência do Intereclesial das CEBs, ousamos afirmar que as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das juventudes, sobretudo das mais pobres e de todas aquelas que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo, de nossas Comunidades.

Nesse espírito do Concílio Vaticano II, na Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968), a Igreja em nossa Pátria Grande, nos conclamou à “defender, segundo o mandato evangélico, o direito dos pobres e oprimidos, urgindo nossos governos e classes dirigentes que eliminem tudo quanto destrói a paz social: injustiça, inércia, venalidade, insensibilidade”. Nossas comunidades são enviadas a assumir um decidido compromisso de defesa das juventudes

empobrecidas. Medellín ainda recorda que “o exemplo e o ensinamento de Jesus, a situação angustiosa de milhões de pobres na América Latina, as incisivas exortações do papa e do Concílio, põem a Igreja latino-americana ante um desafio e uma missão a que não pode fugir e à qual deve responder com a diligência e audácia adequadas à urgência dos tempos. Cristo, nosso Salvador, não só amou aos pobres, mas também, «sendo rico se fez pobre», viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens”. Ainda hoje, transcorridos quase sessenta anos, somos enviados a centralizar nossa missão na libertação das juventudes empobrecidas.

À luz dos compromissos de Medellín, na Conferência Episcopal Latino-Americana de Puebla (1979), sob o olhar amoroso de Nossa Senhora de Guadalupe, a Igreja em nosso Continente, “volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral [de Medellín], que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres” (Documento de Puebla, DP, 1134). A Igreja, assim, reafirmou, “o amor preferencial e a solicitude para com os pobres e necessitados” (DP 382). E, junto da opção preferencial pelos pobres, Puebla afirma que a Igreja faz opção preferencial pela juventude. “Os pobres e os jovens constituem, portanto, a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, e sua evangelização é, por conseguinte, prioritária” (DP 1132). “A Igreja confia nos jovens. Eles são a sua esperança” (DP 1186). Salienta ainda que “os jovens devem sentir que são Igreja, experimentando-a como lugar de comunhão e participação” (DP 1184). Esta visão anima nossas Comunidades a viverem o cuidado com as juventudes e os pobres de modo prioritário. Que nossas Comunidades sejam espaço de confiança nas juventudes!

Na Conferência dos Bispos em Santo Domingo (1992), a Igreja recordou que “descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial” (Documento de Santo Domingo, DSD, 178). Tarefa que ainda nos desafia nesse tempo histórico de nossas vidas. Tarefa que nos conclama a enxergar no rosto das juventudes o rosto de Cristo. Santo Domingo ainda convoca nossas comunidades a, com as juventudes, efetivar uma ação pastoral “que dinamize uma espiritualidade do seguimento a Jesus, que propicie o encontro entre a fé e a vida, que seja promotora da justiça, da solidariedade e que anime um projeto promissor e gerador de uma nova cultura de vida” (DSD 116); e “que anuncie nos compromissos assumidos e na vida cotidiana, que o Deus da vida ama os jovens e quer para eles um futuro diferente, sem frustrações nem marginalizações, no qual

a vida plena seja fruto acessível a todos” (DSD 118).

Em continuidade a Medellín, Puebla e Santo Domingo, na Conferência Episcopal em Aparecida (2007), sob o cuidado da Negra Mariama, a Igreja recordou que o “Senhor continua a nos chamar como discípulos missionários e nos desafia a orientar toda a nossa vida a partir da realidade transformadora do Reino de Deus” (Documento de Aparecida, DAp 382). Sejam, assim, nossas Comunidades espaços de chamado e envio para sermos discípulos missionários, gerando vida para nosso povo e construindo o Reino de Deus.

Nossas Comunidades Eclesiais de Base são convidadas a renovar, “em estreita união com a família, de maneira eficaz e realista, a opção preferencial pelos jovens, em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, dando novo impulso à Pastoral da Juventude nas comunidades eclesiais” (DAp 446). Todas as nossas comunidades são convocadas a serem “sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DAp 396); e, portanto, a caminhar com e no meio das juventudes. Aparecida, nesse ardor missionário e com profecia, já sinalizava, ainda em 2007, que “constatam-se com preocupação o suicídios de jovens” (DAp 445). Trata-se de uma realidade dura e sofrida, muito presente em nosso tempo — uma realidade que convoca e desafia nossas comunidades a serem espaços de acolhida, de amor incondicional, de proteção e de cuidado com a vida.

A palavra da Igreja Jovem - Civilização do Amor: Projeto e Missão

Ainda sobre a caminhada da Igreja Latino-Americana e Caribenha, é importante recordar os compromissos que a Igreja Jovem — Pastorais da Juventude do Brasil e da América Latina e Caribe — assumiu na construção de sua história em nossos rincões da Pátria Grande. Essa caminhada e esses compromissos estão sistematizados no documento chamado “Civilização do Amor: Projeto e Missão”. Trata-se de um documento orientativo, construído desde cada grupo de jovens de nosso Continente. Um documento que todas as nossas Comunidades Eclesiais de Base precisam conhecer, refletir, rezar e, sobretudo, viver radicalmente.

Civilização do Amor é profecia, poesia e compromisso da Igreja do Continente que, anunciando Jesus Cristo, constrói o Reino de Deus com os/as pobres e as juventudes. Civilização do Amor é tarefa e esperança, é projeto e missão. E, como tal, o documento **Civilização do Amor: Projeto e Missão**, conclama e envia nossas Comunidades a serem “fiéis ao chamado de Jesus Cristo, que nos convida a encarna-nos na vida de nossos povos”; a viver como Jesus, “que se aproxima, escuta e olha compassivamente para seu povo, para compreendê-lo e acompanhá-lo em suas necessidades”; a ter o olhar de Jesus para as juventudes,

olhar que “permita tocar as expressões, utopias, vivências das juventudes, mas também os desacertos”; a reconhecer que “como Igreja jovem, não começamos a caminhar agora”; a assumir que “é importante, para nós, como Igreja, de maneira permanente, levar em conta nossa história no caminho da salvação”; “propor aos jovens o encontro com Jesus Cristo e seu seguimento na Igreja que lhes garanta a realização de sua dignidade, estimule-os a formar sua personalidade, proponha-lhes uma opção vocacional”; a garantir que as juventudes percorram o processo de educação na fé, uma vez que este, “além de cuidar da formação integral e mística dos jovens, orienta para a felicidade da juventude na realização de seu projeto de vida, cultiva a dimensão profética sacerdotal e real da juventude e a conduz para a felicidade com que todos os jovens sonham e desejam construir, tanto em sua dimensão pessoal e social quanto transcendente”.

O documento *Civilização do Amor* ainda motiva nossas Comunidades a recuperarem “a pedagogia de Jesus”; a recordarem sempre que “a juventude quer e sonha com um Deus próximo, mais ainda, com o Deus que habita em sua realidade juvenil e brota do interior mesmo do jovem”; e a viver na certeza de que Deus nos criou para “amar a vida, vivendo a opção preferencial pelos pobres”[...] e que “Ele sonha que vivamos com criatividade, personalidade e autonomia o protagonismo de nossa história”; a ajudar as juventudes a sempre recordarem de Maria, das/os Santas/os, das mártires da caminhada, “referências que servem de guia para as juventudes”, pois “as juventudes ensinam-nos que não querem caminhar sozinhas e que o caminhar se torna mais seguro se houver referências que nos falem, que nos animem a viver e repitam que viver no Reino não é só necessário, mas também possível”; a “recordar os “homens e mulheres que se sobressaem na doação aos demais, frequentemente dando sua vida por amor e fidelidade ao Caminho [Cristo] que conduz até o Horizonte Divino”; a reafirmar os valores da vida, repudiar o que cria uma cultura de morte, afirmar as prioridades do nosso sonho e crer na *Civilização do Amor*; a promover “o encontro com Jesus Cristo vivo, a formação integral e o acompanhamento, para que o jovem seja verdadeiro discípulo missionário, comprometido com a transformação da realidade”; a “acompanhar o jovem na construção de seu projeto de vida, na formação de valores humanos e sua participação social, a partir dos princípios evangélicos e da Doutrina Social da Igreja, que permita ao jovem ser crítico perante a realidade social, para transformá-la”; a “acompanhar os jovens, através dos processos de formação integral, a fim de potencializar neles o sentido crítico e o cultivo de valores na construção da *Civilização do Amor*”; a responder “à realidade do jovem de hoje”; priorizar “o protagonismo do jovem, acolhendo-o

e reconhecendo-o como lugar teológico, de modo que possa contribuir com a promoção de uma cultura de paz, com a transformação das diversas realidades e com a defesa da vida humana e do planeta”.

Civilização do Amor nos chama a viver uma missão com as juventudes, assumindo os seguintes compromissos, tarefas e projetos: viver profundamente os movimentos da missão no mundo juvenil — fascinar-se pela juventude, aproximar-se da juventude, escutar a juventude, discernir com a juventude e converter-se/comover-se com a juventude —; assumir e viver radicalmente as opções pedagógicas das Pastorais da Juventude: a formação integral, com suas várias dimensões e seus processos de Educação na Fé; o grupo de jovens ou a comunidade juvenil; o ambiente e as realidades específicas dos jovens; a memória do caminho; a organização e o acompanhamento; “assumir o princípio da formação integral como um modo de ajudar a construir sujeitos autônomos e felizes”; “convocar à vida em Comunidade”; “apresentar uma espiritualidade que provoque uma mística”; organizar, animar, fortalecer e acompanhar grupos de jovens, “proposta central da ação evangelizadora”; “levar em conta a diversidade da juventude, de seus ambientes”; cuidar da memória na certeza de que “a revelação do Senhor se dá no caminho e é conservada na memória do povo que peregrina”, e que “é fundamental manter, de muitas maneiras, viva a memória histórica”; criar, melhorar, fomentar, dinamizar e acompanhar a organização das juventudes; “fazer o caminho juntos” com as juventudes; ajudar no discernimento vocacional de todos/as os/as jovens, pois é preciso ser portador “do convite ao jovem e à jovem a serem colaboradores do projeto do Pai e através de seu projeto de vida”; “anunciar com fidelidade o Reino de Deus”; “apresentar a mensagem de Jesus como resposta aos jovens”; promover “o protagonismo a partir da metodologia do ver, julgar, agir, revisar e celebrar”; “assumir a vida dos jovens, sua realidade e sua experiência [...], favorecer uma experiência comunitária, participativa [...], criar consciência missionária”; e “cultivar a espiritualidade juvenil”, como afirma o documento *Civilização do Amor: Projeto e Missão*.

A palavra das juventudes e dos bispos no Brasil

Animada pela caminhada da Igreja na América Latina, nos caminhos da Igreja no Brasil, é importante destacar a trajetória das Pastorais da Juventude, bem como os caminhos da evangelização das juventudes. Muitos textos, documentos, escritos, planos de pastoral, projetos, assembleias, ampliadas, livros, encontros e atividades apresentam compromissos e chamados para nossas Comunidades Eclesiais de Base.

Para lembrar alguns desses documentos, recordamos o Estudo 44 (Pastoral da Juventude no Brasil), o Estudo 76 (Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil) e o Documento 85 (Evangelificação da Juventude: desafios e perspectivas pastorais), todos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB. O mais bonito desses documentos, estudos, planos e projetos é a construção coletiva e sinodal que sempre os produziu. São documentos tecidos e construídos com as juventudes — aspecto fundamental que nossas Comunidades precisam salvar: construir **junto com** as juventudes e não **para** as juventudes. Que nossas CEBs sejam espaços nos quais as juventudes possam, em processos sinodais, estar envolvidas nas diversas instâncias de decisão e organização comunitária, de modo a construir e a colaborar comunitária e coletivamente!

O documento 85 da CNBB — Evangelifiação da Juventude, expressão da opção preferencial da Igreja no Brasil pelas juventudes — apresenta grandes desafios e perspectivas pastorais, motivando nossas comunidades a viverem oito grandes linhas de ação: formação integral do/a discípulo/a, espiritualidade, pedagogia de formação, discípulos e discípulas para a missão, estruturas de acompanhamento, ministério da assessoria, diálogo entre fé e razão e direito à vida.

Muito se poderia dizer sobre os convites e compromissos que o Documento 85 faz às nossas comunidades e, na sequência, apresentaremos alguns. Contudo, é fundamental destacar que, na continuidade daquilo que o amado e eterno Padre Hilário Dick refletia e motivava, neste documento a Igreja reconhece, acolhe e ama, a juventude como realidade teológica. “Um grande desafio é reconhecermos que também no segmento da sociedade chamado juventude se encontram as sementes ocultas do Verbo, como fala o Decreto *Ad gentes*, do Concílio Vaticano II. Entrar em contato com o “divino” da juventude é entender sua psicologia, sua biologia, sua sociologia e sua antropologia com o olhar da ciência de Deus. O jovem necessita que falemos para ele não somente de um Deus que vem de fora, mas também de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado” (CNBB 85, n. 80).

Nossas Comunidades, “reconhecendo a juventude como um lugar teológico” (CNBB 85, n. 248), são chamadas a: promover “um processo de evangelifiação que leve em conta as diferentes dimensões da formação integral, num caminho que desperte e cultive os jovens e a comunidade eclesial para a irrenunciável dimensão vocacional do grupo”; “orientar o jovem sobre o valor da oração pessoal, tornando-a, pouco a pouco, um hábito de vida”; “proporcionar aos jovens uma liturgia inculturada que contemple alegria e profundidade,

espontaneidade e respeito, passado e presente, silêncio e movimento, linguagem nova e tradição”; incentivar a oração com o “Ofício Divino das Comunidades e o Ofício Divino da Juventude”; “organizar os grupos de jovens”, “instrumento pedagógico de educação na fé”; “capacitar os assessores e coordenadores dos grupos e equipes de coordenação a partir da pedagogia de Jesus com seus apóstolos”; “organizar, valorizar e acompanhar os grupos de jovens nas comunidades”.

Esses chamados não são os únicos. O Documento 85 ainda nos envia a: “mobilizar os jovens da comunidade eclesial para que se tornem missionários nos ambientes em que estão inseridos e naqueles em que apresentam maiores desafios, investindo no trabalho diferenciado junto aos jovens estudantes, universitários, ribeirinhos, negros, indígenas, quilombolas, agricultores, empobrecidos, das periferias das grandes cidades, dependentes químicos, envolvidos no mundo da violência e das gangues e outros segmentos juvenis”; “despertar gradualmente os jovens para a consciência da cidadania e o engajamento sociopolítico na transformação da sociedade, a partir da opção evangélica pelos pobres”; fortalecer as estruturas organizativas que acompanham os processos de educação na fé dos jovens; “identificar e capacitar pessoas, maduras na fé e chamadas por Deus, para exercerem o ministério da assessoria, acompanhando os processos de educação na fé dos jovens, dispostas a servirem com sua experiência e conhecimento, desejosas de compartilhar sua descoberta de Cristo e seu projeto”; “garantir a formação de novos assessores”; “promover grupos, retiros, vivência dos sacramentos, cursos, espaços de reflexão e estudo para que os jovens possam ter uma adequada formação e experiência de Deus e, nas palavras de Pedro, aprender a dar razão da sua esperança (cf. 1Pd 3,15)”; “favorecer o diálogo entre o universo religioso e o universitário”; “investir na formação de assessores qualificados para acompanhar a juventude no ambiente universitário, mantendo sempre o justo equilíbrio entre fé e razão”.

Os bispos do Brasil ainda conclamam todas as nossas comunidades a: “garantir que todos os jovens tenham acesso aos direitos fundamentais, numa sociedade marcada por profundas desigualdades sociais, regionais, raciais e de gênero”; a “comprometer os diferentes segmentos da Igreja com a promoção de ações que visem garantir os direitos fundamentais dos jovens, em vista da superação das estruturas produtoras de desigualdade social, ampliação do acesso e da permanência na escola de qualidade, erradicação do analfabetismo entre os jovens, preparação para o mundo do trabalho, geração de postos de trabalho e renda, luta para que os direitos trabalhistas dos jovens sejam respeitados, promoção de vida saudável, democratização do acesso ao esporte, ao lazer,

à cultura e à tecnologia da informação, promoção dos direitos humanos e das políticas afirmativas, combate à criminalidade e garantia da segurança pública, estímulo à cidadania e à participação social, democratização do acesso à terra e defesa de uma política agrícola que incentive a pequena agricultura familiar, reconhecimento e valorização da qualidade de vida dos jovens no meio rural e nas comunidades tradicionais”; e “proporcionar ao jovem um adequado conhecimento da Doutrina Social”.

Ao concluir o Documento 85, os bispos do Brasil dizem as seguintes palavras: “Reconhecendo a juventude como um lugar teológico, o nosso amor a ela é gratuito, independente do que possa nos oferecer. Esta gratuidade se inspira no amor incondicional de Jesus que livremente deu sua vida por todos (cf. Rm 5,6-11). Como discípulos e missionários de Jesus Cristo queremos ir, com amor preferencial, ao encontro dos jovens que mais sofrem as consequências das injustiças, da pobreza e da falta de ideais capazes de abrir horizontes para suas vidas” (CNBB 85, n. 248-249). Que essas palavras sejam as palavras das CEBs às juventudes. E não palavra por palavra, mas verdade encarnada todos os dias.

O legado do Papa Francisco para as juventudes

Por fim, nessa caminhada como Comunidades Eclesiais de Base, há que se recordar da vida, das esperanças e dos legados do Papa Francisco. Sua vida, suas palavras e seus gestos são o Evangelho vivo a nos convidar a uma sempre maior fidelidade a Jesus e ao Reino de Deus. Seria, como expresso anteriormente, impossível expressar todos os compromissos que Francisco nos provoca. Mas, nas linhas que seguem, destacamos alguns elementos.

O Papa Francisco amou as juventudes e este amor manifestou-se de diversos modos. Nessas linhas, recordamos com profunda alegria o Sínodo sobre “os jovens, a fé e o discernimento vocacional” e a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus Vivit* (CV). Palavras, compromissos, chamados e reflexões que devemos conhecer e assumir em todas as nossas Comunidades Eclesiais de Base.

Francisco convida nossas comunidades a recordar que “Jesus é jovem entre os jovens, para ser o exemplo dos jovens e consagrá-los ao Senhor. Por isso, o Sínodo disse que a juventude é um período original e estimulante da vida, que o próprio Jesus viveu, santificando-a” (CV 22). Francisco motiva que “peçamos ao Senhor que liberte a Igreja daqueles que querem envelhece-la, ancorá-la ao passado, travá-la, torná-la imóvel” e que as comunidades se deixem “interpelar e estimular pela sensibilidade dos jovens” (CV 35 e 42).

Francisco ainda nos desafia a perceber a santidade de tantos/as jovens.

“O coração da Igreja está cheio também de jovens santos, que deram a sua vida por Cristo, muitos deles até ao martírio. Constituem magníficos reflexos de Cristo jovem, que resplandecem para nos estimular e tirar fora da sonolência” (CV 49). E depois de trazer a memória de vários/as santos, santas, beatos e beatas, nos conclama: “Que eles, juntamente com muitos jovens que, frequentemente no silêncio e anonimato, viveram a fundo o Evangelho, intercedam pela Igreja para que esteja cheia de jovens alegres, corajosos e devotados que ofereçam ao mundo novos testemunhos de santidade” (CV 63).

Em sua poesia e profecia, Francisco nos lembra que “não podemos limitar-nos a dizer que os jovens são o futuro do mundo: são o presente, estão a enriquecê-lo com a sua contribuição”. Francisco ainda nos desafia a uma atenção particular à cada jovem, com suas dores, alegrias e sonhos: “a juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. [...] o que há são jovens com as suas vidas concretas. No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação”. Que nossas Comunidades sejam espaços, lugares e abraços à todos os jovens, com suas vidas concretas. Na *Christus Vivit*, Francisco apresenta traços da realidade juvenil, afirmando que “não posso deixar de observar a realidade” (CV 64, 70 e 71). Trata-se de um convite às nossas comunidades: olhar para a realidade das juventudes em nossas localidades e, com elas, construir o Reino de Deus.

Francisco, ao tratar do pecado dos abusos e violências, recorda que “este não é o único pecado dos membros da Igreja”. Tal reconhecimento convida nossas comunidades, neste tempo de Intereclesial, a refletir sobre quais pecados têm cometido na relação com as juventudes. O façamos, recordando a afirmação do Papa Francisco: “Lembremo-nos, porém, que não se abandona a Mãe quando está ferida, mas acompanhamo-la para que tire fora de si mesma toda a sua força e capacidade de começar sempre de novo” (CV 101). Reconheçamos nossos pecados na missão com as juventudes, para sermos capazes de começar sempre de novo, para sermos sempre e cada vez mais fiéis a Jesus.

Em sua palavra às juventudes, à Igreja e ao mundo, Francisco exorta nossas Comunidades: “Exorto as comunidades a fazerem, com respeito e seriedade, um exame da sua realidade juvenil mais próxima, para poderem discernir os percursos pastorais mais apropriados” (CV 103). Trata-se de uma chamada para que, em cada comunidade, a partir de sua realidade específica, se faça um discernimento dos processos pastorais a serem vividos com as juventudes. Francisco ainda afirma que “embora nem sempre seja fácil abordar os jovens, estamos a crescer em dois aspectos: a consciência de que é toda a comunidade que os evangeliza

e a urgência de que os jovens sejam mais protagonistas nas propostas pastorais” (CV 202). Trata-se de um chamado para que as Comunidades favoreçam o protagonismo juvenil.

Ainda sobre a ação pastoral com as juventudes, Francisco, na *Christus Vivit* motiva nossas comunidades a viverem uma pastoral sinodal: “privilegiar a linguagem da proximidade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração, atinge a vida, desperta esperança e anseios”; “aproximar-se dos jovens com a gramática do amor, não com o proselitismo”; “renovar e aprofundar a experiência pessoal do amor de Deus e de Jesus Cristo vivo”; “ajudar os jovens a crescer na fraternidade”; “oferecer lugares apropriados aos jovens, nas nossas instituições”; “aprender a amar o silêncio e a intimidade com Deus”; oferecer “possibilidade de ajudar os outros”; não esquecer as expressões artísticas, desportivas e de engajamento ambiental; “criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todo o tipo de jovens e onde se manifeste, realmente, que somos uma Igreja com as portas abertas”; construir uma pastoral popular; “ser sempre uma pastoral missionária”; garantir acompanhamento aos jovens; e apoiar a juventude em seu discernimento vocacional, pois “o Senhor chama-nos a participar na sua obra criadora, prestando a nossa contribuição para o bem comum com base nas capacidades que recebemos”.

Francisco reafirma, nessa profunda e bela carta, três verdades fundamentais — três grandes anúncios dirigidos a todos/as os/as jovens: Deus te ama! Cristo te salva! Cristo Vive! Que nossas Comunidades, por meio de suas obras e ações, possam proclamar a todas as juventudes, especialmente às mais empobrecidas e feridas, esses três grandes anúncios.

O Papa Francisco, por meio dessa Exortação, propõe “aos jovens irem mais além dos grupos de amigos e construir a amizade social: buscar o bem comum chama-se amizade social”. E mais além, Francisco provoca e motiva: “Enamorados por Cristo, os jovens são chamados a dar testemunho do Evangelho em toda parte, com a sua própria vida”. Possam nossas comunidades ajudar os/as jovens a construir, em cada localidade e partir da comunidade, a amizade social e darem testemunho do Evangelho. Trata-se da “chamada para o serviço missionário dos outros” (CV 169, 175, 253).

Francisco, na *Christus Vivit*, ainda provoca nossa sensibilidade e humanidade. “Não podemos ser uma Igreja que não chora à vista destes dramas dos seus filhos jovens. Não devemos jamais habituar-nos a isto, porque, quem não sabe chorar, não é mãe. [...] Talvez ‘aqueles de nós que levamos uma vida sem grandes necessidades não saibamos chorar. Certas realidades da vida só se

veem com os olhos limpos pelas lágrimas. Convido cada um de vós a perguntar-se: Aprendi eu a chorar, quando vejo uma criança faminta, uma criança drogada pela estrada, uma criança sem casa, uma criança abandonada, uma criança abusada, uma criança usada como escravo pela sociedade?’ [...] Procura aprender a chorar pelos jovens que estão pior do que tu. A misericórdia e a compaixão também se manifestam chorando. Se o pranto não te vem, pede ao Senhor que te conceda derramar lágrimas pelo sofrimento dos outros. Quando souberes chorar, então serás capaz de fazer algo, do fundo do coração, pelos outros” (CV 75-76). Peçamos, pessoal e comunitariamente ao Senhor: que Ele nos conceda a graça de chorar pelos jovens, especialmente pelos que sofrem.

Ao final da *Christus Vivit*, Francisco se dirige aos/às jovens: “Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi atraídos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós” (CV 299). Que as Palavras de Francisco sejam as palavras de nossas CEBs às juventudes de hoje.

É impossível lembrar do Papa Francisco, sem recordar o chamado ao cuidado com a Casa Comum e o chamado ao Jubileu da Esperança. Francisco recordou-nos que somos “peregrinos de esperança”, uma “esperança que não decepciona” (Rm 5,5). Neste caminho, recorda às nossas comunidades que “de sinais de esperança também têm necessidade aqueles que, em si mesmos, a representam: os jovens”. E nos convidou: “mantenhamo-nos próximo dos jovens, alegria e esperança da Igreja e do mundo! Ressoa, fortemente, este convite e esta certeza em nossas comunidades: as juventudes precisam de esperança e somos enviados a estar próximo dos/as jovens.

Últimas palavras

Muito mais poderia e precisaria ser dito sobre a vida, o legado e a missão do Papa Francisco, bem como sobre a caminhada da Igreja na América Latina e no Brasil com as juventudes. Contudo, é preciso encerrar essa reflexão e partir em missão. Assim, depois de termos refletido, de modo breve os compromissos das CEBs junto às juventudes, peçamos que Maria, Mãe e amiga da juventude, ajude as Comunidade Eclesiais de Base a amar as juventudes e a defender suas vidas, na alegria do Evangelho e no serviço do Reino, vivendo pouco a pouco e sempre mais, os vários compromissos que assumimos no decorrer de nossa história e

que estão expressos no magistério da Igreja. Ousemos, amar e esperar com as juventudes.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Você já conhecia algum desses Documentos? O que eles falam sobre juventudes que mais chama sua atenção?
2. Como podemos, em comunidade, colocar em prática as orientações e ensinamentos da Igreja em relação às juventudes?

16. “ESSE CAMINHO VEM DE LONGE”: O QUE AS CEBs JÁ FALARAM SOBRE JUVENTUDES?

Cícera Laércia Nascimento de Sousa
Padre Vileci Basílio Vidal

Para início de conversa...

Primeiramente, é importante destacar que a juventude traz em si uma força muito expressiva e seria quase um desrespeito não mencioná-la ao longo de todos esses anos na caminhada das CEBs.

No contexto atual, torna-se evidente que muitas são as expressões jovens e que, em alguns contextos, por falta de conhecimento, os jovens se distanciam das Comunidades Eclesiais de Base por não conhecerem a sua importância e também por não se sentirem parte delas. Preconceitos são gerados, e alimentados por comentários maldosos que colocam as CEBs como um inimigo a ser combatido.

A discussão sobre esse assunto revela que, embora as CEBs já tenham refletido e falado sobre juventudes, nem sempre estas têm ciência desse espaço. Há uma grande lacuna nas comunidades, onde alguns grupos dimensionam espiritualidade e, sem fundamentos alicerçados na verdade, propagam uma essência negativa, distorcendo o grande bem que as pequenas comunidades eclesiais, realizam na missão local de cada realidade cristã.

Participação juvenil nas CEBs

À luz das reflexões de Solange dos Santos Rodrigues, em um dos capítulos do Texto-Base do 13º Intereclesial de CEBs, intitulado: “CEB: Lugar da juventude? Desafios e perspectivas da participação juvenil nas CEBs”, a autora destaca a “constatação de uma presença pouco expressiva de jovens nos intereclesiais”, no entanto, já abre espaço, reconhecendo que essa evidência gerou iniciativas no 11º Intereclesial, que aconteceu em Ipatinga-MG (2005) e no 12º encontro que realizou-se em Porto Velho-RO (2009). No primeiro, 250 jovens que não faziam parte da delegação, participaram do *Acampamento Igreja Jovem*, e também “de alguns momentos da programação, como as grandes celebrações e as tendas de trocas de saberes”. Já no segundo, a escritora expõe que “chamou a atenção o grande número de adolescentes e jovens nas equipes de serviço. Além disso, as

dioceses foram incentivadas a incluir pelo menos um jovem em suas delegações, o que resultou numa expressiva presença juvenil no encontro”. Nesse sentido, pode-se ratificar que são iniciativas inclusivas que contribuem de forma efetiva para uma participação ativa da juventude na continuidade das CEBs, sobretudo na contemporaneidade.

A juventude, de certo modo, já está inserida nos intereclesiais, seu rosto já é contemplado! Percebe-se essa inserção, sobretudo, no grande número de jovens que marcaram presença, conforme já citado no texto, entre os anos 2005 e 2009. A semente vem sendo lançada em terra boa, no entanto, faz-se necessário que mais do que quantidade expressiva, nos voltemos para a palavra de Deus que vez ou outra recorda-nos que “Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, senhor’, entrará no Reino dos Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade de meu Pai que está no céu”. (Mt 7, 21). Logo, nem todos os jovens que participam dos intereclesiais abraçam a causa ou buscam conhecer, de fato, a proposta libertadora que as CEBs apresentam, segundo o chamado radical do Jovem de Nazaré. “Muitos são chamados e poucos escolhidos!”

Nas Sagradas Escrituras, precisamente no Evangelho de Marcos, capítulo 12, versículos do 41-44, nós nos deparamos com a cena da viúva que oferta duas pequenas moedas. Ela não ofertou o que lhe sobrava, mas tudo o que tinha! Não podemos exigir dos jovens mais do que eles conseguem entregar. O maior desafio da atualidade, talvez seja, de fazer com que compreendam que a entrega da vida, precisa ser livre, e que abraçar a proposta evangélica, não pode estar centrada na “espiritualidade do oba-oba”, mas em uma espiritualidade fincada sobre a rocha. É necessário fazê-los compreender que ao Dono da messe não podemos dar o que nos sobra, mas a totalidade daquilo que somos e temos.

Nos dias atuais, é necessário, abraçar como missão primordial, a apresentação das CEBs aos jovens. Eles precisam conhecê-las mais profundamente, saber como são articuladas, o que promovem, em que contexto histórico surgiram e o que podem favorecer para as necessidades do tempo presente, como nos recorda Santo Agostinho “Só amamos aquilo que conhecemos”. O apelo atual deve ser que os jovens conheçam a espiritualidade encarnada das CEBs para que mais do que estar nelas como números, sejam vidas que se doam em favor da justiça, da liberdade e da fraternidade, a partir do apelo de Jesus: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e me siga. Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 16, 24-25).

Após o 11º Encontro Intereclesial das CEBs do Brasil em Ipatinga, a presença marcante da juventude aconteceu mais oficialmente no 12º Intereclesial em Porto Velho. Os critérios de participação seguintes orientavam a inclusão de jovens nas delegações de cada regional da CNBB. E na realização do 13º interequesial em Juazeiro do Norte-CE, uma das plenárias foi dedicada com exclusividade aos jovens participantes da caminhada, presentes na Pastoral da Juventude (PJ), na Pastoral da Juventude no Meio Popular (PJMP), na Pastoral da Juventude Rural (PJR), na catequese e em outros grupos de jovens que se identificavam com a expressão eclesiológica das CEBs.

A missão jovem nas CEBs

Bem antes, já nos anos 80 e 90, a PJ desenvolveu um modelo de evangelização da juventude que se inspirava na pastoral libertadora das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. Esse modelo libertador, a partir de uma prática real, teve como fundamento os documentos do episcopado latino-americano e da CNBB.

Embora hoje não seja mais assim, é normal a preocupação e o medo de se perder tudo isso. A pastoral da juventude trabalha agora no contexto de uma multiplicidade de modelos, e está sendo desafiada a acolher o pluralismo, como valor central para a cultura contemporânea.

Há necessidade mesmo que as CEBs e PJ estejam na mesma direção, acolhendo um pluralismo sadio, capaz de captar a complexidade da realidade em que vivemos? Essa identidade eclesiológica exige sinodalidade na caminhada de uma igreja em saída: um espaço aberto ao diálogo que marca a 4ª geração das CEBs, pois os jovens têm uma característica que os diferencia dos adultos no contato com outras perspectivas e ideias que evoluem com mais facilidade.

Os encaminhamentos para o 14º Intereclesial que aconteceu em Londrina-PR (2018) e 15º Intereclesial que aconteceu em Rondonópolis-MT (2023), definiram que a participação dos jovens deveria ser incluída nas plenárias temáticas do encontro, de forma que supere o adultocentrismo e o preconceito com a juventude, valorizando-os mais nas tomadas de decisões.

No 15º Intereclesial, os jovens manifestaram os seus anseios por novos tempos nas CEBs: “Deixe-nos ser jovens, não nos impeça de lutar, pois a vida nos convida a uma missão realizar”. E a luta das juventudes é por uma convivência eclesial da fé comprometida, integrando “ecologia humana e ecologia ambiental”, em um mesmo processo socioambiental, caminhando juntos, como incentivou o

Papa Francisco e que contribua para a superação do consumismo exacerbado na busca de felicidade e validação em bens materiais, que traz como consequência problemas financeiros, impactos na saúde mental, uso excessivo de recursos naturais, poluição e produção demasiada de lixo que comprometem o bem viver na Casa Comum.

A preparação para o 16º Intereclesial, que será em Cachoeiro do Itapemirim-ES (2027) convoca as juventudes a assumir o seu papel nas CEBs, na alegria do Evangelho, a serviço do Reino. Os próprios jovens, no último encontro, se declararam “filhos das CEBs” e se convidaram para estar juntos na missão. Introduziu-se, desta forma, o surgimento da 4ª geração das CEBs em sintonia com o Projeto de Igreja sinodal e em saída para as periferias, inspirado pelo Papa Francisco.

Agora é o momento oportuno das CEBs analisarem qual deve ser o seu lugar na articulação eclesial e conhecer melhor as juventudes que a elas pertencem, partindo das experiências passadas, considerando as causas da atualidade que desafiam a igreja em sua missão de anunciar e contribuir com um mundo de paz, justiça e cuidado com a Casa Comum.

Num país que não permite à juventude viver, as CEBs precisam priorizar as juventudes, do campo e da cidade, e assumir com elas o compromisso de caminhar junto, considerando que a unidade dentro de um pluralismo sadio é uma exigência do Evangelho: “para que todos sejam um”. E, porque há diferentes juventudes, não existe apenas a PJ como pastoral oficial da igreja. Por isso, fala-se do setor juventude, onde estão inseridas a PJ, PJMP, PJR e outras organizações eclesiais como a catequese (Crisma), pastoral vocacional e a pastoral da educação, ao lado de tantas outras expressões juvenis.

Onde tudo começou?

O novo jeito de ser igreja surge com a participação dos jovens estudantes e operários da Ação Católica, que eram o braço esquerdo da Igreja Católica no seio da sociedade como apóstolos da Igreja. Seu objetivo era formar cristãos leigos para colaborar com a missão da Igreja, inicialmente, e desenvolver ações sociais nas áreas de saúde, educação, assistência social, apoio jurídico e ações comunitárias, nos anos de 1960 e 1970, com programas de combate à fome, suporte a migrantes e defesa dos direitos, sempre baseado na solidariedade e no princípio do bem comum, com o propósito de promover a dignidade humana e transformar a sociedade. Isso fez ampliar o conjunto de movimentos da Ação

Católica no Brasil, através da inclusão de setores específicos do laicato e do fortalecimento da fé religiosa, com base na Doutrina Social da Igreja.

A acelerada transformação tecnológica e social sofrida pelos jovens nos últimos dois séculos levou a uma nova consciência da dignidade daqueles que estavam à margem. Durante os anos de 1980, no Brasil e na América Latina, os movimentos da Ação Católica deram maior destaque à atuação de associações e entidades nas questões políticas e sociais, sobretudo na luta pela Reforma Agrária. As juventudes atuavam, principalmente, no meio acadêmico. O fundamento teórico deste apostolado leigo era de cunho religioso, com expressão da Teologia da Libertação, que deu origem eclesiológica às Comunidades Eclesiais de Base, afastando-se consideravelmente da referência eclesiocêntrica do Concílio Vaticano I.

E por fim...

A eclesiologia da segunda metade do século XX, segundo Roger Haight, fruto do Concílio Vaticano II, revela uma crescente consciência, numa forma de unidade que respeita a diversidade em meio à indiferença e à pluralidade. E, conforme as mesmas normas do Conselho Mundial das Igrejas, as Comunidades Eclesiais de Base repudiam qualquer ideia delas se tornarem uma estrutura eclesial: “não têm e nem pretendem ter nenhuma autoridade eclesial própria; não se baseiam em uma única eclesiologia, são ecumênicas; não relativizam nenhuma eclesiologia e nem declaram que todas são iguais”. E as CEBs, neste contexto, tornam-se células para fortalecer a vida integral e missionária da Igreja Católica, onde são muitos os jovens que se encantam e participam dessa experiência.

Os jovens começaram a se associar às CEBs de modo que elas não podiam mais agir de forma adultocêntrica, não podiam ignorar o apelo das juventudes por mais espaço nos Intereclesiais e nem, tão pouco, desconsiderar a temática do protagonismo das juventudes nas CEBs e as CEBs como lugar das juventudes. Este é um assunto a ser discutido em nossas comunidades durante a preparação do 16º Intereclesial.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. O que as CEBs podem fazer para tornarem-se conhecidas pelas juventudes?

2. Como inserir as juventudes no contexto das CEBs, tendo em vista que a atualidade exige busca de “resultados concretos e imediatos”?

Referências

BEOZZO, Jose Oscar (org.). *Curso de Verão - Ano XXI: Juventude: caminhos para outro mundo possível*. São Paulo: Paulus, 2007.

CEBs. *Texto base do 13º Intereclesial de CEBs: justiça e profecia a serviço da vida. CEBs, Romeiras do Reino no Campo e na Cidade*. Juazeiro do Norte: Diocese de Crato, 2014.

CEBs. *Texto-base do 15º Intereclesial de CEBs: CEBs – Igreja em saída na busca da vida plena para todos e todas*. Rondonópolis: Diocese de Rondonópolis-Guiratinga, 2023.

HAIGHT, Roger. *A Comunidade Cristã na História - Vol. 2: Eclesiologia comparada*. Paulinas: São Paulo, 2012.

RODRIGUES, Solange dos Santos. CEB: Lugar da juventude? Desafios e perspectivas da participação juvenil nas CEBs. In: CEBs. *Texto base do 13º Intereclesial de CEBs: justiça e profecia a serviço da vida. CEBs, Romeiras do Reino no Campo e na Cidade*. Juazeiro do Norte: Diocese de Crato, 2014.

17. Espiritualidade das CEBs na caminhada com as juventudes

Padre Joaquim Jocélio de Sousa Costa

A espiritualidade cristã consiste em viver segundo o Espírito de Jesus, fazendo a vontade do Pai. Esse viver segundo o Espírito se dá de formas diversas, conforme os dons e carismas de cada um, todos a serviço do Reino de Deus e do bem da comunidade. As CEBs têm uma forma muito própria de viver esse seguimento a Jesus na força do Espírito. Uma forma que inspira toda a Igreja, pois, como afirmou a Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín (1968), a comunidade de base é “o primeiro e fundamental núcleo eclesial... Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento” (DM 15,10).

Buscaremos, assim, refletir neste texto um pouco sobre a espiritualidade das CEBs, como ela expressa a dimensão comunitária da fé e sua caminhada com as juventudes, como expressão de uma espiritualidade que sempre renova a Igreja.

Viver segundo o Espírito de Jesus

A ideia de espiritualidade foi, tantas vezes, tomada em sentidos bem reducionistas ao longo da história da Igreja. A espiritualidade já foi identificada como oração, foi vista como uma coisa só de padres e freiras e até como uma espécie de fuga do mundo, ou seja, distanciamento das realidades comuns do dia a dia. Assim, como os padres e freiras estavam mais distantes das atividades comuns da vida, eles e elas tinham mais tempo para rezar e seriam, portanto, mais espirituais. Essa ideia distorcida, infelizmente, ainda está na cabeça de muita gente, inclusive dos jovens. Há um anseio muito grande nas juventudes de assumir autenticamente a espiritualidade cristã. Mas o que vemos é que uma parte significativa dos jovens que estão na Igreja se encanta mais por uma religiosidade desencarnada e desligada das realidades concretas da vida. Tal vivência religiosa é cheia de momentos que proporcionam algum alívio, sensação de bem-estar, choro, conforto, acompanhados de orações prolongadas, mas sem o compromisso real com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sinal do Reino de Deus.

Na verdade, a espiritualidade é “uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho. Uma maneira precisa de viver ‘diante do Senhor’ em solidariedade com todos os seres humanos, ‘com o Senhor’ e diante deles”, como afirmou o teólogo Gustavo Gutiérrez (2000, p. 260). Justamente por isso, “a espiritualidade não se restringe aos aspectos chamados religiosos: a oração, o culto” (p. 109). A oração é parte importante da espiritualidade cristã, mas não é toda a espiritualidade. Esta está ligada à ação do Espírito que agiu fundamentalmente em Jesus de Nazaré. A Escritura atesta isso em muitos momentos: “...Deus ungiu com Espírito Santo e poder Jesus de Nazaré, que passou fazendo o bem...” (At 10,38); “Jesus, pleno do Espírito Santo, retirou-se do Jordão e era conduzido pelo Espírito através do deserto” (Lc 4,1); “Com o poder do Espírito, Jesus voltou para a Galileia” (Lc 4,14). Jesus caminhava guiado pelo Espírito Santo e prometeu que a vinda desse Espírito sobre os seus seria uma recordação da sua própria vida e ensinamentos: “vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26), pois “não falará por si mesmo, mas falará quanto ouviu e vos anunciará as coisas que estão por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vos anunciará” (Jo 15,13.14).

Assim, “se o Espírito de Jesus se manifestou no modo concreto como ele viveu, só na medida em que o seguimos, isto é, em que vivemos como ele viveu, em que reproduzimos/atualizamos seu modo de vida (seguimento), podemos afirmar que vivemos segundo seu Espírito (espiritualidade)... De modo que espiritualidade cristã nada mais é do que o seguimento a Jesus Cristo”. Assim nos diz o teólogo Francisco Aquino Junior, em seu livro *Viver Segundo o Espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento* (p. 37). Portanto, espiritualidade não é fuga das realidades cotidianas da vida, nem é apenas oração, mas se trata de viver cada realidade seguindo os passos de Jesus, amando como ele amou.

O Papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Laudato Si'* (n. 216), nos dissera que “a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia”. Então sim, a oração é importante para discernir a voz do Senhor e viver segundo seu Espírito. Nesse sentido, espiritualidade e santidade se identificam, pois ser santo é viver segundo o Espírito, é seguir os passos de Jesus. E já o Concílio Vaticano II na sua Constituição sobre a natureza da Igreja recordava que a santidade é para todos e acontece no dia a dia: “todos os fiéis cristãos santificam-se cada dia na sua condição de vida, nas circunstâncias concretas em que vivem e no exercício de sua profissão” (LG 41).

Esse é o chão das CEBs, essa é sua fonte: A vida segundo o Espírito, seguindo os passos de Jesus de Nazaré na construção do Reino de Deus. A espiritualidade

das CEBs não é outra que a espiritualidade cristã, ou seja, buscar viver o amor de Jesus no concreto da vida, formando uma comunidade de irmãos e irmãs que vivem a fraternidade e a solidariedade, que rezam e lutam por um mundo melhor, como Deus quer. É verdade que muitos acusam as CEBs de não ter espiritualidade, mas isso não passa de um desconhecimento do que seja espiritualidade e do que são as CEBs. A vivência nas comunidades eclesiais de base revela o sabor do Evangelho orientando toda a vida. A acolhida das diferenças, o protagonismo dos leigos, especialmente das mulheres, a força da solidariedade, o senso de justiça, as orações e celebrações inculturadas e assumidas com intensidade, a diversidade de dons e ministérios, o compromisso com os pobres... Tudo isso mostra o Espírito agindo e como vamos, a cada dia, assumindo o jeito de Jesus de Nazaré. Mas cabe aprofundar um dos aspectos fundamentais da espiritualidade cristã vivida nas CEBs: sua dimensão comunitária.

O Espírito cria Comunidade

Jesus chamou discípulos para estar com ele (Cf. Lc 5,1-11; 8,1-3; Mc 3,13-19), para formar uma comunidade de irmãos e irmãs que seguissem com seus ensinamentos e o projeto do Reino de Deus. Isso expressa que a fé cristã tem uma dimensão pessoal, mas também comunitária. Ela é pessoal porque exige a adesão de cada pessoa que, por sua vez, é única. Mas não é individualista, a fé não está isolada. A fé se recebe da comunidade e só se vive plenamente na comunidade, com todos os desafios, qualidades e defeitos dela. E é o Espírito Santo que gera a comunidade. Texto significativo é a cena de Pentecostes (Cf. At 2,1-12). O Espírito vem sobre a comunidade reunida e a impulsiona na missão para seguir nos passos de Jesus, fazendo a vontade do Pai. Tanto que muitos dizem que o livro Atos dos Apóstolos poderia se chamar Atos do Espírito, já que o verdadeiro protagonista da história da Igreja é o Espírito Santo e, neste livro bíblico, é quem age guiando toda a missão.

Isso não significa tirar o protagonismo de cada membro do povo de Deus, mas trata-se de perceber que só quando deixamos o Espírito agir em nós e só quando nos deixamos guiar por ele é que podemos ser uma verdadeira comunidade de fé. A espiritualidade não se vive só. Apenas em comunidade podemos verdadeiramente assumir o jeito de Jesus, assumir o seguimento. Por isso, as CEBs são espaço fundamental da espiritualidade cristã. Como diz aquele canto conhecido e bonito da irmã Míria Kolling e do padre Lúcio Floro: “só quando vivemos unidos, é que o Espírito Santo nos vem”.

Mas estamos vivendo uma crise muito grande quanto à comunidade.

Estamos numa sociedade regida pelo sistema econômico neoliberal que preza pelo lucro acima de tudo. As pessoas são chamadas a competir e superar-se umas às outras. O individualismo é pregado e assumido. Assim, as relações comunitárias vão se esfarelando. As redes digitais, que têm um papel enorme para unir, acabam sendo também ocasião de desunião. Essa crise também toca a fé. Muitos não frequentam mais os momentos de oração em comunidade porque já têm dezenas de pregadores no celular para ensiná-los a rezar. Os momentos comuns são, geralmente, eventos que até juntam multidões, mas sem laços entre si. São milhares de individualismos juntos num lugar. Não há comunidade!

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 incentivavam o fortalecimento e a criação de pequenas comunidades. No fundo, é uma forma de dizer que só a partir das bases, dos pequenos grupos, podemos assumir a fé com profundidade, porque formamos laços de fraternidade que não se podem criar com multidões. Eventos são importantes para animar a fé, mas são pontuais. O “feijão com arroz”, ou seja, aquilo que é fundamental e é do dia a dia da Igreja, é a pequena comunidade.

As CEBs foram espaço para o surgimento e fortalecimento dos diversos carismas e serviços, especialmente, aqueles assumidos pelas juventudes. Nas comunidades eclesiais de base, os jovens sentem o acolhimento e ardor profético de ser a mudança que querem ver no mundo. São impelidos a ser sal da terra e luz do mundo (Cf. Mt 5,13-16), a darem o sabor do Evangelho a esse mundo inosso. Mas hoje, os jovens correm o risco de se afastar da comunidade, pois estão sujeitos às mesmas tentações de outros agentes de pastoral. O Papa Francisco já alertou, na *Evangelii Gaudium* (EG), sobre a crise que vive a comunidade. “Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. Porque, assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por ecrãs e sistemas que se podem acender e apagar à vontade” (EG 88).

O Papa alerta para uma tendência que visa “encontrar na religião uma forma de consumismo espiritual à medida do próprio individualismo doentio”. Por isso, “mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89). Francisco denuncia que “cresce o apreço por várias formas de ‘espiritualidade do bem-estar’ sem comunidade; por uma ‘teologia da prosperidade’

sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista” (EG 90). Uma espiritualidade que não é comunitária também não pode ser cristã.

As CEBs muito ajudaram os jovens a assumir sua missão com os pés bem fincados na comunidade e ainda têm muito a contribuir nesse sentido. As CEBs proporcionaram aos jovens viver sua fé a partir de seus diversos dons, mas sempre visando a construção do Reino em comunidade. Observamos hoje os jovens em pastorais e ministérios diversos: catequese, pastoral da comunicação (Pascom), coroinhas, grupos de canto, pastorais da juventude (PJ). Contudo, correm o risco de ficarem isolados em seus grupos. É preciso estarem mais envolvidos na vida da comunidade: momentos celebrativos comuns, não apenas quando seu grupo vai servir; visitas aos doentes, idosos e necessitados; envolvimento na reflexão e reivindicações por melhores condições para o povo; participação nos círculos bíblicos; momentos formativos etc. A juventude tem um potencial que anima toda a Igreja. Por isso, ela não pode se acanhar nem se isolar. Unidos a tantos irmãos e irmãs mais velhos, vão construindo uma comunidade profética a serviço do Reino, com um rosto sempre jovem e evangélico.

O Espírito sempre rejuvenesce a Igreja

A Conferência de Medellín afirmou que “a juventude é um símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma, ou seja, a um constante rejuvenescimento” (DM 5,12). Os jovens mostram a Igreja que ela precisa constantemente se renovar para ser sempre mais fiel ao Evangelho. E os jovens não só são sinais que apontam para essa perene renovação, são também sujeitos da mesma. Pois, em muitos, pulsa um instinto de fé que provoca renovação. “A atitude religiosa da juventude se caracteriza por recusar uma imagem de Deus que, às vezes, lhe tem sido apresentada, e pela busca de autênticos valores evangélicos” (DM 5,4).

Não convence aos jovens a imagem idolátrica, tantas vezes transmitida nas pregações, de um deus patrão severo que tudo vigia, que está pronto para punir, que discrimina e é indiferente às dores do mundo. Além disso, “os jovens rejeitam as organizações demasiado institucionalizadas, as estruturas rígidas e as formas de agrupamentos massificados” (DM 5,6). Por isso, o Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Christus Vivit* (n. 41), afirmou que os “jovens reclamam uma Igreja que escute mais, que não passe o tempo a condenar o mundo”. Além disso, “não querem ver uma Igreja calada e tímida, mas tampouco desejam que esteja sempre em guerra por dois ou três assuntos que a obcecaram. Para ser credível aos olhos dos jovens,

precisa às vezes de recuperar a humildade e simplesmente ouvir, reconhecer, no que os outros dizem, alguma luz que a pode ajudar a descobrir melhor o Evangelho. Uma Igreja na defensiva, que perde a humildade, que deixa de escutar, que não permite ser questionada, perde a juventude e transforma-se num museu”.

As juventudes têm um grande potencial profético e renovador. Assumindo a riqueza dos mais velhos e de tantas testemunhas da caminhada (Cf. Hb 12,1), elas têm muito a contribuir com seu ardor e criatividade. Nesse tempo de renovação sinodal, elas podem ajudar muito na construção de uma Igreja pobre para os pobres, onde todos caminham juntos, servindo como iguais na construção do Reino de Deus, fazendo um mundo mais justo e fraterno como Deus quer. Contudo, não podemos negar que muitos jovens vivem uma fé rígida, presos a normas ultrapassadas que dão falsas seguranças. O Papa Francisco já denunciou esse tipo de cristão que “só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado” (EG 94).

Os/as jovens, a partir das CEBs, isto é, inseridos/as nas pequenas comunidades, são chamados/as a renovar a Igreja. Afinal, como recordou o Sínodo, “as pequenas comunidades cristãs ou as comunidades eclesiais de base são o terreno onde podem florescer relações intensas de proximidade e reciprocidade, oferecendo a ocasião de viver concretamente a sinodalidade” (n. 117). E essa renovação, os jovens farão não se trancando nas sacristias, em suas pastorais ou ministérios, por mais importantes que sejam, mas, a partir delas, são chamados à luta pela justiça do Reino, servindo sobretudo aos mais necessitados. Pois como lembrou o Papa Leão XIV, em sua “Exortação Apostólica *Dilexi te* – sobre o Amor para com os Pobres”: “toda a renovação eclesial sempre teve entre as suas prioridades esta atenção preferencial pelos pobres” (DT 103). Por isso, “se não quisermos sair da corrente viva da Igreja que brota do Evangelho e fecunda cada momento histórico, não podemos esquecer os pobres” (DT 15).

Que nossos jovens ajudem a Igreja a se renovar a partir do Evangelho, deixando-se guiar pelo Espírito para levar a Boa Nova aos pobres e a libertação aos oprimidos (Cf. Lc 4,18). Que os jovens nos ajudem a ser comunidade profética, construtora do Reino de Deus!

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Como nossas comunidades e podem viver na prática a espiritualidade?

2. Quais exemplos concretos podemos dar sobre o potencial profético e renovador das juventudes?
- 3.

Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *Viver Segundo o Espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento*. São Paulo: Paulinas, 2014.

CELAM. *Conferência de Medellín. Documentos da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* (DM). 1968. Disponível em https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf Acesso em 28/11/2025.

CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. *Documentos da CNBB* (109). Brasília, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* – Constituição Dogmática sobre a Igreja. 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em 28/11/25.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: Perspectivas*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium* – Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 28/11/25.

PAPA FRANCISCO. *Laudato Si'*. *Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum*. Libreria Editrice Vaticana. 24 de maio de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html Acesso em 25 nov. 2025.

PAPA FRANCISCO. *Christus Vivit* – Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre os jovens e o discernimento vocacional. Vaticano, 25 mar. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html Acesso em 28/11/25.

PAPA LEÃO XIV. *Dilexi te* – Exortação Apostólica sobre o Amor para com os Pobres. Vaticano, 4 out. 2025. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulus, 2025. Também disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html Acesso em: 15 nov. 2025.



AGIR

“Converter-se com as juventudes,
co(mover)-se com as juventudes”



18. Juventudes como potencial transformador: esperanças que emergem da vida e das experiências juvenis

Vanessa Araújo Correia

As juventudes de hoje respondem a uma situação histórica distinta daquela enfrentada por gerações anteriores, buscando situar-se diante dos problemas emergentes. Muitos desses problemas são inéditos e não encontram paralelo na experiência de seus pais, mães e avós. Por isso, comparar suas formas de ser, agir e participar com as gerações anteriores somente produziria explicações estereotipadas e distantes da realidade. As expectativas sociais sobre como deveriam ser os/as jovens dizem respeito às nostalgias adultas, mas nem sempre nos ajudam a nos mover em um mundo em constante transformação.

Diante disso, cabe-nos perguntar: quais as respostas produzidas pelos/as jovens diante dos problemas históricos colocados para sua geração? Elas são capazes de produzir esperança em um cenário global de drásticas mudanças climáticas, crises democráticas, profundos avanços tecnológicos, novos (e velhos) conflitos geopolíticos? Podem ensinar algo para os/as adultos/as?

Há décadas, pesquisas identificam que, especialmente entre os/as jovens, acentua-se o enfraquecimento do sentido geral da política, a crise de legitimidade das instituições e a percepção de ineficiência das democracias liberais em assegurar condições mínimas de justiça social. Esse cenário, já amplamente diagnosticado, abre espaço para a ascensão de discursos e práticas reacionárias e autoritárias que se aproveitam das frustrações acumuladas no campo democrático.

Pesquisa recente realizada por Esther Solano e Camila Rocha (2022) com jovens do México, Colômbia, Brasil e Argentina revelou que, embora a maioria defenda a democracia, eles/as se sentem desconectados/as das instituições democráticas. Significa que os/as jovens não se sentem representados/as por elas, nem se sentem à vontade para defendê-las, além de manifestarem profundo descrédito em relação ao sistema representativo tradicional.

O mesmo estudo mostrou que os/as jovens se informam sobre política principalmente via redes sociais, por meio da opinião de influenciadores digitais. Isso leva muitos deles/as a perceber a política como conflito, como é típico do ecossistema das redes digitais, em vez de canal de busca de soluções intermediárias e construção de consensos possíveis.

Outro estudo sobre as juventudes na América Latina e no Caribe (Guaraná,

Macedo e Habermann, 2025) revelou que, apesar da insatisfação com a situação econômica e da desconfiança das instituições políticas tradicionais, as juventudes brasileiras acreditam na importância da democracia, das políticas sociais e dos direitos humanos. No entanto, socializados num contexto de guerras culturais, uma parcela significativa de jovens defende modelos conservadores em temas como família, endurecimento penal e privatizações em áreas estratégicas.

Esses dados revelam que os/as jovens não estão à margem de uma experiência social mais ampla. Suas ideias e práticas refletem as mesmas tensões que atravessam a sociedade como um todo. Sendo assim, tentativas de naturalizar sua atuação, em busca de um “modo jovem” universal de agir, são insuficientes para identificar os fatores transformadores presentes nas formas de organização e intervenção social de jovens. Os movimentos juvenis contemporâneos devem ser vistos como produtos de um momento histórico particular, expressando aspirações próprias dos dilemas vividos por essa geração e dos valores e instituições que ela problematiza.

No entanto, a juventude não é apenas uma etapa para a continuidade social. Sua posição social marcada pela semidependência e pela ausência de referenciais normativos arraigados, os/as tornam menos resistentes às mudanças. Como observa Luis Antônio Groppo (2015), os/as jovens estabelecem com a realidade uma relação mais experimental, menos rigidamente condicionada pelos códigos e expectativas que regem o mundo adulto. Ao mesmo tempo, por serem ingressantes em uma ordem estabelecida, eles/as estão mais expostos às contradições estruturais da sociedade, como o desemprego, a violência, a precarização, o aumento do custo de vida e diversas desigualdades. É nessa abertura ao novo e, ao mesmo tempo, nessa integração parcial e precária, que se inscreve a força transformadora das juventudes.

A atuação sociopolítica de jovens

O grande marco histórico da participação política de jovens, no Brasil, é o período de 1960 a 1970, com destaque para o movimento estudantil, que se engajou na luta pela abertura democrática, e para o movimento de contracultura. A atuação da juventude dessa época foi idealizada como o grau máximo de envolvimento juvenil na transformação da sociedade e, ainda hoje, é vista com nostalgia pelos atores políticos que se queixam das gerações posteriores como apolíticas. Os grupos e movimentos que surgiram depois dessa época, no Brasil, tiveram pouca credibilidade nos espaços tradicionais de participação política, acusados de terem

permanecido no “individualismo, no pragmatismo, no hedonismo, na indiferença às questões coletivas e à história da sociedade”, como indicou Helena Wendel Abramo (1996, p. 11).

Filhos e filhas de outro tempo histórico que não o da ditadura militar, a partir do final dos anos 1980, os chamados novos movimentos juvenis desafiaram as instituições políticas tradicionais e povoaram o país de diferentes agrupamentos associados “à formação de *tribos* (bandos, estilos, subculturas, culturas), ligadas a determinados estilos musicais e modos espetaculares de aparecimento” (idem, p. 43). Na virada do milênio, a emergência de novas formas de participação continuaram a ser compreendidas em contraste aos movimentos da década de 1960/1970. Estes movimentos emergentes produziram novas formas de participar, por meio da cultura, do engajamento socioambiental, das múltiplas identidades e pertencimentos; reinventaram táticas conhecidas, como manifestação de rua e ocupações, dando a elas novo sentido político.

Os acontecimentos de junho de 2013 foram impulsionados justamente por essa outra gramática de atuação social, trazendo para o centro do debate a crise do sistema representativo, a retomada das modalidades de ação direta, a reivindicação de novos canais de intermediação entre sociedade civil e governos, a retomada das ruas como campo de disputas. Tanto junho de 2013 quanto as ocupações das escolas ocorridas entre 2015 e 2016, confirmam o que ativistas e pesquisadores/as do tema indicavam: os/as jovens não rejeitam a política, mas a reinventam.

Ao se observar algumas das principais ou mais visíveis mobilizações populares na contemporaneidade, encontramos a juventude em evidência. Em 2025, o mundo, em especial o Sul Global, testemunhou uma onda de revoltas protagonizadas por jovens. Se por um lado, os métodos podem ser considerados novos, principalmente por meio de mobilização e exposição de políticos nas redes sociais, as demandas são antigas e revelam patamares cada vez maiores de precarização da vida dos jovens.

No Nepal, grandes protestos liderados por jovens denunciaram a corrupção, bloqueio de redes sociais e privilégios escandalosos das elites, obrigando a renúncia presidencial e a convocação de novas eleições parlamentares. Em Marrocos, os/as jovens foram às ruas contra os gastos com a Copa do Mundo e pediram mais investimentos em saúde e educação. Em Madagascar, os protestos de jovens foram desencadeados por cortes frequentes de energia elétrica e falta de água. No Quênia, jovens protestaram contra um projeto de lei orçamentária

que previa aumento de impostos em itens essenciais para pagar a dívida do país e também contra a brutalidade policial. Na Peru, realizaram protestos contra a reforma da previdência. Também houve protestos nas Filipinas, na Indonésia e no Timor Leste.

Esses protestos apresentam pontos em comum, que refletem o sentimento geracional de frustração com os governantes, a desigualdade social, o aumento do custo de vida e os privilégios da classe política e das elites. Além disso, o formato e as estratégias são convergentes: o uso das redes sociais para mobilização; um senso pragmático: ao mesmo tempo em que focam em mudanças estruturais, direcionam sua ação para resoluções imediatas e pontuais; a não organização para disputar poder institucional.

Além dos protestos, as transformações provocadas pelas juventudes ocorrem de forma difusa, por vezes modesta, como a criação de redes e coletivos ambientais, feministas e antirracistas. As estratégias e métodos de atuação são variados e refletem criatividade, urgência e capacidade adaptativa: manifestações de rua, atos públicos e marchas, ocupações de prédios públicos, intervenções culturais e performáticas, campanhas virtuais, boicotes etc.

Ao extrapolarem a política institucional, os/as jovens ativistas disputam o próprio sentido de ação política, experimentando linguagens, práticas e formas organizativas que desafiam as formas tradicionais. No entanto, é importante evitar a tentação de essencializar essas práticas. Seu potencial transformador depende do grau de politização que conseguem produzir, evitando capturas por discursos reacionários e estratégias autoritárias que buscam fragilizar as democracias e instrumentalizar a insatisfação popular. O seu potencial transformador não está garantido de antemão, ele se realiza na disputa cotidiana pela conscientização política capaz de resistir a autoritarismos e retrocessos.

E o que dizer sobre a esperança?

Voltando às perguntas iniciais: quais respostas os/as jovens estão formulando diante dos problemas históricos que se colocam para a sua geração? Algumas de suas respostas expressam desencanto e afastamento, mas outras carregam criatividade e disposição para criar novas formas de ação coletiva. Tudo, no entanto, está constantemente em disputa e aberto à interpretações.

Essas respostas podem produzir esperança? Sim, mas eles/as oferecem uma esperança para se orientar no presente, não apenas no futuro. Constroem uma esperança prática e pragmática, como modo de vida, que nasce da urgência por

dignidade em um mundo precarizado.

As juventudes podem ensinar algo aos/às adultos/as? Já estão ensinando, ao questionarem as lógicas desgastadas da política institucional, ao denunciarem as variadas formas de precarização da vida e questionarem privilégios. As pautas e as formas de organização juvenis estão constantemente questionando as certezas do mundo adulto e ampliando nossa capacidade de indignação e de imaginar respostas novas para os problemas novos e os velhos.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Como as nossas comunidades podem agir concretamente para fortalecer as lutas, os sonhos e as práticas das juventudes hoje, numa perspectiva democrática e libertadora?
2. Como transformar os sinais de esperança dados pelas juventudes, tanto das igrejas quanto da sociedade, em ações concretas de fortalecimento da vida e da fé?

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1996.

CASTRO, Elisa Guaraná de; MACEDO, Severine; PEREZ, Olivia Cristina; HABERMANN, Willian. Juventudes: Um Desafio Pendente - Uma análise sobre democracia, participação e posicionamento político das juventudes no Brasil *In: Juventudes: Signatura Pendiente - Encuesta sobre participación y actitudes políticas de las juventudes en América Latina y el Caribe*. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung (FES), 2025.

GROPPO, Luís Antonio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul. 2015.

SOLANO, Esther; ROCHA, Camila. Juventudes e democracias na América Latina. Luminare, s.l., 2002.

19. Os movimentos pedagógicos e a missão com a juventude!

Padre Maicon A. Malacarne

A pedagogia que nos mobiliza

Há duas marcas distintivas de Jesus de Nazaré: a hospitalidade e a sensibilidade pela vida. Trata-se da santidade de Cristo, marcada pela abertura ao outro que não deixa de ter um traço escatológico. De fato, quando olhamos para Jesus, a partir dos escritos do Novo Testamento, conseguimos perceber que a centralidade de toda a sua atuação está na pessoa. O coração da pedagogia cristã é o ser humano, com toda a sua grandeza e complexidade.

Jesus se preocupou mais em fazer itinerários do que formular respostas acabadas. Era o Mestre do caminho, peregrino das estradas. Um dos contos de Hassidim, da tradição judaica, registra a anedota: “Se eu fosse ao mestre, não seria para aprender noções ou ideias, mas para ver como ele calça suas sandálias e como ele as solta”. Bonita a imagem das sandálias que nos envolve na espiritualidade de Jesus Cristo e ao seu estilo de vida!

Se a pedagogia de Jesus colocou no centro a pessoa, o seu contexto e a sua história, a pedagogia da Pastoral da Juventude, amadurecida no decorrer dos anos, concentrou a sua preocupação no jovem como sujeito da ação evangelizadora e no grupo de jovens como forma prioritária de organização. No documento *Civilização do Amor: Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-Americana*, dentro do chamado *Marco Operacional*, encontramos os Movimentos pedagógicos da missão no mundo dos jovens que são destacados a partir de cinco verbos: fascinar, aproximar, escutar, discernir e converter. Esse texto irá retomar cada um desses passos, em vista de inspirar e iluminar as Comunidades Eclesiais de Base, no desafio de *caminhar com as juventudes na alegria do evangelho e a serviço do Reino*.

Fascinar-se pela juventude

O fascínio está ligado à força de atração, ao brilho nos olhos, ao encantamento. No alto da montanha, Pedro Tiago e João, depois de contemplar Jesus sendo transfigurado e ao seu lado, Moisés e Elias, disseram: “*é bom estarmos aqui*” (Lc 9,33). O fascínio movimenta os sentidos, deslumbra na grandiosidade que assombra e na pequenez dos detalhes. De fato, recordava o poeta Manoel de Barros: “*mesmo as latas vazias podem servir para o milagre das flores*”.

Para nós, está em jogo o fascinar-se pela juventude. A juventude precisa nos mobilizar integralmente e provocar brilho nos olhos. Não pode permanecer uma categoria social racional e distante. A voz dos discípulos, no monte da Transfiguração, precisa ser a nossa voz e o nosso estilo evangelizador: “*é bom estar com os jovens*”, “*é bom permanecer com os jovens*”. O fascínio é passo fundamental para que outros possam vir, no “*descer a montanha*” da vida e da missão. Não se trata de um movimento automático ou mesmo linear. Pode ser que o fascínio brote mais tarde, depois de estar próximo, de escutar, de discernir. Para que a pedagogia possa “*arder*” o coração, no entanto, é preciso fascinar-se.

Na *Civilização do amor*, se afirma que fascinar-se pela juventude significa “*descobrir seu rosto e seu mundo, e sair ao seu encontro*”. Não há outra forma. Trata-se de “*se deixar encantar*”, um movimento missionário que exige conversão do coração e dos comportamentos, porque os jovens têm o dom de instigar e questionar, com a palavra e o silêncio.

O desafio que se coloca para toda a Igreja e para cada comunidade eclesial é alcançar o coração dos jovens e partilhar a vida, o cotidiano, as alegrias e as dificuldades, as lágrimas e os sorrisos. Uma boa reflexão, um bom documento, uma análise detalhada, uma fotografia, pode ser um instrumento que desperta o encanto, mas nunca substituirá o significado da presença.

Aproximar-se da juventude

Aproximar-se é dar razão para o encantamento. O fascínio é fundamental, mas ele precisa estar sempre em movimento, dar razão ao próprio fascínio. Aproximar-se significa estar com os jovens onde eles estão e conhecer a sua cultura. De fato, o *Civilização do Amor* destaca esses dois verbos: estar e conhecer! Ao aproximar-se, reconhecemos e valorizamos os sinais de vida na pluralidade das manifestações juvenis.

Depois de ensinar no chamado Sermão da Montanha, Jesus desceu do monte (Mt 8,1). O verbo “descer” é fundamental para compreender a missão de Jesus. Descer está ligado com viver o real da vida, tocar a história com os pés. Aproximar-se é um contínuo e urgente “descer”. Assim que “desceu”, um leproso se aproximou de Jesus e se ajoelhou diante dele (Mt 8,2). É muito interessante: Jesus desceu e o leproso ajoelhou-se! O movimento é o mesmo! Jesus participava da condição mais concreta da vida das pessoas. A aproximação exige participar da vida. O objetivo de tal movimento, para Jesus, era ajudar a levantar: “eu quero, fica curado!” (Mt 8,3). Na aproximação há uma transformação de quem se aproxima e de quem sente a sua vida cuidada e valorizada.

A aproximação é sempre uma mão que se estende. É uma presença. O filósofo e professor espanhol Josep Maria Esquirol, em um livro chamado *Resistência íntima*, fala de um “*materialismo das mãos que tocam*”, ou seja, da concretude que a aproximação pode gerar na medida que forja uma vida nova. Como seres de natureza relacional, precisamos de “mãos” próximas, que toquem o real da vida. Esquirol traduziu a resistência em forma de amparo e cuidado. Esse é o mapa para pensarmos a aproximação com a juventude.

Escutar a juventude

Uma das formas de reconhecimento do bom pastor com as ovelhas é que elas “*escutam a sua voz*” (Jo 10,3). Ao contrário, diante de um desconhecido, elas fogem, tem medo, porque “*não conhecem a voz*” (Jo 10,5). Uma relação exige o intercâmbio da escuta. Escutar exige criar uma sintonia, exige disposição porque não se escuta só com os ouvidos, se escuta com tudo aquilo que somos. Na sua Regra, São Bento convida os monges: “*abre os ouvidos do teu coração*”.

Dietrich Bonhoeffer, teólogo e pastor luterano que resistiu fortemente ao nazismo de que, mais tarde, foi vítima, escreveu no seu livro *Vida em Comunhão*: “o primeiro serviço que devemos ao próximo é escutá-lo. Assim como o amor de Deus começa com a escuta da sua Palavra, o começo do amor pelo irmão está em aprender a ouvi-lo. Quem não sabe ouvir o irmão, em breve não saberá mais ouvir a Deus. Mesmo diante de Deus, sempre será ele quem falará”. Escutar é um serviço de amor!

Não se pode amar os jovens ou pensar uma ação evangelizadora que não reserve espaços sérios de escuta. *Civilização do Amor* afirma que é necessário “*prestar atenção ao que falam, àquilo a respeito de que falam, a como falam*”. Entrar no dialeto dos jovens, nas nuances das suas línguas, compreender o conteúdo, o espírito, as intencionalidades daquilo que expressam é missão de quem se coloca à serviço da escuta.

Discernir com a juventude

A evangelização da juventude não pode se reduzir a repetir slogans e levantar bandeiras, por mais que existam momentos importantes para isso. Um sério discernimento é sempre fundamental. O saudoso Papa Francisco, incansável promotor da sinodalidade, não cansava de expressar o seu desejo por processos de discernimento pessoal e comunitário. A imagem das mesas redondas com pessoas dialogando traduz o mapa da reflexão compartilhada, da busca por aprofundamento e tomada de decisões.

O ponto de partida do discernimento é a realidade que, iluminada pela Palavra de Deus e com o compromisso dos agentes envolvidos pode se tornar oportunidade fecunda de decisões. A *Civilização do Amor* fala de “desentranhar”, ou seja, tirar de dentro, “*separar, avaliar e interpretar os apelos dos jovens a partir das suas realidades*”. Discernir em comunidade, no caso, com os jovens, significa despir-se das seguranças que carregamos e abrir espaço para a novidade que o Evangelho é capaz de gerar em nós. Essa abertura é condição de possibilidade para um discernimento coerente.

No caminho para Jerusalém, no Evangelho de Lucas, um dos ensinamentos de Jesus diz algo fundamental sobre o discernimento: “quando vedes uma nuvem vinda do ocidente, logo dizeis que vem chuva. E assim acontece. Quando sentis soprar o vento do sul, logo dizeis que vai fazer calor. E assim acontece” (Lc 12,54-55). O ponto de partida de Jesus é a sabedoria originária dos sinais da natureza: sol, chuva, lua, nuvens... Cada tradição leu esses sinais e os compreendeu dentro dos seus pontos de referência. O passo seguinte é discernir estes mesmos sinais para além da natureza! Jesus falou em “interpretar o tempo presente” (Lc 12,56).

Também no que diz respeito à juventude, novas categorias e novas realidades se apresentam e elas precisam ser consideradas no discernimento. Pensemos na Inteligência Artificial, na neurociência, nos desafios da saúde mental... Discernir o tempo presente é aprofundar bem as coisas para tentar distingui-las! Isso certamente não é linear e tudo tende a sempre retornar com outros rostos e com outras roupagens. O aprofundamento deve levar a compreender não os fatos isolados, mas a complexidade do que está em torno dos fatos e escondido “atrás” deles!

Converter-se com a juventude

O processo de conversão é fruto do discernimento e nos leva a mover-se (e comover-se) em direção aos jovens, na consciência que a vida da juventude é terra de discipulado e de missão. A conversão exige entregar a vida, doar-se totalmente, priorizar diante do emaranhado de desafios que temos. Não pode haver a *Civilização do Amor*, de que somos chamados a construir com os jovens, sem esse espírito permanente de conversão. A conversão é um aprendizado; não é um momento mágico, não é um ponto isolado da nossa história.

No evangelho de Mateus, depois de passar pelas tentações do deserto, Jesus disse: “*convertam-se porque o Reino de Deus está próximo*” (Mt 4,17). A conversão anunciada por Jesus diz respeito a uma mudança profunda porque inaugura em nós um novo olhar, uma capacidade de ver o que está além de nós, de

alcançar o que está escondido. O convite de Jesus é um programa de vida porque a conversão deve ser em vista do Reino de Deus e converter-se com as juventudes é tomar consciência, com elas e a partir delas, que o Reino de Deus já está no meio de nós e exige o nosso compromisso.

Converter-se aos jovens significa olhar com eles para a realidade e o que está para além da realidade, participar das suas alegrias e compreender os seus silêncios, abraçar e não dizer nada. Trata-se de maturidade, de sabedoria e de paciência. Converter-se é transformar internamente aquilo que somos e que fazemos, trabalhar os silêncios, as partes escondidas e obscuras, punitivas e viciadas que carregamos. Converter-se é um caminho que todo seguidor de Jesus precisa, sempre de novo, fazer.

Os movimentos pedagógicos e as CEBs

À luz dos movimentos pedagógicos da missão no mundo dos jovens, refletidos pela *Civilização do amor*, o desafio agora é pensar em como as Comunidades Eclesiais de Base podem buscar fundamentos para *caminhar com as juventudes na alegria do evangelho e a serviço do Reino*. Gostaria de compartilhar alguns pontos que penso serem fundamentais para alcançar, ao menos em pequenos passos, essa missão.

- a) Antes de tudo, é preciso ter jovens em nossos espaços. A presença é um imperativo. A juventude não pode ser uma teoria ou uma ideia. Fascinar-se, aproximar-se, escutar, discernir e converter não podem correr o risco de permanecer palavras bonitas e poesias emotivas. Elas só fazem sentido quando os jovens fazem parte do ser Igreja, do ser comunidade.
- b) Uma comunidade sem jovens é uma comunidade sem identidade. Não é só o futuro que está ameaçado, é o presente que se perdeu. E não é culpa dos jovens, mas culpa do nosso fechamento. Sempre é oportunidade de abrir de novos as portas, sobretudo, abrir de novo os olhos, os ouvidos, o coração e estender as mãos na direção dos jovens para fazer um caminho novo.
- c) Se a presença dos jovens é uma urgência, tal presença não pode ser só simbólica. Os jovens precisam se tornar protagonistas no interior das CEBs, participando dos diferentes espaços de organização e de decisão, contribuindo no discernimento de todas as questões.
- d) Em um mundo hiperconectado e com tantas formas de comunicação à distância, as Comunidades Eclesiais podem oferecer espaços

concretos para acolher os jovens, escutar as suas histórias, suas dores, suas marcas e compartilhar a saudável e sagrada convivência que só uma Comunidade Eclesial pode oferecer.

- e) À medida que estamos com os jovens, participamos também das suas necessidades fundamentais e, sem dúvida, uma delas é a garantia dos seus direitos. As CEBs podem contribuir nos espaços públicos em que estão inseridas para garantir o olhar aos jovens, a fim de garantir políticas públicas voltadas fundamentalmente a essa categoria.
- f) A espiritualidade das CEBs é muito fecunda, alegre, poética e carrega a marca juvenil. Não perder essa dimensão festiva significa cultivar uma mística juvenil capaz de reconciliar a fé e a vida e celebrá-la na Eucaristia de cada dia.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços):

1. Como as nossas comunidades podem contribuir concretamente nos espaços públicos em que elas estão inseridas para reforçar as lutas e os sonhos das juventudes em torno de políticas de justiça, cidadania e dignidade humana?
2. Quais são os exemplos de uma *Civilização do amor* vividos na prática por vocês e por outras pessoas e grupos?

Referências

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
CELAM. *Civilização do Amor: Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-Americana*. Disponível em: <https://pj.org.br/civilizacao-do-amor/> Acesso em 1/12/2025.

ESQUIROL, Josep Maria. *Resistência íntima: ensaio de uma filosofia da proximidade*. Lisboa: Edições 70, 2020.

20. “Partam para a Galileia, lá vocês me verão” (Mt 28,10)

Victor Paiva, ofs

A vida da comunidade cristã é sempre feita de partidas e encontros. Cada um e cada uma de nós tem algo a dizer sobre os encontros que a vida na comunidade de base nos possibilitou. Quanta vida partilhada! Quantos ombros amigos! Quantos companheiros no caminho!

Esses encontros de fraternidade e de amizade só foram possíveis porque saímos de nossas casas e nos colocamos a caminho. Só foram possíveis porque partimos para encontrar as pessoas. Assim, a comunidade de fé nasce, e só assim ela pode crescer.

Após ressurgir da morte, vencedor, Jesus aparece às mulheres que voltavam às pressas do túmulo vazio e diz:

*“Alegrai-vos!... Não tendes medo;
ide anunciar a meus irmãos
que se dirijam à Galileia.
Lá me verão” (Mt 28,9-10)*

No caminho de preparação para o 16º Intereclesial, também nós acolhemos, como ditas hoje, estas palavras do Senhor que nos convidam a partir para encontrar com Ele, que vai à nossa frente para a Galileia. Lá nós o veremos. Jesus nos mostra um Deus que deseja a nossa presença junto dele, que deseja a nossa fraternidade e amizade, que deseja ser visto e encontrado por nós.

“*Lá eles me verão*”. Diante desta página do evangelho, surge naturalmente a questão: Onde podemos ver a Deus? Onde Deus mora hoje?

Essa é uma pergunta muito antiga e muito importante da humanidade e, de modo especial, das pessoas de fé. No tempo do patriarca Abraão e de sua família, quando eram ainda seminômades, peregrinos permanentes, eles encontravam a Deus aqui e acolá. Onde quer que armassem sua tenda, erguiam aí um altar e ofereciam a Deus os seus sacrifícios, alimentando a relação com Ele. Até aí, Deus não havia estabelecido a sua morada na terra, mas apenas se manifestava, aparecendo por aqui.

Este Deus, de rosto ainda desconhecido, fala a Abraão e lhe diz: “*Sai da tua terra, da terra da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei*” (Gn 12,1). Assim, em uma atitude de saída, começa a relação de Abraão com Deus. E a primeira vez que Deus “aparecerá” para Abraão será em Siquém,

junto aos carvalhos de Mambré (cf. Gn 18,1ss), falando com ele como a um irmão e amigo.

Ao libertador do povo, Moisés, Deus irá se manifestar diversas vezes. Começando na sarça que queimava em fogo (cf. Ex 3) até a Tenda do Encontro, onde conversava com o Senhor face a face (cf. Ex 33,7-11). Nesse caminho, Moisés irá experimentar um Deus vivo, presente e atuante na história do seu povo de forma bem concreta. Também nessa ocasião, a presença de Deus está unida a uma ordem de saída: *“O Senhor falou a Moisés: ‘Vai, sobe daqui, tu e teu povo, que fizeste subir do Egito, para a terra da qual jurei a Abraão, a Isaac e a Jacó: tua descendência eu a darei’*” (Ex 33,1). O povo que responde ao chamado de Deus de sair de uma situação de conformação com a opressão, é agraciado com a presença ativa deste Deus que o acompanha no caminho. Deus se faz peregrino com seu povo em peregrinação.

Tempos depois, durante o período da monarquia do povo de Israel, foi erguido em Jerusalém um grande templo, não pela vontade de Deus, mas sim pela vontade humana (cf. 1Rs 8,20-21). A partir de então, aos poucos, este Templo será entendido como o palácio ou a morada de Deus na terra: é desde lá que o Senhor julgará e conduzirá o seu povo.

Nas comunidades locais, chamadas de sinagogas, construídas nas cidades e vilas, onde os judeus iam no dia de sábado, se podia proclamar e refletir sobre as Escrituras Sagradas, mas o Templo era o único lugar onde se prestava o culto. O Deus que se revelou como peregrino com seu povo, agora tem sua habitação estabelecida e estática, situada em Jerusalém, o centro político e também religioso.

Este Templo de Jerusalém, na época de Jesus, estava organizado em diversos pátios, uma espécie de grandes salões abertos que eram câmaras separadas por muros:

- O primeiro era o pátio dos gentios (os estrangeiros), de onde eles não podiam passar;
- Indo adiante, estava o pátio das mulheres, de onde elas, mesmo sendo judias, também já não podiam passar;
- Mais além, encontrava-se o pátio dos israelitas, onde apenas os judeus homens podiam entrar;
- Ali, num espaço mais elevado, ficava a área onde apenas os sacerdotes podiam subir;
- E em seguida, no miolo da grande construção, ficava o Santuário, a parte mais importante de todo o Templo;
- Dentro dele, separado por um véu, estava o Santo dos Santos, uma câmara onde apenas um sumo sacerdote podia entrar, uma vez ao ano, por ocasião da Páscoa.

Assim os judeus entendiam a habitação de Deus entre os seres humanos: um complexo cheio de muros e divisórias, que vai classificando as pessoas de acordo com a raça, o gênero, a casta e a função que exercem. É um templo que exclui. Apenas os mais privilegiados podiam ver a Deus, que se torna distante e inacessível às pessoas simples e comuns, como alguém muito importante que não tem tempo de receber os pequenos em sua sala e manda seus assessores cuidarem disso.

Essa imagem de Deus passará por uma grande mudança com a vinda de Jesus Cristo: *“Muitas vezes e de muitos modos, Deus falou outrora aos nossos pais, pelos profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por meio do Filho”* (Hb 1,1-2). Na plenitude dos tempos, Deus se revela de uma vez por todas vindo ao mundo pelo ventre de uma mulher, a jovem Maria de Nazaré, e se faz gente em Jesus, o Nazareno (cf. Jo 1,14; Lc 1,26-33).

Jesus tem um grande respeito pelo Templo de Jerusalém, como bom judeu que é, mas ao mesmo tempo, ele declara o fim daquele sistema religioso do Templo e a sua substituição. João, já no segundo capítulo do seu evangelho, nos apresenta a cena de Jesus no Templo, por ocasião da festa da Páscoa (cf. Jo 2,13-22). Depois que Jesus expulsou com o chicote os vendedores e cambistas do Templo, os judeus o questionam: *“Que sinal nos mostras para agires assim?”* (v. 18). Eles querem saber com que autoridade Jesus estava fazendo aquelas coisas, vistas como “baderna” aos seus olhos. Então, Jesus vai responder aos judeus: *“Destruí este santuário, e eu o levantarei em três dias”* (v. 19). E enquanto eles pensam que Jesus está falando daquela construção, o evangelista nos diz que ele falava *“do santuário que é o seu corpo”* (v. 21).

É uma coisa magnífica! Esse episódio guarda uma grande reviravolta da história. Até então, os judeus acreditavam que Deus habitava o Santuário no miolo do Templo de Jerusalém, mas Jesus diz que o seu corpo é o verdadeiro Santuário. O corpo de Jesus de Nazaré, nascido de mulher, imigrante e fugitivo no Egito, criado na periférica Galileia, trabalhador, companheiro dos pequenos da sociedade, condenado injustamente, preso, torturado, morto e ressuscitado, será o verdadeiro santuário de Deus. Jesus transfere para si o lugar que durante muito tempo foi restrito a espaços físicos bem delimitados, às vezes itinerantes, às vezes estáticos: Ele é a nova “Tenda do Encontro” e o novo “Templo”, lugar onde podemos ver a Deus.

Destruíram mesmo este santuário, como Jesus disse, mas ele o reconstruiu em três dias, e no primeiro dia da semana, ressuscitou e apareceu às mulheres dizendo: *“Partam para a Galileia, lá vocês me verão”* (Mt 28,10). *“Lá vocês me verão”* e vendo Jesus Crucificado-Ressuscitado, vemos a Deus, não mais escondido atrás de tantos muros, mas livre, aberto, disponível a todos, identificado com todos e, em especial, com os pequenos deste mundo (cf. Mt 25,31ss).

Se queremos ver a Deus, precisamos olhar para Jesus e se queremos

olhar para Jesus, precisamos voltar à Galileia. Não se trata de ir para aquela velha Galileia do Oriente Médio para encontrá-lo, mas sim de partir para as Galileias de nosso tempo. A Galileia, para Jesus e seus irmãos e irmãs de caminhada, é onde tudo começou. Foi ali, na sinagoga de Nazaré, seu pequeno povoado, nas cidades vizinhas, em Cafarnaum e Tiberíades, que a missão foi se tornando vida e a vida foi manifestando a presença do Reino de Deus (cf. Mc 1,14-15). Antes os judeus eram chamados a partir de onde estavam — no caso de Jesus, da Galileia — para encontrar a Deus no Templo de Jerusalém. Agora, é o próprio Deus, no Cristo Ressuscitado, que pede para os seus saírem de Jerusalém — onde ele foi martirizado — e seguirem para a Galileia, pois lá eles o verão.

A Galileia é a imagem de toda periferia, onde Jesus nos pede para encontrar a Deus, desde onde Jesus nos pede para ver o mundo. De fato, “o mundo se vê melhor desde a periferia” (Papa Francisco), pois desde a periferia vemos o mundo com os olhos de Deus, que decidiu habitar na periferia e fazer da humanidade periférica a sua morada.

Tudo o que é de Cristo passou para a comunidade dos seus discípulos, a Igreja: o templo de Deus é a Igreja, a comunidade daqueles que morreram com Cristo e, com Ele, renasceram pelas águas do Batismo (cf. Rm 6,3-4). Nenhum dos patriarcas ou profetas foi chamado de templo de Deus, mas nós, o povo da Nova e Eterna Aliança, sim: “*Não sabeis que sois um templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá. Pois o templo de Deus é santo, e esse templo sois vós*” (1Cor 3,16-17).

Se é verdade que podemos encontrar a Deus na comunidade dos batizados que vivem no mundo a vida de Cristo, o Templo de Deus, é verdade também que podemos encontrar a Deus nos pequenos deste mundo, com quem o próprio Cristo fez questão de se identificar profundamente. Os pobres e os pequenos deste mundo são um *lugar teológico*, ou seja, um lugar onde podemos encontrar a Deus, ouvir a Deus, tocar em Deus (cf. *Dilexi te*, n. 19). Como nos disse o saudoso Papa Francisco no Dia Mundial dos Pobres de 2021: eles são “sacramento de Cristo”, o Filho de Deus.

Neste 16º Intereclesial, nossas comunidades são convidadas a se deixar mover pelo tema: “caminhando com as juventudes na alegria do Evangelho, a serviço do Reino”. Por tudo o que já vimos neste texto-base, podemos perceber que as juventudes são hoje uma grande periferia, não só geográfica, mas existencial. A palavra do Ressuscitado é clara: alegres, devemos ir para as periferias. Alegres, somos chamados a partir ao encontro das juventudes, das que estão perto, das que estão longe, das que estão dentro de casa, das que estão nas praças, nas esquinas, nos coletivos e nas redes digitais. Não há fronteira para essa presença e relação, como não há fronteiras para a experiência de encontro com o Senhor que fez sua morada no meio de nós.

Para encontrar o novo, é preciso partir. Desde o convite a Abraão, a experiência de fidelidade a Deus se manifesta num movimento de saída, de partida constante: Abraão partiu, Moisés partiu, Jesus partiu de sua Galileia em uma peregrinação por povoados, vilas e cidades. Se não partimos, e se as nossas comunidades permanecem estáticas, então assinamos o próprio atestado de óbito da fé e do vigor do Reino.

Voltar à Galileia é um convite para que as nossas comunidades redescubram o frescor da primeira hora, a novidade dos inícios, quando éramos mais entusiastas do Reino, jovens dispostos a testemunhar o Evangelho de Jesus de Nazaré sem comodismos e barreiras. Apenas se formos capazes de sacudir a poeira dos pés, como fizeram as mulheres que às pressas, saíram do túmulo, e se nos deixarmos renovar pelo chamado do Senhor, que nos pede para partir, poderemos ser comunidades atrativas às novas gerações, que já não vêm pelos discursos, mas pelo testemunho. Não podemos ter medo, pois o Senhor que nos envia também nos acompanha: “Partam para encontrar as juventudes. Nela, vocês me verão”.

Para refletir nas comunidades (CEBs, grupos de jovens, círculos bíblicos e outros espaços)

- 1- Que outras Galileias Juvenis, além dessas trazidas no texto-base, precisamos olhar com sensibilidade e compromisso?
- 2- Como podemos mobilizar nossas comunidades a serem cada dia mais acolhedoras às diversas realidades juvenis?
- 3- O que Deus está dizendo a nós através das juventudes de nosso território?

Conhecendo quem fez esse caminho conosco: Atuação prática e profissional dos autores e autoras

Celso Loraschi – assessor de Formação Bíblica em Santa Catarina, professor em cursos de Extensão e de Pós-Graduação da Faculdade Católica de SC/Fpolis.

Cícera Laércia Nascimento de Sousa – integrante do Conselho de Pastoral da Diocese de Crato, Coordenadora do CPP da Paróquia Nossa Senhora das Dores - Jamacaru-CE.

Claudio de Oliveira Ribeiro – pastor metodista, professor de Ciência da Religião na UFJF, assessor das CEBs e de movimentos ecumênicos e inter-religiosos, integrante do Coletivo Memória & Utopia.

Débora Giehl – jornalista e comunicadora, professora de Letras-Espanhol, ativista das Católicas pelo Direito de Decidir.

Dom Gabriel Marchesi – bispo da Diocese de Floresta-PE, integra a Comissão Episcopal para o laicato, da CNBB, sendo o bispo referencial para as CEBs.

João Marcos Picarti – educador popular, atuante na Irmandade dos Mártires da Caminhada e no Cajueiro, Coordenador Regional da CPT Goiás.

João Melo e Silva Junior – educador, membro do Grupo Diversidade Católica (RJ) que integra a Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+, filiada ao Conselho Nacional do Laicato do Brasil (CNLB).

Joaquim Jocélio de Sousa Costa – padre na Diocese de Limoeiro do Norte-CE, membro da coordenação das Escolas de Fé e Cidadania São Romero, assessor das Comunidades Eclesiais de Base .

Lívia Lages - integrante do MEL (Movimento de de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras), atua na comunidade em Barra do Piraí, no grupo de Patrimônio e na Pastoral da Ecologia Integral.

Luciana Petersen - pastora da Comunidade Oásis, jornalista, assessora de comunicação do Instituto de Estudos de Religião (ISER), líder do movimento jovem “Novas Narrativas Evangélicas”.

Luis Duarte Vieira – docente da Universidade Estadual de Goiás, integra o Instituto de Pastoral Vocacional, O Instituto Catarinense de Juventude e é presidente do Centro de Juventude Cajueiro.

Dom Luiz Fernando Lisboa – Bispo da Diocese de Cachoeiro de Itapemirim-ES, integra a Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial, da CNBB.

Maicon A. Malacarne – padre na Diocese de Erechim-RS, professor de Teologia Moral na Itepa Faculdades, em Passo Fundo-RS. Foi membro da Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude.

Maria Joaquina Fernandes Pinto (Quininha) - teóloga, assessora das Comunidades Eclesiais de Base, atua na formação teológica e pastoral de cristãs/ãs leigos e leigas.

Neuza Mafra – pedagoga, assessora das Comunidades Eclesiais de Base, membro do GT de Formação das CEBs do Brasil e da LAC Latinoamericana e Caribenha de identidade e espiritualidade da Cáritas.

Priscilla dos Reis Ribeiro – pastora da Igreja Batista do Caminho, pesquisadora

das culturas indígenas, assessora de movimentos sociais e ecumênicos, integrante do Coletivo Sementes da Democracia.

Ricieri Benedetti – comunicador social, educador popular, músico e artista. Assessor de campanhas na Casa Galileia e cofundador do Centro de Educação Popular Gralha Azul, onde atua em iniciativas sobre juventudes, sinodalidade e justiça socioambiental.

Rino Bonvini – padre e missionário Comboniano, médico psiquiatra, brasileiro naturalizado, mora e trabalha no Bom Jardim em Fortaleza-CE desde 1996, como presidente e fundador do Movimento de Saúde Mental (MSM).

Robson da Silva Oliveira - historiador, pesquisador sobre temas das juventudes, coordenador dos cursos virtuais do Centro de Juventude Cajueiro em Goiás, atuou na Coordenação Nacional da Pastoral da Juventude de 2017-2021.

Rocheli Koralewski – cientista social, educadora, pesquisadora sobre juventudes e artista, atua no Alto do Rio Uruguai, Erechim-RS. Co-fundadora do Centro de Educação Popular Gralha Azul.

Rosemary Fernandes da Costa – teóloga, assessora de grupos e movimentos de juventude e integrante do MEL (Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras).

Suzana Moreira – teóloga, ativista socioambiental, educadora popular. Atua junto ao Movimento *Laudato Si'* em nível nacional e internacional, e faz parte da Rede Nacional de Grupos Católicos LGBTQ+ e do MEL (Movimento de Juventudes e Espiritualidades Libertadoras).

Vanessa Araújo Correia – pesquisadora sobre juventudes, gestora e assessora na área educacional. Foi assessora da Pastoral da Juventude no Regional Sul 1.

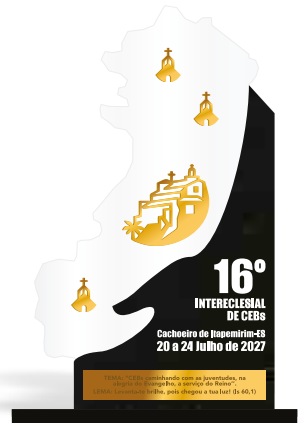
Verônica Michelle Gonçalves - educadora, pesquisadora sobre juventudes. Foi secretária nacional da Pastoral da Juventude 2020-2022 e atualmente é articuladora da Rede Caminho de Esperança.

Vileci Basílio Vidal – padre na Diocese de Crato, assessor das Comunidades Eclesiais de Base, membro da Comissão Sócio Transformadora da diocese, articulador do grupo Ecos do Caldeirão e assessor nacional da pastoral da AIDS.

Victor Paiva – Leigo franciscano, pertencente à Ordem Franciscana Secular. Amazônida, de Castanhal-PA. Catequista e teólogo.

Leitura Mística do Ícone do 16º Intereclesial de CEBS – Regional Leste 3 –

- O ícone do 16º Intereclesial de CEBS revela, em sua forma e símbolos, a **presença amorosa e constante de Deus** que caminha com seu povo no território do Estado do Espírito Santo. O mapa do Estado, moldado em **acrílico transparente**, expressa a ação invisível e real do **Espírito Santo**, que não se vê, mas sustenta, anima e dá vida à caminhada das comunidades. Assim como O Espírito, o acrílico permite que a luz atravesse, recordando que Deus age no silêncio, na leveza e na liberdade.



- As **quatro dioceses** - Cachoeiro de Itapemirim, Colatina, São Mateus e a Arquidiocese de Vitória estão representadas pelas imagens das catedrais e pelo **Convento da Penha** que está no centro, representando também o coração espiritual do Estado, referência de fé, devoção e resistência.
- Na base do ícone, a **mão estendida** é sinal do **acolhimento e do amor de Deus** que sustenta a caminhada das comunidades Eclesiais de Base. Em consonância com o cartaz do 16º Intereclesial de CEBS, ela expressa a ternura divina que envolve e fortalece o povo em sua missão.
- A **cor preta da base**, inspirada no granito preto tão presente no norte do Estado, representa um pilar fundamental da economia, da cultura e da identidade do estado, e ao mesmo tempo a preocupação profética da Igreja com a destruição da nossa Casa Comum.
- Assim, o ícone proclama que é o **Espírito Santo** quem e anima da Igreja a no estado do Espírito Santo, sustenta caminhada conduzindo caminhar o povo a com as **juventudes**, na alegria do Evangelho e a serviço do Reino, acolhendo o chamado que ressoa como luz e compromisso: *“Levanta-te, brilhe, pois chegou a tua luz!” (Is 60,1).*

ORAÇÃO DO 16º INTERECLESIAL DE CEBs

Ó Espírito Santo, nas terras que levam o Teu Nome nos reunimos para agradecer e para celebrar a vida de nossas milhares de Comunidades Eclesiais de Base espalhadas pelo Brasil e pelo mundo afora.

Ó Espírito Santo, por mandato do Pai, geraste no seio da Mãe Maria, o Salvador da humanidade, Jesus Cristo. Com Ele queremos construir o Reino de Deus aqui para alcançarmos o que há de vir.

Ó Espírito Santo, sopra sobre nós para cuidarmos de nossa Casa Comum, para sermos uma Igreja sinodal mais comprometida com a causa dos pobres, daqueles que vivem nas periferias geográficas e existenciais. Anima nossa esperança e nossa atitude num diálogo fecundo entre as religiões e entre os povos, para sermos um só Povo, o Povo de Deus.

Ó Espírito Santo, abençoa o 16º Intereclesial das Ceb's para que antes, durante e depois dele tratemos desse desafio tão importante: “CEBs: Caminhando com as Juventudes, na Alegria do Evangelho a Serviço do Reino”. Amém, Axé, Awerê, Aleluia!

(Dom Luiz Fernando Lisboa, CP. 04 de novembro 2025-Cachoeiro de Itapemirim – ES)

HINO DO 16º INTERECLESIAL DE CEBs

VEM E VÊ

Vem e vê, décimo sexto chegou! No coração da CEB's nosso povo se ajuntou!

- 1.** Nosso povo capixaba é um povo hospitaleiro,/ bem vindo, seja bem-vindo a Diocese de Cachoeiro;
- 2.** Paraná e Mato Grosso foi nossa última parada,/ agora o “Trem” tá chegando nesta terra Capixaba;
- 3.** Nossa Senhora da Penha e do Amparo do seu povo,/ guie nossas Comunidades que buscam esse “jeito novo”!
- 4.** Levanta, vem juventude, pois chegou a sua Luz,/ na alegria do Evangelho, pelo Reino de Jesus.



Diocese de Cachoeiro de Itapemirim - ES